

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGEO**

Aline Chelone Maia Aleixo

**FÉ, IDENTIDADE E CULTURA NA FESTA DE SANTA ROSA DE LIMA, DISTRITO
DE MONTES CLAROS – MG**

**MONTES CLAROS
JULHO/2016**

Aline Chelone Maia Aleixo

**FÉ, IDENTIDADE E CULTURA NA FESTA DE SANTA ROSA DE LIMA, DISTRITO
DE MONTES CLAROS – MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território, Cultura e Meio Ambiente

Orientadora: Maria das Graças Campolina Cunha

MONTES CLAROS
JULHO/2016

Aleixo, Aline Chelone Maia.

A366f Fé, identidade e cultura na festa de Santa Rosa de Lima, distrito de Montes Claros - MG [manuscrito] / Aline Chelone Maia Aleixo. – Montes Claros, 2016.
121 f. : il.

Bibliografia: f. 108-112.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Campolina Cunha.

1. Cultura. 2. Lugar. 3. Festa – Manifestações populares. 4. Santa Rosa de Lima – Distrito de Montes Claros (MG). I. Cunha, Maria das Graças Campolina. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título.

Catálogo: Biblioteca Central Professor Antônio Jorge

Aline Chelone Maia Aleixo

**FÉ, IDENTIDADE E CULTURA NA FESTA DE SANTA ROSA DE LIMA, DISTRITO
DE MONTES CLAROS – MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território, Cultura e Meio Ambiente

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria das Graças Campolina Cunha (orientadora) – Unimontes

Profa. Dra. Angela Fagna Gomes de Souza – UFAL

Profa. Dra. Anete Marília Pereira – Unimontes

*Dedico esta dissertação a todos que de maneira direta ou indireta
contribuíram para a concretização desta etapa em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Como uma pessoa de fé que sou, agradeço primeiramente a Deus por sempre estar ao meu lado nos momentos de turbulência e de alegrias.

Agradeço a minha família Cida, Paulo, Emílio e Paulinho por acreditarem no meu esforço e dedicação e por toda atenção dispensada. O apoio emocional, as orações e as palavras de ânimo foram fundamentais para a elaboração desse trabalho. Sem vocês, meus amores, nada disso seria possível.

Agradeço também, de coração, ao meu noivo Tiago Salles pelo apoio, incentivo e pelas madrugadas de estudo. As horas de lazer também foram essenciais para descansar a mente, trazendo mais inspiração para a escrita.

Os meus sinceros agradecimentos aos professores do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, em especial a Anete Marília, Marcos Esdras, Iara Soares pela influência e orientações repassadas na sala, nos laboratórios de pesquisa e nos corredores da Unimontes.

A minha amiga e orientadora Maria das Graças agradeço imensamente pelas palavras, orientação e empolgação para o início, desenvolvimento e término dessa pesquisa. Com ela aprendi a conhecer mais um lado dos estudos geográficos e de enxergar belezas em momentos que muitas vezes passam despercebidos ao olhar do pesquisador. A sua tranquilidade e experiência foram elementos chave para facilitar e efetivar o processo da escrita. Muito obrigada!

A todos os colegas do PPGeo pelo compartilhamento do conhecimento e principalmente das ansiedades no decorrer do curso.

Um grupo especial de amigos que contribuiu para o esforço e a vontade de ir além das pesquisas do espaço geográfico. Muitas foram às discussões em casa e até mesmo na mesa dos bares: Daniela Mendonça, André Alves, Dayse Anne, Adinei, Fabiana entre outros tantos que respeitaram e entenderam os momentos de renúncia nesse momento de dedicação.

Agradeço também o colega de laboratório do Geoprocessamento, André Medeiros que contribui na elaboração dos mapas e nas ideias para compor o material cartográfico.

De modo especial, agradeço aos padres João Batista e Adilson Ramos pela colaboração na compreensão dos processos religiosos de forma geral.

Ao colega de trabalho, Marcos José pelo amparo e por entender o momento de dedicação aos meus estudos.

Aos moradores de Santa Rosa de Lima, Nice, Ló, Rogério, Dona Didi, Dona Mercês, Senhor Cabiúna, dentre tantos outros que sempre demonstraram interesse em ajudar e contribuir com o meu estudo, acompanhando minhas visitas e me apresentando aos moradores. De maneira especial à Fabiana e Senhor Biruca, família que me ofereceu pouso e alimentação; muita gratidão pela atenção dispensada.

Agradeço aos festeiros de Santa Rosa de Lima que através das suas vivências na fé e dedicação possibilitou a interpretação da festa para a composição desse trabalho.

RESUMO

As diferentes formas de manifestações culturais que ocorrem atualmente no espaço das comunidades rurais sugerem a compreensão das diversas apropriações e reinvenções desses lugares, como também a importância e os distintos significados que as festas religiosas têm para uma determinada sociedade. Os festejos religiosos sempre contribuíram para a formação da cultura e da identidade local e são responsáveis pela dinâmica da sociedade que está diretamente ligada a essas comemorações. O catolicismo popular ao adentrar o território norte-mineiro proporcionou uma nova interpretação das práticas religiosas ditas oficiais proporcionando maneiras diferentes de exaltação da fé. A categoria lugar nesse trabalho é apreendida através do distrito de Santa Rosa de Lima, localizado no município de Montes Claros – MG. O seu histórico de festividades religiosas dedicadas a Bom Jesus, Santo Antônio e a sua padroeira que dá nome a essa comunidade, bem como a importância dessa festividade para os seus habitantes e para aqueles que retornam no período da festa é o principal foco de interpretação para desenvolver o estudo. Através do resgate da memória foi possível compreender as mudanças e o que persiste até hoje na festa. Portanto, propõe-se compreender a dinâmica da festa popular religiosa de Santa Rosa de Lima e sua importância na formação do lugar, da identidade e da cultura da população, bem como as transformações e persistências dos elementos festivos diante dos diversos fenômenos contemporâneos. Para isso, o referencial teórico apoiou-se nos conceitos de cultura, identidade, lugar, catolicismo popular, festas, dentre outros. As leituras embasadas na Geografia Cultural e Humanista e os subsídios geantropológicos foram fundamentais para tecer a escrita. Nesse mesmo sentido o resgate da memória foi essencial para aprofundar o olhar e o entendimento das percepções e manifestações dos sujeitos envolvidos nessa manifestação religiosa. O estudo realizado proporcionou compreender as modificações e persistências de algumas características da festa e como a mesma tem a sua importância na vivência das sociabilidades e na manutenção da fé dos seus participantes.

Palavras-chave: Cultura. Lugar. Festa. Santa Rosa de Lima.

ABSTRACT

The different forms of cultural manifestations that currently take place in rural communities, suggests the comprehension of the diverse appropriation and reinventions of those places, as well as the importance and the different meanings that religious feasts have to a certain society. The religious festivities have always been contributing to the creation of the culture and local identity, and are responsible for the dynamical of the society that is directly related to these celebrations. Catholicism, when it entered the North American territory, provided a new interpretation to the religious practices. Providing different ways of faith exulting due to the transformations to hold in it African and Indians cultural rituals, adapting this religion to those population's beliefs. The place category on this study is apprehended through the comprehension of the affective links between inhabitants and the sense of belonging related to the district of Santa Rosa de Lima, located in Montes Claros –MG. The history of the religious feast dedicated to Bom Jesus, Santo Antônio e its patron saint which the community is named after, as well as the importance of these festivities to its inhabitants e to those who return in this period, were the main focus of interpretation to develop this study. Through memory it was possible to understand either the changes or the traditions that remain. Thus, it is proposed to embark the popular religious feast's dynamics of Santa Rosa de Lima and its importance in the formation of the place, population's identity and culture, as well as its transformations e persistence of the festival elements among diverse contemporary phenomena. Therefore, theoretical reference is based on the concepts of culture, identity, place, popular Catholicism, feasts, and others. Readings based on Cultural and Humanistic Geography and geoanthropologic subsidies were fundamental for the writing. On the same sense the rescue of memory was essential to look into and understand the perceptions e manifestations of the subjects involved in this religious manifestation. The study provided understand the changes and persistence of some party features and how it has its importance in the experience of sociability and maintaining the faith of the participants.

Keywords: Culture. Place. Feast. Santa Rosa de Lima.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1: Sagrado e profano - dimensões de análise	24
Figura 2: Distrito de Santa Rosa de Lima, Montes Claros- MG	59
Figura 3: Imagem de Santa Rosa de Lima, Montes Caros – MG.....	59
Figura 4: Cronologia das práticas religiosas da festa	73
Figura 5: A fogueira de antigamente	81

Lista de Gráficos

Gráfico 1- Estimativa de participantes na Festa de Santa Rosa de Lima, Montes Claros-MG	55
---	----

Lista de Quadros

Quadro 1 - Estimativa do número de participantes nas Festividades Religiosas	53
Quadro 2 - Povoados que pertencem ao distrito de Santa Rosa de Lima, Montes Claros-MG	60

Lista de Mapas

Mapa 1: Localização do distrito de Santa Rosa de Lima, Montes Claros - MG	15
Mapa 2: Padroeiros dos distritos de Montes Claros -MG	54
Mapa 3: Povoados Visitados em Santa Rosa de Lima-MG	61
Mapa 4: Cidades de onde saem os participantes da Festa de Santa Rosa de Lima – MG.....	69

Lista de Mosaico de Fotos

Mosaico de fotos 1: Praça Bom Jesus em Santa Rosa de Lima.	75
Mosaico de fotos 2: Preparação das refeições	76
Mosaico de fotos 3 : Procissão com as bandeiras e os andores.....	77
Mosaico de fotos 4: Alvorada festiva.....	83
Mosaico de fotos 5: Ocupação dos bancos na igreja.....	86
Mosaico de fotos 6: Os três andores.....	91
Mosaico de fotos 7: As bandeiras e os mastros	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Número de moradores dos distritos do município de Montes Claros -MG..29

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PMMG – Polícia Militar de Minas Gerais

PMMC – Prefeitura Municipal de Montes Claros

DOPS – Departamento de Ordem e Política Social

PRONAF – Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRORURAL – Programa de Assistência ao Trabalhador Rural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E CULTURAL DE MONTES CLAROS: A CONSTRUÇÃO DO(S) LUGAR (ES) NORTE-MINEIRO(S).....	20
1.1. Os contornos simbólicos de Montes Claros: o lugar e seus significados	21
1.2. Cultura: amplos significados e interpretações	30
1.3. O Catolicismo Popular Brasileiro	36
1.4. Festas religiosas: as interfaces do sagrado e do profano	40
CAPÍTULO 2 - MONTES CLAROS E AS SIGNIFICAÇÕES DAS FESTAS POPULARES RELIGIOSAS	44
2.1. Festas religiosas dos distritos de Montes Claros	46
2.2. O lugar: Santa Rosa de Lima	58
CAPÍTULO 3 - A FESTA EM HOMENAGEM A PADROEIRA SANTA ROSA DE LIMA: TROCAS E VIVÊNCIAS	71
3.1. A crença aos santos venerados.....	73
3.1.1. Festejo a Bom Jesus.....	74
3.1.2. Festejo a Santo Antônio.....	84
3.1.3. Festejo a Santa Rosa de Lima.....	88
3.2. Memórias da fé	93
3.2.1. Festeiros: a dádiva do festar	97
3.3. O entremear do não religioso com a festa religiosa.....	100
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	104
REFERÊNCIAS	108
ANEXOS	113



O momento mágico da festa preenche o cotidiano de tal forma que quando ela se esvai fica uma tristeza, um vazio...

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido a partir da busca em interpretar uma pequena comunidade do interior do Norte de Minas Gerais através da sua manifestação local, a festa em homenagem a sua padroeira, e, para isso, foi eleita a categoria lugar.

Por meio da contribuição simbólica da tradição e da religiosidade que envolve o município de Montes Claros, e, especificamente neste trabalho que diz respeito à festa em homenagem à padroeira Santa Rosa de Lima, que ocorre no distrito que leva o mesmo nome, é possível compreender algumas dinâmicas socioculturais que formam o território Norte Mineiro.

Santa Rosa de Lima é um lugar que representa e reflete as características rurais tão presentes na vida urbana de Montes Claros, o mais importante município de todo o território norte-mineiro, ocupando uma posição de centralidade e de referência regional no setor de serviços, economia e cultura.

Montes Claros apresenta características marcantes da urbanidade, mas também refletem fortes elementos do rural, que, mesmo com o crescimento econômico e com a vasta prestação de serviços como os de saúde e educação, não se dissipa, ao contrário, o rural se fortalece através das suas manifestações culturais, do cotidiano, das relações sociais e até mesmo nas trocas comerciais como correm nas feiras de bairro, no Mercado Central, nas festas tradicionais e religiosas, etc. Esses costumes são vivenciados e se apresentam como espaços e momentos de diálogo, de experiências e de relações simbólicas que caracterizam suas tradições.

As festas tradicionais que ocorrem na região são uma demonstração dessa mescla que distingue Montes Claros e em específico o distrito de Santa Rosa de Lima, palco de interpretação para o desenvolvimento desse trabalho.

Em divisão territorial datada em 2001 consta que o município é constituído por 10 distritos sendo eles: Montes Claros, Aparecida do Mundo Novo, Ermidinha, Miralta, Nova Esperança, Panorâmica, Santa Rosa de Lima, São João da Vereda, São Pedro da Garça e Vila Nova de Minas. Cada um desses locais possui um calendário festivo que reforça suas tradições e dinamizam o espaço no momento de comemoração dos festejos.

A festa que acontece em Santa Rosa de Lima em homenagem a padroeira ocorre anualmente no mês de julho há mais de setenta anos e tem um vasto significado para todos que se fazem presentes e para aqueles que a organizam nos bastidores do evento. Ela consegue reunir a comunidade em diversos aspectos, sendo o principal deles a devoção aos santos católicos e o desejo de participar do momento festivo e praticar a “dádiva¹”.

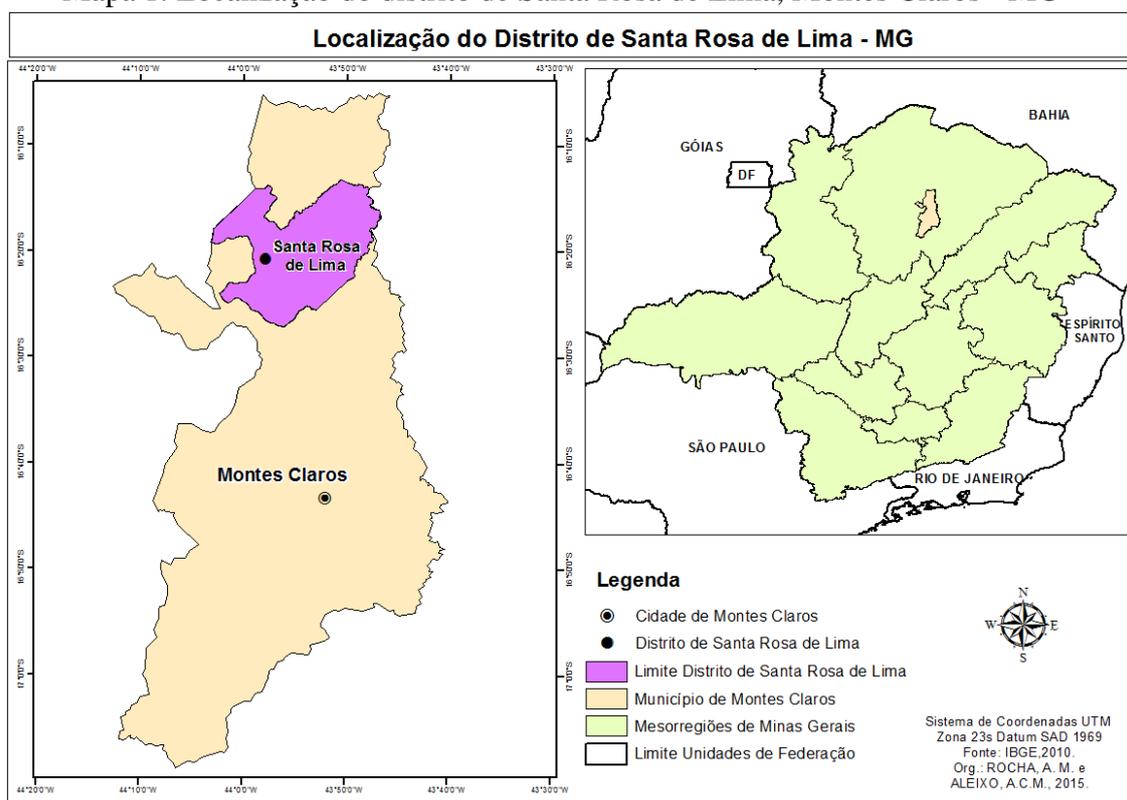
Porém, como ocorre em todo espaço, seja ele rural ou urbano, as festividades de ordem religiosa passam por alterações a partir de influências externas que alcançam as dimensões econômicas, política e cultural da festa. Nesse processo, acentuam-se as transformações socioespaciais que envolvem o profano e o sagrado, em que se aceleram os processos de mercadificação e espetacularização da festa. A partir das novas dinâmicas, a tradição é reafirmada pela continuidade dos rituais sagrados, ao mesmo tempo em que a população apreende novas formas de vivenciá-la.

Portanto, este estudo teve como objetivo compreender a dinâmica da festa tradicional e religiosa que acontece em Santa Rosa de Lima (mapa 1), bem como sua importância na formação identitária e cultural da população. Também foi de suma importância interpretar as transformações e persistências da cultura diante dos fenômenos advindos dos processos da contemporaneidade².

¹Na compreensão dada por Mauss a dádiva é uma ação que ocorre desde os primórdios e está regulada basicamente por três elementos que consistem em: dar, receber e retribuir. Esses elementos se inter-relacionam, ou seja, se misturam, “misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas”. É um processo simbólico, carregado de signos da coletividade. “Essa instituição tem também sua face mítica, religiosa e mágica” (MAUSS, 2003, p.212).

²A contemporaneidade é entendida através dos processos que ocasionam modificações diretas em algumas dimensões como a social, econômica, política e cultural. Na cultura os movimentos que acentuam essas transformações podem ser encontrados na cultura de massa, no consumismo e na mercadificação da cultura.

Mapa 1: Localização do distrito de Santa Rosa de Lima, Montes Claros - MG



Org.: ROCHA, A. M.; ALEIXO, A.C.M., 2015.

Também se pretende discutir a contribuição e a importância da festa em homenagem a padroeira Santa Rosa de Lima para a identidade e formação cultural da comunidade, através do catolicismo popular sendo essa temática uma das formas de compreender a constituição cultural do Norte de Minas Gerais, bem como interpretar as mudanças que ocorrem na festa no que diz respeito às práticas religiosas e as tradições.

Para abranger toda essa complexidade de fenômenos tradicionais e religiosos, alguns questionamentos foram lançados, como entender a festa que ocorre em Santa Rosa de Lima, uma comunidade rural que apresenta, assim como as demais comunidades rurais atuais, características também urbanas relacionadas ao trabalho e o acesso à tecnologia.

Portanto, para abarcar o conceito³ espacial do lugar, bem como os fenômenos contemporâneos, tradicionais e religiosos, alguns questionamentos foram lançados. Como entender a festa que ocorre em Santa Rosa de Lima a partir das suas (re)significações e persistências? Qual a importância e o significado da festa para aqueles que a organizam e participam dessa manifestação? O que move as pessoas a estarem presentes nos dias do

³ A categoria lugar é tratada por Holzer (2014, p. 290) como conceito espacial enquanto “suporte físico” onde se assentam todas as coisas, ou seja, o que na disciplina chamamos de categorias ou conceitos espaciais.

festejo? Como compreender o acontecimento da “Guerra Santa” e seus efeitos para os moradores? Essas indagações foram surgindo no decorrer da pesquisa e da escrita do trabalho e serão replicadas nos capítulos a seguir.

Nesse sentido, as festas religiosas populares são importantes manifestações que congregam valores e símbolos que dinamizam o cotidiano e criam identidades com o lugar e isso acontece porque nelas são revividos os valores e os costumes que derivam e formam uma cultura.

A Geografia Humana e, em específico a Cultural e Humanista, abarcam esses conteúdos que envolvem a cultura popular, os comportamentos e as representações e isso também compreende todas as dinâmicas culturais que são vividas a partir dos saberes, dos costumes, das experiências tendo como elemento principal o cotidiano das pessoas e das comunidades no lócus de reprodução da vida. Para os autores como Claval (2001, 2002), Corrêa (2007) e Almeida (2003, 2008, 2011), a cultura é uma das formas de compreender as relações estabelecidas entre as pessoas e o lugar, e essas relações podem ser visualizadas a partir de um olhar interpretativo do geógrafo.

Através do aporte desse viés interpretativo, a compreensão da cultura norte-mineira tornou-se fundamental para entender os diversos leques de relações que são estabelecidas nesse território compondo assim, os lugares. Eles se tornam eixos norteadores para compreender a festa de Santa Rosa de Lima e a identidade com o lugar que ali se estabelece e são vivenciadas na festa e na memória da população local.

Portanto, a construção teórica que se encontra na primeira parte desse trabalho mescla o festar em Santa Rosa de Lima com o cenário norte-mineiro; essa construção interpretativa foi a forma encontrada para aproximar a teoria da realidade local, ou seja, o espaço vivido do cotidiano e da festa.

Para compreender a dinâmica das festas religiosas populares que ocorrem no município de Montes Claros, e, especificamente em Santa Rosa de Lima, faz-se necessário entender as construções e influências culturais desse lugar. A cultura é responsável pela dinâmica espacial em que os sujeitos modificam o seu ambiente dando assim, um sentido a ele. Isso corrobora com diversos fenômenos, os quais estão associados às manifestações culturais, religiosas, dentre outras. A religião, por exemplo, é constituída através das práticas culturais. O catolicismo popular é uma dessas práticas que se formou nesse contexto das amarrações sociais estabelecidas no espaço com todas as relações simbólicas que ali ocorrem e estão envolvidas.

Nessa perspectiva, para abarcar as relações entre gente e lugar, valores e costumes, ou seja, as relações socioculturais que desvelam a comunidade de Santa Rosa de Lima, alguns subsídios interpretativos foram essenciais. A cultura tornou-se um conceito importante nesta caminhada. Compreender a Festa de Santa Rosa de Lima a partir da categoria *lugar* permite analisar o espaço de forma holística, ou seja, entender intimamente o fenômeno festa religiosa popular, numa tentativa de abarcar todos os significados e valores da mesma. Através da produção do espaço social, que ocorre a partir desse evento religioso, é possível visualizar as transformações proporcionadas pela inserção da contemporaneidade, através da urbanidade que adentrou o espaço rural, proporcionando uma espécie de (re) organização dos lugares, como também do modo de vida e da cultura.

A condução da pesquisa esteve pautada no levantamento de informações sobre o lugar, a interpretação e a valorização de todos os aspectos simbólicos, culturais, identitários e religiosos da comunidade em questão. Entretanto, antes de adentrar a comunidade rural de Santa Rosa de Lima, fez-se necessário compreender a realidade social, cultural e identitária do Norte de Minas Gerais sendo esse território composto “por linhas de fronteiras que afirmam a distintividade regional” (LOPES, 2010, p.12).

A partir das falas dos moradores, bem como suas interpretações do espaço vivido em momentos do cotidiano dos habitantes e também no acontecer da festa foi possível a obtenção de informações sobre a comunidade, seus habitantes e a importância da festa para todos eles.

Através da observação participante, foram interpretadas as expressões e os sentimentos que envolvem o acontecer da festa para aqueles que dela participa como também sobre o que permanece e o que modificou nessa manifestação.

Para entender a sistemática que envolve essa festa, alguns instrumentos de pesquisa como o resgate da memória, através da pesquisa oral, dos moradores que habitam o distrito há mais tempo foi utilizada, sendo essencial para compreender todo o processo religioso, festivo e a ampla variedade dos fenômenos e a persistência e modificações da festa. A elaboração do roteiro para o trabalho de campo com o intuito de direcionar a pesquisa no espaço estudado também foi um importante elemento que viabilizou a pesquisa.

O contato com as pessoas que participam do festejo foi estabelecido antes e durante a festa. Antes do período festivo, ocorreu a participação nas reuniões da organização da festa e foram realizadas visitas ao distrito para estabelecer uma relação de confiança com os moradores. Antes de iniciar de fato a pesquisa, essa relação de reciprocidade que se criou, foi fundamental para a realização desse estudo. Outro fator relevante foi o sentimento de altivez

que as pessoas sentiam por ter alguém registrando e acompanhando a festa e que a mesma seria um estudo de caso de uma pesquisa para uma Universidade e o fato de resgatar a memória, tendo a festa de Santa Rosa de Lima como paralelo dessa construção.

Para chegar ao “lugar” Santa Rosa de Lima, optou-se por organizar o trabalho de forma escalar ⁴. No primeiro capítulo, Formação identitária e cultural de Montes Claros: a construção do(s) lugar (es) norte-mineiro(s), em que se encontram as discussões teóricas que sustentam a pesquisa desenvolvida, é utilizada a macro-escala. Esta permitiu compreender os processos sociais de formação do território norte-mineiro, abarcando nesse bojo, as discussões sobre a cultura, o catolicismo popular, as crenças, as festas populares católicas, ou seja: o lugar da identidade desse povo, em que ela se forma, reproduz e se afirma.

Assim, foram realizadas revisões bibliográficas de obras que abordam o conceito de lugar e os significados simbólicos que essa categoria contém. A cultura também é uma dimensão de importante análise e, nesse primeiro capítulo, foram assinaladas contribuições de alguns autores que definem a cultura e os caminhos metodológicos que cooperam diretamente para a compreensão e significação dessa temática.

No segundo capítulo, Montes Claros e as significações das festas populares religiosas, a escala do trabalho é reduzida para abarcar o município de Montes Claros e, através dele chegar ao distrito de Santa Rosa de Lima, um entre os dez distritos que compõem esse município. Este capítulo também está composto com a história de povoamento e formação dessa comunidade, além de apontar as formas simbólicas que os habitantes criaram para constituírem neste espaço os traços culturais e identitários que lhes são característicos.

A análise do sagrado e do profano enquanto elementos que dinamizam o espaço são importantes fatores que auxiliam no estudo dos fenômenos sociais, dos locais santificados e das manifestações sacro-profanas. As práticas religiosas, como os ritos e a festa, demonstram a dinâmica e a importância da religião como mediadora e também como criadora de conflitos⁵ no lugar.

⁴Optou-se, para a organização desse trabalho, a utilização da metodologia escalar. Não se trata da escala cartográfica, mas sim de uma forma de interpretar a estrutura da festa em suas variadas dimensões. As escalas são utilizadas para quantificar tamanhos, volumes, grandezas, enfim, dimensionar elementos. Quanto maior a escala, maior o universo a ser tratado e menor seus detalhes, ou seja, uma macro-escala demonstra amplitude, já uma pequena escala ou micro-escala é focada nos detalhes, na essência, no que há de mais significativo do objeto de estudo (MARQUES e BRANDÃO, 2015, p.19).

⁵De acordo com observações de Lopes (2008) que realizou estudo da comunidade Santa Rosa de Lima, com a penetração dos evangélicos no distrito de Santa Rosa de Lima e a luta pelo domínio religioso entre católicos e evangélicos, o distrito passou por uma verdadeira “guerra santa”, estabelecendo assim, um cisma religioso nessa localidade. Esse acontecimento será tratado mais a frente nesse trabalho.

E por fim, no terceiro capítulo, A festa em homenagem a padroeira Santa Rosa de Lima: trocas e vivências apresenta-se a menor escala do trabalho, para possibilitar a interpretação do lugar. Nele, é desvendada a cultura local através da manifestação religiosa mais importante que ocorre em Santa Rosa de Lima: a festa em homenagem a sua padroeira. Através das falas dos moradores dessa comunidade foi possível entender que é no vivenciar da festa que a população, juntamente com aqueles que retornam à comunidade, vivenciam, fortalece e reproduzem os laços, a cultura e as singularidades. Entre o passado e o presente, os relatos dos moradores apontam as transformações ocorridas na comunidade ao longo dos tempos. A festa reflete e expõem todas estas transformações e ela foi o objeto escolhido para desvendá-las.

CAPÍTULO 1 - A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E CULTURAL DE MONTES CLAROS: A CONSTRUÇÃO DO(S) LUGAR (ES) NORTE-MINEIRO(S)

Este capítulo versa sobre algumas temáticas recorrentes nos estudos geográficos em que o lugar, enquanto categoria torna-se o facilitador para compreender processos associados à cultura e a identidade de um grupo. Portanto, abranger o espaço a partir de dimensões que dialogam com as práticas sociais e as ligações simbólicas do lugar possibilita adentrar nos contornos que norteiam as manifestações como as festas religiosas populares.

Montes Claros é um município que está inserido no território norte-mineiro e possui celebrações religiosas que são umas das principais formas da sua população interagir com o sagrado e o profano, sendo que os festejos religiosos conseguem abranger outras esferas que vão de encontro com a sociabilidade e com o místico.

Mas, antes de adentrar no universo das festas religiosas populares, considera-se importante entender o que é cultura, tendo em vista que as festas são elementos culturais e estão presentes no meio social e que todas essas dimensões ocorrem no lugar.

O território norte-mineiro é formado por uma composição de lugares que, entremeados, formam a cultura e a identidade que caracterizam a população local. A sua diversidade ambiental é uma das características que contribui na composição desse cenário territorial. Na interpretação de Costa (2005, p.10), esse território ocupa uma área equivalente a 120.000km² com diversos nichos ecológicos interpenetrados e compostos por extensas áreas de transições ambientais entre os Cerrados⁶, a Caatinga, a Mata Seca e com resquícios da Mata Atlântica. Essa diversidade ambiental contribui na formação e construção dos diversos lugares com suas gentes. Nesse viés, para compreender essa constituição, torna-se necessário entender as denominações do que é a cultura.

A cultura, em um primeiro momento, é apresentada enquanto um conceito “geoantropológico” em que a observação das tradições e os modos de vida servem como principais elementos para a base de tal estudo. Os aportes teóricos da cultura e como essa temática contribui na compressão das especificidades de alguns grupos sociais é peça chave para refletir sobre a formação da identidade e como a cultura influencia no conhecimento e na definição dessa temática.

⁶ De acordo com Costa (2005, p.10) na gramática cultural norte-mineira esse bioma é nomeado no plural em decorrência das diversas formações que nele existe e que a população regional distingue, enquanto na gramática científica sua nomeação é resumida, sendo definido apenas como cerrado.

Outra abordagem necessária está vinculada a cultura popular que possibilita o resgate da memória que é um importante elemento para desvelar o passado e para interpretar o presente e que contribui na perpetuação das identidades e das tradições dos diversos grupos sociais.

Nesse mesmo âmbito, o catolicismo popular adentra a essa discussão, já que ele consegue abarcar a cultura que é também formada a partir da religiosidade. O território norte-mineiro também é a amálgama dessa formação religiosa que contribui na suas especificidades enquanto território da fé e do catolicismo rústico. Sendo assim, o território é composto por diversos lugares específicos. A sociedade e a cultura em si não são homogêneas, uma vez que “a diversidade é uma marca indelével na vida social e cultural norte-mineira” (COSTA, 2006, p.11). Portanto, apreender a formação do território, a partir dos lugares, é uma das formas de adentrar aos significados e definições que abrangem essa categoria espacial.

1.1. Os contornos simbólicos de Montes Claros: o lugar e seus significados

O lugar aqui é tratado como categoria principal de análise para entender a complexidade de valores que esse conceito espacial abarca. As manifestações culturais, as tradições, os valores e os costumes são importantes expressões que constituem a identidade de um povo, uma comunidade e/ou um grupo. O lugar também é uma importante categoria para compreender como a cultura e as identidades são formadas e como se dá essa interação do indivíduo com o seu *lócus*, seja através das bases familiares, de convívio ou de momentos em que os sentimentos de pertença se afluam. Para isso, é de suma importância, entender alguns fatores que complementam a essência humana no que diz respeito às fragilidades e afeições que são demonstradas através da emoção e, principalmente, com o que o indivíduo se identifica a partir do comportamento com o outro, do outro e com o coletivo. Portanto, o lugar consegue abarcar essa análise, já que o mesmo é formado a partir do mundo da vida e da experiência constituída no cotidiano.

O autor Yi-Fu Tuan (1983, p.06) realiza uma importante análise do lugar, ele destaca que “as idéias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra”. O autor ainda complementa colocando que “(...) se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então o lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar”. Nessa concepção de lugar, enquanto pausa, demonstra que os acontecimentos que caracterizam uma cultura, uma tradição, muitas vezes têm o seu ápice

(seu apogeu) em momentos de demonstrações da emoção, da fé, da crença em algo. A cultura é desenvolvida unicamente pelos seres humanos. Ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos (TUAN, 1983). A festa é a pausa do movimento característico do espaço cotidiano. O lugar, nesse contexto, é exaltado através dos festejos e dos fenômenos, como a sociabilidade, que ocorrem nesse momento/tempo. Os fenômenos são diversos e as emoções refletem as vivências e incluem os níveis mais altos da memória e da identidade. O lugar é o centro dessas expressões e reúne diferentes dimensões, sendo uma delas a cultural e a formação identitária, sendo o homem o principal agente e passivo dessa construção. Nesse sentido, Tuan (1983, p.40) coloca que “o corpo é ‘corpo vivo’ e o espaço é um constructo do ser humano”. O autor ainda complementa

O homem, pela simples presença, impõe um esquema no espaço [...]. Marca sua presença nas ocasiões rituais que elevam a vida acima do cotidiano e forçam-no a uma consciência dos valores da vida, incluindo aquelas manifestadas no espaço. As culturas diferem bastante na elaboração dos esquemas espaciais (TUAN, 1983, p.42).

O lugar também é o espaço de dinamização da cultura. Nenhum lugar é igual a outro, cada um representa o conjunto de especificidades que determinam a identidade de uma comunidade e as relações de pertencimento construídas através das experiências vividas e as festas são importantes componentes que fortalece essa diferenciação.

Como aponta Tuan, as festividades são eventos que proporcionam o fortalecimento dos laços porque rompem com o cotidiano. Esse acontecimento extraordinário propicia encontros e, assim, o lugar se revigora e se consolida no espaço e no imaginário.

Por isso, o lugar é um conceito espacial que “pode significar mais que espaço físico: sugere espaciosidade ⁷” (TUAN, 1983, p.58). A espaciosidade confere a ideia de movimento, o indivíduo precisa vivenciar outros espaços para identificar-se com o seu lugar e, nesse lugar, é que as relações sociais são estabelecidas e são fortes elementos para o sentimento de pertença e identificação. A relação com o outro, apontada anteriormente corrobora com a afirmação de Tuan (1983, p. 70) em que “as pessoas são seres sociais. Gostamos da companhia de nossos semelhantes. Como toleramos ou apreciamos a proximidade física de outras pessoas, por quanto tempo e em que condições, variam sensivelmente de uma cultura para outra”. Por isso, a importância dos laços instituídos a partir da convivência, das crenças, dos valores e de tudo o que envolve a formação das raízes culturais de um povo.

⁷ Para Tuan a expressão espaciosidade está associada com a sensação de estar livre e essa liberdade implica espaço, ou seja, significa ter espaço suficiente em que atuar e isso envolve o poder básico de locomover-se, nessa ação o espaço e seus atributos são experienciados diretamente e isso possibilita ao indivíduo a experiência direta do espaço através do movimento.

A cultura constitui o lugar, ela consegue abarcar as expressões que identificam, delimitam e especificam uma comunidade. Nesse mesmo sentido, Claval (2001) destaca a institucionalização dos lugares tendo como ponto de partida o grupo social, já que ele é inseparável do espaço. O mesmo autor cita alguns exemplos sobre essa institucionalização como o culto aos mortos, “os lugares onde repousam seus restos mantêm relações ambíguas com o espaço dos vivos: a presença de seus espíritos pode constituir um perigo se eles estão insatisfeitos, mas ela ancora a população ao solo e assegura a continuidade de sua presença” (CLAVAL, 2001, p. 209). Mesmo nas sociedades cristãs, a importância dos cemitérios como ponto de visita e lembrança, também são essenciais para a permanência da cultura e efetivação da memória.

Outra forma de instituição dos lugares é através das práticas religiosas que envolvem o rito, o mito⁸ e os símbolos, estes são capazes de orientar as comitivas, as procissões e todos os outros estágios de manifestações da religiosidade.

Há vários meios de reatar assim os elos através dos quais o espaço é instituído. Pode-se , como se faz por ocasião do lento vagar das procissões ou dos cortejos, restabelecer a sacralidade controlada que caracteriza o espaço dos homens, passando por pontos onde a carga simbólica é mais forte, ou fazendo a volta no conjunto do território a ser purificado – é a fórmula das festas católicas das rogações (CLAVAL, 2001, p.210).

A religião também é uma extraordinária maneira de institucionalizar os espaços. Nessa perspectiva, os espaços simbólicos e os lugares sagrados apresentam-se como importantes mediadores da fé, pois são marcados por signos e significados apresentando uma relação divina e possuem sentimento de pertença por aqueles que participam da experiência religiosa vivida nesses locais.

A difusão da fé e a área de abrangência de uma dada comunidade podem ser agora abordadas. As maneiras como um católico irlandês e um católico brasileiro, um católico rural e um católico metropolitano do Rio de Janeiro experienciam e negociam o lugar sagrado devem ser analisadas e submetidas aos contextos locais (ROSENDAHL, 2007, p.203).

Em alguns estudos realizados por Rosendahl, sobre locais sagrados no Brasil, a autora destaca, a partir de um tipo particular de hierocracia, as hierópolis (cidades sagradas) e todas as dimensões associadas a esses espaços como a econômica, que envolve a diversidade de bens e de serviços disponíveis; a dimensão política, que permite entender as múltiplas

⁸ Narrativa simbólica da verdade não traduzida em teoria. Numa versão mais completa da verdade, o mito pode nos mostrar o invisível de modo visível. Os mitos nos deixam livres na busca do seu significado. Desta maneira, ensinam o sentido da existência e dizem como o homem se compreende em seu mundo. Muitos mitos contam como nasceram costumes, tabus, instituições. Nos mitos, o impensável pode ser pensado e compreendido, o impossível se torna possível (POEL,2013, p.653.)

estratégias espaciais entre a religião e o espaço, e a dimensão de ordem cultural e simbólica, que tem na religião e nas territorialidades o sentido que delimita os lugares sagrados. Compreender a experiência do sagrado no solo que representa a manifestação da exaltação da fé ou a presença simbólica de alguma divindade é umas das formas de entender a dinâmica estabelecida nesses lugares.

Rosendahl (2007) esclarece que as hierópolis apresentam dois espaços diversos e complementares: o espaço do sagrado, onde ocorrem os rituais e onde se encontram os símbolos divinos, e o espaço profano que sustenta os visitantes de suas necessidades de alimentação e descanso. É este último espaço onde se realiza o comércio, tanto de produtos simbólicos relacionados à religião, quanto daqueles voltados para suas necessidades, ou seja, concomitante à festa religiosa, ocorre à dissociação da religiosidade em que, outros sentidos vão sendo explorados e confrontados nesse momento. A referida autora esclarece essa divisão das hierópolis através da figura 1.

Figura 1: Sagrado e profano - dimensões de análise



Fonte: ROSENDAHL, 2007, p.188.

Org.: ALEIXO,2015.

As dimensões de análise do lugar são múltiplas e diversas. Rosendahl apresenta algumas vertentes para auxiliar na compreensão dessa categoria a partir da dimensão religiosa a qual o sagrado e o profano são elementos mediadores na interpretação das formas subjetivas e simbólicas que coexistem nos lugares sagrados.

Ainda nesse sentido, Tuan (1983) legitima essa interpretação e assinala de outra forma, a importância do espaço mítico no seio das comunidades para a edificação dos lugares. Para o autor, ele é responsável por dar respostas do sentimento e da imaginação às necessidades humanas essenciais, relacionadas às suas crenças e religiosidades. O autor coloca que esses espaços fogem do pragmatismo e do cientificismo já que, ignoram a lógica da exclusão e da contradição.

Dessa forma, o lugar é instituído pelos seus significados a partir da vida cotidiana, dos sentimentos agregados e das manifestações culturais. Nesse raciocínio, o espaço mítico é visualizado, como registra Tuan (1983, p. 97) “é uma extensão conceitual do espaço familiar e cotidiano dados pela experiência direta”. Esse espaço mítico é recheado de expressões, mitos, símbolos e ritos.

O espaço mítico é um constructo intelectual. Pode ser muito sofisticado. O espaço mítico é também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais. Difere dos espaços concebidos pragmáticas e cientificamente no sentido que ignora a lógica da exclusão e da contradição (TUAN, 1983, p.112).

Esse espaço é o da subjetividade em que o alcance das práticas culturais e identitárias de uma população rompem com o cientificismo e o que é lógico. Esse rompimento é perceptível quando se dialoga com o imaterial e com o intangível.

A vivência da religiosidade vai de encontro com esse diálogo e é um tipo de expressão que contribui fortemente para a constituição do sentimento de pertença a um lugar.

A religião tanto pode vincular uma pessoa ao lugar como libertá-la dele. O culto aos deuses locais vincula um povo ao lugar, enquanto as religiões universais dão liberdade. Em uma religião universal, visto que tudo é criado e tudo é conhecido por um deus onipotente e onisciente, nenhuma localidade é necessariamente mais sagrada do que a outra (TUAN, 1983, p.168).

Nesse entendimento, são as experiências cotidianas que o lugar deposita entremeadas pelas experiências vividas e pela mística que surgem o sentido de feição dado ao lugar. As expressões religiosas, junto com o lugar apresentam-se enquanto significação da existência, o ponto de encontro entre passado e presente num constructo social que se dá e se fortalece a partir do conjunto de acontecimentos proporcionado por sua vivência. Esse conjunto é propiciado pelos saberes peculiares, nas celebrações e nas práticas sociais, que aí são fortalecidas e/ou (re) construídas. O lugar tem esse poder de reunir as diferentes feições e “(...) é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte” (TUAN, 1983, p.171).

Além dessa perspectiva mais subjetiva de classificação dessa categoria, existem outras abordagens que vão além dessas interpretações. O lugar também, na visão de alguns autores, é a união de todos os movimentos (espaciosidade e apinhamento). Esses movimentos podem trazer, como afirmado por Tuan (1983, p.152), momentos íntimos que “são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e que nos deixam vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo de nova experiência”. Esse estímulo faz com que o indivíduo crie afeto pelo espaço onde tais experiências são exaltadas e não, necessariamente, essas experiências precisam ser acontecimentos grandiosos, já que “os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar” e isso ocorre a partir das trocas sociais e da corporeidade estabelecida.

[...] o homem existe com o seu corpo. Lançado nos lugares e na vivência, ele se descobre, se define, se faz, se constitui em relações. Sendo assim, o homem não é obra de nenhum Criador, mas de tudo o que ele escolheu e projetou ser. Escolher é, assim, o contrário de qualquer destino e de qualquer determinismo. Sem destino, é na ação de escolha ou nas escolhas de suas ações que um indivíduo se forma, que um corpo se constitui. Na escolha, o homem define a sua humanidade, entrelaça-se com outro, envolve-se na malha cultural e histórica. E especialmente se enfronha no lugar (CHAVEIRO, 2014, p. 263).

O indivíduo, na visão do autor, forma-se a partir da sua experiência e convívio, e o lugar é o principal aporte onde ocorre a fusão desses elementos e, esse processo cria e estabelece relações que dão sentido aos sentimentos. O valor da alteridade, criada a partir do lugar vivenciável, institui relações de reciprocidade criando o elo da vida.

Autores como Santos (2002), Carlos (2007), Harvey (2005) ressaltam a importância do lugar e as modificações contextualizadas pelos processos globais seguido por modificações econômicas, políticas, sociais e culturais. Sendo assim, os lugares são visualizados como construções sociais. Os lugares tornam-se arranjos espaciais que possuem suas singularidades, mas, ao mesmo tempo, integram e compõe o mundo, isso traz conflitos que como colocado por Santos (2002, p.314)

Essa é uma realidade tensa, um dinamismo que se está recriando a cada momento, uma relação permanentemente instável, e onde globalização e localização, globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência. As próprias necessidades do novo regime de acumulação levam a uma maior dissociação dos respectivos processos e subprocessos, essa multiplicidade de ações fazendo do espaço um campo e forças multicomplexo, graças à individualização e especialização minuciosa dos elementos do espaço: homens, empresas, instituições, meio ambiente construído, ao mesmo tempo em que se aprofunda a relação de cada qual com o sistema do mundo.

Com os processos de individualização e especialização, os lugares se determinam e diferenciam, mesmo que os mesmos sigam uma lógica mundial. Isso é mais bem visualizado quando M. A. de Souza (1995), citado por Santos (2002, p. 314) coloca que “todos os lugares

são virtualmente mundiais”. “Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (SANTOS, 2002, p.314). Essa diferenciação só se torna possível quando alguns elementos se destacam na paisagem, como o cotidiano e o que o modifica, como as práticas de vida, a cultura e o seu momento de apogeu. Santos complementa essa abordagem da seguinte forma: “impõem-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados. Uma possibilidade nos é dada através da consideração do cotidiano” (2002, p. 314). Através da análise espacial, em que a dimensão local é ressaltada, o elemento chave, cotidiano, perpassa por diversas variáveis sendo algumas delas o mundo vivido e as relações estabelecidas, que conjugadas nessa dinâmica do espaço, apresentam especificidades que o singulariza. As relações simbólicas, ao alterarem o cotidiano, apresentam as subjetividades e mais, conseguem estabelecer as “relações de reciprocidade”.

Santos (2002) ao se referir as relações de reciprocidade, destaca principalmente os conceitos de alteridade e comunicação. A alteridade, que de acordo com E. Bakhtin (1986, 1993, p.54) citado pelo mesmo autor, se estabelece a partir “da arquitetura concreta do mundo atual dos atos realizados, sendo três momentos básicos: o Eu-para-mim mesmo; o outro-para-mim; o Eu-para- o outro”. A comunicação está visivelmente no processo de diversas interpretações do existente, do objetivo e da negociação social que segundo G. Berger (1943, p.15) também citado por Santos (2002, p.316) “a idéia dos outros implica a idéia de um mundo”, isso faz com que “cada sujeito tenha a consciência de que a universalidade é o verdadeiro sentido de sua existência singular”.

Essas relações se estabelecem no lugar, e o lugar é esse espaço de convivência, de formação e interpretação dos valores.

O lugar é quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2002, p.322).

Nesse viés, o lugar é compreendido através da vida cotidiana, mas ele representa o outro conceito de espacialidade, o mundo. O lugar é construído a partir do mundo vivido. Nele, as pessoas exercem os seus sentidos e mais, minimamente, as suas vivências. O lugar é esse recorte do mundo. Sendo assim

O processo de reprodução das relações sociais vem se realizando, hoje, não invalida o fato de que o lugar aparece como um fragmento do espaço onde se pode apreender o mundo moderno, uma vez que o mundial não suprime o local. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresentaria como o ponto de

articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. É no lugar que se manifestam os desequilíbrios, as situações de conflito e as tendências da sociedade que se volta para o mundial. Mas se a ordem próxima não se anula com a enunciação do mundial, recoloca o problema numa outra dimensão, neste caso o lugar enquanto construção social, abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço (CARLOS, 2007, p. 21-22).

O lugar é o receptáculo da análise interpretativa das condições humanas. Nele, estabelecem-se os sentimentos, as emoções e tudo o que de maneira indireta ou direta é perceptível na espontaneidade que é captada a partir de processos de ordem sociológica e cultural. Nesse sentido, a festa consegue contemplar essa abordagem em que, os sujeitos na sua organização coletiva ou individual, conseguem extrapolar esse cotidiano demonstrado as interfaces que permeiam a variável simbólica do local. E, dentre as variáveis que envolvem os símbolos, os ritos e os códigos culturais, o lugar também é uma categoria que se torna entreposto das manifestações populares e estas são também visualizadas no mundo.

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida (CARLOS, 2007, p.22).

Desse modo, o território Norte Mineiro possui essa formação dos lugares vividos e algumas especificidades delimitam esse conceito espacial. Essas especificidades contribuem na compreensão do modo de vida e da cultura da população que compõem esse ambiente. Entremear nesse espaço é essencial para visualizar a dinâmica e os contornos socioespaciais que delimitam e que formam suas singularidades.

Esse território é dotado de relações e intercâmbios culturais que permitem conjunturas que vão de encontro com a realidade que caracteriza o sertão. “Geograficamente, o termo sertão refere-se aos chamados sertões nordestinos – desde Norte de Minas Gerais abrangendo os estados centrais do Nordeste até o Piauí – e ao sertão brasileiro considerado os estados de Minas Gerais, de Goiás, de Mato Grosso do Sul e parte de Mato Grosso” (ALMEIDA, 2008, p.49). A autora ainda completa “os norte-mineiros compõem o sertão e são eles sertanejos” (2008, p.50).

O sertão encaixa como o resumo de todas as dimensões que diferenciam esse ambiente dos demais. Nele, existem peculiaridades que são a soma de processos do modo de vida e ambientações, que o povo estabelece, nos diferentes biomas. A cultura e a identidade das pessoas que vivem no sertão são elementos de grande importância para compreender a

dinâmica de um lugar e como as relações sociais, ambientais e culturais se relacionam e formam esse espaço carregado de expressões e simbolismos. Dessa maneira, Espíndola (2004, p.2) coloca que “não existem limites rígidos determinando onde começa e acaba o sertão, mas linhas que se movimentam conformam as circunstâncias. O sertão é território que se expandiu e se contraiu”, os sertões nesse sentido, são múltiplos.

Montes Claros é um lugar que está incluído nesse sertão, seja por suas características físicas, climáticas ou pelos habitantes que compõem esse espaço. O seu hino destaca a paisagem e a fé característica do povo dessa cidade e de todos os lugares que compõem esse território. “No sertão ressequido das Gerais, o pranto inaugural dos filhos teus rasgou teu solo, para nunca mais perderes lutas nem perderes Deus” (Hino de Montes Claros - MG).

O sertão também possui suas nuances no que diz respeito às dificuldades associadas ao clima e questões sociais. Esse é um território composto por diversas contradições no que se refere à distribuição de renda e as atividades econômicas que sustentam a região. Muitas famílias ainda persistem no campo com a agricultura familiar e com a pecuária extensiva.

Ao verificar o número da população urbana e rural, (tabela 01), que habita os distritos do município de Montes Claros, verificou-se que grande parte dos seus moradores ainda permanece no ambiente rural.

Tabela 1- Número de moradores dos distritos do município de Montes Claros -MG

Distrito	Urbana		Rural		Total	
	Número	%	Número	%	Número	%
Aparecida do Mundo Novo	631	0,018	371	0,103	1 002	0,278
Ermidinha	433	0,012	848	0,024	1 281	0,355
Miralta	357	0,01	457	0,013	814	0,226
Nova Esperança	2 845	0,079	617	0,017	3 462	0,961
Panorâmica	104	0,003	92	0,003	196	0,054
Santa Rosa de Lima	488	0,014	2 077	0,058	2 565	0,712
São João da Vereda	359	0,01	1 043	0,029	1 402	0,389
São Pedro da Garça	618	0,017	419	0,012	1 037	0,288
Vila Nova de Minas	211	0,006	1 213	0,034	1 424	0,395
Total	6 046	0,168	7 137	0,291	13 183	3,658

Fonte: IBGE, 2010.

Org.: ALEIXO, 2015.

Nota: Os dados apresentados desconsideram a população total de 347.222 que corresponde aos moradores do Distrito de Montes Claros MG.

Na tabela 01, entre os dez distritos que compõe o município de Montes Claros, constata-se que mais da metade deles tem a sua população ainda residente na zona rural. Essa

população apresenta seus modos de vida e atividades voltadas para a subsistência com base na agricultura e pecuária, isso demonstra que as pessoas ainda buscam a sobrevivência permanecendo no seu local de origem. Em conversas informais com os moradores do distrito de Santa Rosa de Lima, alguns afirmaram que tiram o sustento da família na própria propriedade cultivando diferentes produtos como feijão, mandioca, abóbora e quiabo. Também tiram o seu sustento com a produção leiteira e produção de queijo, entre outros produtos. Outro recurso que contribui com a permanência no campo são os auxílios e incentivos governamentais como o programa Água para todos e Um Milhão de Cisternas sendo este executado pela sociedade civil com financiamentos do poder público e privado, que auxiliam os pequenos produtores, principalmente nos períodos de estiagem. Entretanto, mesmo com os problemas advindos dos períodos da seca, a população sempre busca formas de garantir a permanência na sua propriedade.

Ao compreender a dinâmica social da população de Montes Claros, é perceptível que seus moradores continuam mantendo as suas raízes sertanejas ligadas a terra e a todas as expressões culturais que mesclam nesses espaços.

A cultura é um importante entreposto para identificar como são formadas essas ligações e explicar o contexto, de maneira inteligível, para assim facilitar a compressão do intangível que corresponde aos sentimentos como, por exemplo, o de pertencimento. Por isso, a necessidade de retornar a essa dimensão a partir do olhar intersubjetivo do espaço geográfico e, em específico, do lugar.

1.2. Cultura: amplos significados e interpretações

De acordo Hall (2003, p.124), “os Estudos Culturais, como problemática distinta, emergem de um momento desses, nos meados da década de 1950. Certamente não foi a primeira vez que suas questões características foram colocadas na mesa.” Vale ressaltar que as reflexões sobre cultura tiveram maior interesse a partir do pós-guerra em que ocorreram mudanças substanciais na estrutura das sociedades. Principalmente da classe trabalhadora⁹ e de todas as modificações inerentes a esse momento.

⁹ Hall aponta que os estudos sobre cultura e, especificamente, cultura popular, precisam ter como ponto de partida a compreensão da transição do capitalismo agrário para o desenvolvimento do capitalismo industrial, já que houve uma luta em torno da cultura dos trabalhadores. Toda essa mudança refletiu na cultura, nas tradições e nas formas de vida das classes populares (HALL, 2003, p.232).

Hall (2003) destaca duas obras de grande importância para o início das discussões sobre cultura. A primeira é *As utilizações da cultura*, de Hoggart, e *Cultura e sociedade 1780-1950*, de Williams. Os primeiro livro buscou o debate cultural a partir da análise das sociedades de massa, sendo considerada uma continuidade a uma tradição elaborada por Williams que consiste do “registro de um número de importantes e contínuas reações a mudanças em nossa vida social, econômica e política”. Outra importante obra foi a de E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*. Todas essas obras são consideradas como “obras de ruptura” e contribuíram para a elaboração dos Estudos Culturais. Porém, mesmo com a formulação de livros e teorias sobre cultura, Hall (2003, p.126) aponta que “o fato é que nenhuma definição única e não problemática de cultura se encontra aqui. O conceito continua complexo – um local de interesses convergentes, em vez de uma idéia lógica ou conceitualmente clara”, ou seja, ainda existem conflitos e indeterminações no que diz respeito à elaboração de um conceito que possa ser aceito pelas diversas ciências.

Entretanto, todos esses estudos sobre a cultura ocorriam em um momento histórico específico da Europa¹⁰, o que, para o contexto social do Brasil, difere em diversos aspectos, mas o que interessa aqui são as abordagens e as formas de interpretação das práticas culturais para, assim, compreender como se dá a formação das identidades.

Portanto, a cultura aqui é entendida através das relações sociais e o modo de vida exercido através dos costumes e valores e como esses elementos são importantes para a manutenção e perpetuação de algumas tradições e manifestações. A interpretação da cultura é, portanto, “a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos” (HALL, 2003, p.128).

Utilizando o estudo de Ralph Linton (1979), sobre cultura e personalidade, o autor faz inúmeras ressalvas no que diz respeito à conceituação e definição da configuração cultural. Ao utilizar o termo “transmitida”, o autor compreende a cultura como sendo um processo de transmissão, ou seja, sua formação é contínua e não se pode estabelecer um escala temporal para delimitá-la.

A co-participação de elementos de conduta etc. depende de sua transmissão de um indivíduo para o outro por meio de instrução ou imitação. Estes processos operam através do tempo e a maior parte dos elementos que compõem configurações culturais se transmite de geração a geração e dura bem além do espaço duma vida de qualquer membro da sociedade. Do ponto de vista do indivíduo, a cultura da sociedade em que é criado constitui sua herança social, distinta de sua herança biológica (LINTON, 1979, p.48).

¹⁰ Esse momento faz referência ao mundo do pós-guerra.

Nesse estudo, o autor entende que a cultura é formada através dos padrões culturais e esses padrões são assim transmitidos através do aprendizado e do modo de vida no qual o indivíduo está inserido. “Se a presença de padrões culturais é necessária ao funcionamento de qualquer sociedade, é igualmente necessária à sua perpetuação. A estrutura, isto é, o sistema de organização, de uma sociedade é em si mesma uma questão de cultura” (LINTON, 1979, p.32). Isso pode ser visualizado quando se compreende as estruturas da vida social como, por exemplo, nos sistemas de parentesco¹¹. Nesse sistema, as regras são estabelecidas e precisam ser cumpridas no momento da escolha do cônjuge e do local de residência. Claval (2001, p.119) afirma que “a família e a comunidade local constituem as matrizes que asseguram a transmissão de uma parte essencial da vida social”, por isso, nesse exemplo, a cultura é perpetuada através de algumas condutas sociais que implicam na conservação da estrutura familiar e conseqüentemente da estrutura cultural e identitária.

Ainda sobre a importância da formação dos grupos sejam eles sociais ou familiares Linton (1979, p.68) observa que

O fato de pertencer o indivíduo a tal unidade, especialmente se se trata da família, é fator significativo para sua orientação na sociedade e em sua cultura. Se bem que lhe proporcione satisfações especiais, também acarreta obrigações especiais, tanto umas como outras em função de responsabilidade conjunta para com a sociedade maior, e direitos e deveres mútuos entre os membros da unidade.

Esse padrão de formação familiar é apontado pelo mesmo autor como “organização celular” e que todos esses arranjos grupais, desde a horda primitiva até o estado moderno, organiza-se em formas de grupos menores. E, a partir dessa formação, é que os costumes e as expressões irão surgir constituindo assim, a cultura e posteriormente os significados que contribuirão para a formação das identidades.

Paul Claval (2001, p.179) aponta três componentes que, para ele, são essenciais no que diz respeito à definição e a formação das identidades culturais, são eles:

- a vontade de se conformar aos usos de um grupo;
- a idéia de uma origem comum;
- a construção das pessoas, baseada na articulação assumida de todos os aspectos da vida ao redor dos valores centrais da cultura;

Esses três componentes reúnem a maneira como um grupo e as pessoas se dialogam dentro de um contexto específico e em um dado espaço. Ao falar do espaço, enquanto

¹¹ Para compreender melhor o sistema de parentesco e como funcionam as ordens morais e os valores dos grupos que o utilizam recomenda-se a leitura do texto, “Com parente não se Neagueia”: o campesinato como ordem moral de (Woortmann,1990).

arcabouço que agregam os símbolos e o que é místico, associa-se imediatamente ao lugar e ao território. E o território nesse sentido simbólico e coletivo, torna-se o formador das territorialidades que são estabelecidas através do vínculo, do reconhecimento e da identificação. O Norte de Minas Gerais reúne aspectos culturais e identitários que determinam as suas diferentes territorialidades. Seja através das comunidades tradicionais, quilombolas ou de comunidade rurais que permanecem nas suas práticas culturais.

Nesse sentido, para se compreender a cultura de um povo e adentrar no seu universo que engloba o cotidiano, as manifestações e as relações sociais, torna-se necessário utilizar métodos de observação que possam descrever as diferentes atividades e o dia a dia das pessoas e/ou dos grupos. Geertz (1989, p.4) sobre o conceito de cultura coloca a importância da análise semiótica e acredita que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”.

Na geografia, diversas são as interpretações relacionadas à cultura, principalmente, no que se refere às transformações e modificações correlacionadas à adaptação e reorganização que o homem realiza em um dado recorte espacial. A partir dessas ocorrências é que a cultura é formada e o indivíduo constrói sua identidade.

Nos estudos sobre as paisagens, busca-se o entendimento a partir das transformações das paisagens naturais, realizadas pelo homem e assim, têm-se a formação do espaço humanizado, originando a paisagem cultural. Diante disso, “a cultura se afirma na paisagem ao materializar os símbolos característicos de uma identidade cultural específica” (CAETANO e BEZZI, 2011, p.457). Para Sauer (1983) citado por Holzer (1994, p.65) “por definição a paisagem tem identidade baseada numa constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constituem um sistema geral (...) a paisagem não é simplesmente a cena vista por um observador. [ela] é uma generalização derivada da observação de cenas individuais”.

Essa definição de paisagem ajuda a compreender como as interações sociais funcionam em um espaço generalizado ou único. Holzer (1994, p.65) completa dizendo que o uso dos termos lugar e paisagem podem ter uma explicação a partir da análise proposta por Sauer, ou seja, através de um sistema de relações, “pois nele os fatos originais da geografia são os “fatos do lugar” (*place facts*), que associados, dariam origem ao conceito de paisagem”. Porém, esse conceito elaborado por Sauer já foi superado, já que o mesmo

interpreta a paisagem através “dos elementos visíveis, não levando em consideração o material e o imaterial que compõe o sistema simbólico de determinado grupo cultural afirmado por Paul Vidal de La Blache” (CAETANO e BEZZI, 2011, p.454).

Com essa abordagem, o conceito de paisagem integra a outras categorias geográficas. É um conceito complexo que ainda incita investigações sobre os fenômenos de ordem social e os símbolos que contribuem na definição dessa categoria. Ainda, na análise de Holzer sobre a paisagem, o mesmo a compara com as outras discussões categóricas.

Assim, a paisagem se diferenciaria da natureza pelo seu caráter de unidade que imprime a nossos sentidos, afastando-se da lógica científica do binário homem-natureza; se diferenciaria de ambiente porque não trata de nossa sustentabilidade enquanto criaturas, mas sim de nossas manifestações enquanto culturas; se diferenciaria de região ou área porque seu sentido é simbólico, de acúmulo das expressões e ações sociais; e, finalmente, se diferenciaria dos lugares, por seu caráter mais externo e objetivo, menos pessoal e individual, sendo que os lugares são usualmente nomeados, enquanto que as paisagens se caracterizam por ser uma superfície contínua, mais do que um foco ou uma área definida (HOLZER, 1994, p.68).

No entanto, para esse estudo, enquanto análise da identidade e da cultura, a categoria lugar aporta melhor os conceitos compreendidos na geoantropologia. O lugar é visto, então, como o espaço delimitado caracterizado pelas diversas manifestações e símbolos. A análise do lugar, enquanto categoria social abre um vasto leque de estudo e contribui para entender as emoções humanas. Essa subjetividade contempla o estudo do lugar, pois é, a partir dele, que as pessoas se identificam com o espaço. O lugar é o caminho das interações, do cotidiano, do movimento das pessoas, por isso tal categoria deve ser explorada para assim entender a identidade cultural¹² de um povo. “O conteúdo dos lugares é o mesmo conteúdo do “mundo”; ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros (...)” (HOLZER, 1994, p.82). Essa interpretação do lugar mostra que os fenômenos são múltiplos, mas se diferenciam e se especificam a partir de elementos constitutivos e únicos de um grupo, uma comunidade.

Na comunidade de Santa Rosa de Lima, as expressões identitárias e festivas que ocorrem, também congregam manifestações que são inerentes a outros lugares no mundo. A festa tem esse poder de disseminar aspectos que abrangem características específicas, mas que também carregam significados de festas que ocorrem em outras partes do mundo. Em outras locais, também ocorrem festas populares e religiosas que estão associadas ao catolicismo

¹² A identidade cultural é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico, de construção, que se limita de várias fontes no tempo e no espaço. Fonte: Dicionário de Direitos Humanos.

popular que engloba a veneração a santos e deuses e que o momento festivo se torna a maior comemoração e demonstração das crenças. O seu significado é amplo e possibilita um leque de compreensões que vão muito além da fé, envolve a socialização, o viver, dentre outras esferas da existência.

O território também é uma categoria passível de análise nesse estudo. Ele vai de encontro com as sociabilidades formadas em um dado espaço. No território, existem formas de cooptação que são sentidas e vivenciadas quando o sujeito se faz presente, ou seja, ele é construído a partir das ações dos indivíduos e isso pode gerar aceitações e/ou diferenciações e estas são expostas pelo grupo. Nas festas, por exemplo, as territorialidades ficam mais nítidas e, nesse sentido, o território toma outras proporções que englobam os ritos, a divisão do território festivo, o místico, a dádiva, dentre outros elementos.

De acordo com Spósito (2004), ao tratar sobre a categoria território, coloca que esta precisa estar sempre associada à categoria tempo. O autor apresenta diferentes abordagens para essa categoria, “um território torna-se concreto quando associado à sociedade em termos jurídicos, políticos ou econômicos”, mas também com a dimensão social, ou seja, mais voltada para o indivíduo e isso

[...] diz respeito à territorialidade e sua apreensão, mesmo que sua consideração carregue forte conotação política. Aí temos o território do indivíduo, seu “espaço” de relações, seu horizonte geográfico, seus limites de deslocamento e de apreensão da realidade. A territorialidade, nesse caso, pertence ao mundo dos sentidos, e, portanto da cultura, das interações cuja referência básica é a pessoa e a sua capacidade de se localizar e se deslocar (2004, p.113).

Essa outra abordagem faz com que o território se constitua como lugar das dimensões simbólicas e, nesse sentido, as manifestações festivas conseguem abarcar esses conceitos. No quesito simbólico a formação do território se estende e encontra com a religiosidade, portanto, os elementos do sagrado e do profano se convergem e formam os lugares da cultura, das identidades, do sincretismo, das manifestações sacro-profana e o principal deles, das sociabilidades. E, a religião é um elemento que traz derivações e contribuem na construção dessas práticas culturais.

O território norte-mineiro teve a sua formação contemplada por diversos perfis étnicos como o indígena, africano e europeu e essa mescla cultural possibilitou a formação de uma religião popular, voltada para as devoções e crenças do povo. Portanto, a cultura do catolicismo imposta pelos europeus, especificamente pelos portugueses, no Brasil, passou por reestruturações e no Norte de Minas Gerais os habitantes reformularam essas práticas, bem como os ritos religiosos derivando assim o catolicismo popular e/ou rústico.

1.3. O Catolicismo Popular Brasileiro

O catolicismo popular advém de uma contraposição ao catolicismo oficial e aos ritos, crenças e práticas consideradas elementos sagrados para o catolicismo. O sertão mineiro, visto como território distinto das demais localidades do estado de Minas Gerais, mostra-se, desde a sua ocupação, um local caracterizado pela resistência, mas também como terra sem lei para os sertanejos. Os estudos que tratam da formação desse território demonstram que o que sempre fortaleceu a fé das pessoas que o habita, está pautada na necessidade da busca de proteção do divino e de melhores condições de vida.

A cultura, elemento basilar para a formação da denominação do catolicismo popular, é uma das principais dimensões que contribui na compreensão desse fenômeno, principalmente, no Norte de Minas Gerais. Por ser um território formado por diversas influências culturais como as indígenas e africanas e, posteriormente, pela cultura baiana e paulista. Esse espaço possui especificidades que vão de encontro com características que se entrecruzam e que misturam identidades e diferentes formas de manifestar a fé.

No Brasil, os registros históricos apontam que a entrada de irmandades da igreja católica se deu a partir do século XVI. Ela veio com os portugueses e foi adentrado o país buscando novas formas de se estabelecer. No primeiro momento, surge a imposição aos índios e, posteriormente, aos africanos escravizados. Como forma de amenizar tal imposição, os jesuítas buscaram formas lúdicas para catequizar essas populações, já que as mesmas não podiam expressar sua cultura e crenças em um ambiente dominado por uma fé trazida de fora. “A religião dos Conquistadores é imposta num primeiro momento ao ameríndio e logo depois ao africano, mão de obra escrava introduzida como força de trabalho. A partir desse contexto, dá-se início à evangelização e cristianização do mundo não europeu” (DIAS, 2015, p.81).

Devido à extensão territorial do Brasil, a igreja católica não conseguia chegar a todos os espaços, principalmente, nos ambientes rurais e, por isso, o catolicismo foi se espalhando e adentrado os lugares com outra roupagem e temática, ou seja, de uma maneira mais leiga. Isso contribuiu para a formação de uma religiosidade mais próxima dos anseios da população que viu na fé e na crença em um ser divino uma das formas de buscar soluções para as suas mazelas e dificuldades. Sobre essa situação Queiroz (1968) destaca que

Os sacerdotes, em sua maioria, permanecem nas cidades ou nas zonas mais populares; no sertão e nas zonas rurais em geral são sempre escassos. As paróquias do interior, muito vastas, raramente dispõem de um vigário ali residindo em permanência, e muitas vezes um só cura tem a seu cargo mais de uma paróquia; a extensão a percorrer é de tal ordem que a maioria das localidades recebe a visita do vigário apenas uma vez por ano (1968, p.105).

Isso é evidente até hoje nas comunidades mais afastadas, na zona rural, em que as celebrações e práticas religiosas ocorrem uma vez por mês ou até com um período maior por não haver um pároco residente nessas localidades.

O catolicismo popular encontra, então, terreno fértil para se desenvolver nas práticas religiosas locais, principalmente, no que diz respeito ao pagamento de promessas e na realização das festas para os santos venerados. O catolicismo oficial se depara com as manifestações populares e se readapta a esses movimentos. Pompa (2001, p.22) descreve que a “reformulação de identidade, de construção de novas formações sociais e culturais” derivou em uma nova orientação religiosa em que somado a cultura dos ameríndios e africanos apresenta-se então o catolicismo rústico.

A evangelização dos nativos e dos negros africanos, através dos missionários portugueses, tornou-se uma tarefa cada vez mais difícil, já que muitos não aceitavam a fé imposta. “Com o declínio do sistema colonial, a Igreja sentiu necessidade de reevangelizar e rever a interpretação do catolicismo implantado na América” (DIAS, 2015, p.83).

Diante dessa situação, é que ocorrem mudanças na estrutura do catolicismo oficial trazido de Portugal.

Do ponto de vista religioso, o povo brasileiro foi obrigado a se adaptar a duas condições fundamentais, desde os primeiros tempos da colonização: quantidade mínima de sacerdotes e falta de conhecimentos religiosos. A adaptação se deu espontaneamente, e se exprimiu numa reorganização e reinterpretção do acervo de catolicismo tradicional trazido pelos colonos portugueses de um lado e, de outro lado, de catolicismo oficial trazido pelos poucos sacerdotes que aqui aportaram. Neste processo, elementos novos surgiram; elementos antigos ou pertencentes a religião oficial sofreram transformações; dogma e liturgia foram deformados por necessidade locais ou pela imaginação de líderes religiosos inteiramente falhos de qualquer instrução. Apesar das diferenças entre o culto oficial e o culto popular, a grande maioria dos brasileiros se considera muito bons católicos a tradição lhes ditando o apego a esta forma religiosa (QUEIROZ, 1968, p.106).

O Brasil tem tanto no seu interior como nas suas centralidades a dominação do catolicismo. Porém, diversas são às influências de outras religiões como as africanas e indígenas que reorganizam e caracterizam os ritos que ocorrem, na maioria das festas religiosas. Cabe ressaltar que o Brasil é o país que possui o maior número de católicos no mundo. De acordo com o IBGE (2010), os católicos ainda são majoritários¹³, sendo 64,6% do total da população. Desse modo, é relevante compreender como um país construído por

¹³ Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%.

diversidades de cultos e crenças tem na maioria da sua população a religião católica. Isso se deve, principalmente, a sua herança colonial que formalmente se deu, na maioria por portugueses. Porém, para que a religião católica se institucionalizasse como a principal crença entre os povos brasileiros, muitos foram os desafios encontrados pelos padres missionários.

É necessário enfatizar que, assim como aponta Queiroz (1968, p.108), o povoamento do interior do país foi disperso e isso ocasionou uma série de desencontros no que diz respeito aos ensinamentos católicos para com os representantes da igreja, ou seja, muitos não tinham instrução suficiente, no que diz respeito à religião, para tornar os ritos e doutrinas, práticas místicas mais homogêneas. Um exemplo disso são as práticas religiosas do ambiente rural que apresentam uma densa variação, mas mesmo assim “em regiões tão afastadas umas das outras (...), são encontrados elementos religiosos semelhantes”. A autora ainda completa colocando que “por outro lado, embora semelhantes e mantendo o mesmo esquema básico fundamental os detalhes são diversos quando se passa de uma região para outra”. Múltiplos são os exemplos que demonstram essa variedade de cultura religiosa.

Poderíamos elaborar uma longa lista destas práticas: as penitências; as orações rústicas; as comemorações do Dia de Reis; as festas de São João; a Semana Santa; falar nas danças folclóricas como o Bumba - meu - boi – danças que animam festas religiosas e profanas (QUEIROZ, 1968, p.108).

Os variados tipos de manifestações religiosas ilustram que, no país, ocorrem diferentes práticas, mas que tem a religião católica como principal alicerce para que as mesmas ocorram, mesmo com diferentes aspectos.

Para se compreender o catolicismo popular, é preciso entender toda a dinâmica que norteia a cultura popular e o próprio catolicismo oficial. Mesmo mantendo como base os ritos religiosos portugueses, os brasileiros proporcionam outras formas de manifestar a sua fé de acordo com suas reais necessidades. Isso demonstra uma fé mais sincera que vai de encontro com o que é popular. Devido a isso, as celebrações populares se voltam para as questões ligadas a terra e ao clima, para pedir chuva e obter uma boa colheita.

As famílias se ajuntam seja na capela mais próxima ou nas distantes a fim de unir as preces. Sobre isso, Queiroz (1968) descreve a base da antiga sociedade rústica brasileira e cita a formação das comunidades através do “bairro rural” tendo como centro uma capela.

Esta forma de habitat disperso é encontrada por toda parte; regiões que à primeira visita parecem desabitadas são pontilhadas de capelas, acompanhadas de uma ou duas casas, indicando a existência de um grupo de vizinhança, ao qual servem de ponto de atração. A vida destes grupos de vizinhança é ritmada por períodos de isolamento e de concentração. As famílias trabalham sozinhas em seus campos, mas se reúnem sempre nos momentos de festa religiosa (QUEIROZ, 1968, p.110).

Esse momento é a forma que as pessoas também têm de viver a sua sociabilidade. O vivenciar a fé, nos lugares ditos como mais afastados, a demonstração das crenças às santidades incorporou outras denotações, outros rituais que conseguem unir o cotidiano com o sagrado e também com o profano. O catolicismo popular é, então, um fenômeno que se opõem a esse catolicismo instruído e vem atender os necessitados que não tiveram contato direto com o clero e com as leis católicas ditas oficiais.

A herança religiosa deixada por Portugal foi se transformando em solo brasileiro e hoje tem aspectos que se mesclam ocasionando o sincretismo religioso, mas mantendo algumas bases do catolicismo. As festas populares são importantes demonstrações dessa base religiosa portuguesa e proporcionam uma releitura desses movimentos que interagem entre o sagrado, o profano, a moral e o imoral, a fé e o labor diário.

As pessoas utilizam a religião para manifestar suas emoções e devoções através dos ritos como às procissões, as romarias, as celebrações ou o pagamento de promessas, como também através da música utilizando o tambor e as danças. As festas no interior, bem como em áreas mais centrais do Brasil apresentam características marcantes que demarcam a cultura do catolicismo rústico.

Mesmo no interior de um catolicismo mais canônico, praticado em linha direta de relação com o corpo sacerdotal, subsistem modalidades de tendências não raro de difícil integração no corpus de doutrina, gestos e ritos de uma mesma religião e de uma mesma igreja. Olhado de perto, isto a que damos o nome de catolicismo popular possui tantos matizes quantas são as culturas em que vivem as suas pessoas reais: no campo ou na cidade, na Amazônia ou em Minas Gerais, em áreas de uma marcada influência de tradições negras, como a Bahia, ou de migrantes italianos, como em São Paulo. Uma de suas características comuns, no entanto, está em que este catolicismo ancestralmente laico e rural, quase chega a constituir um pársistema religioso setorialmente autônomo frente a uma igreja de que ele sempre se reconhece parte (BRANDÃO, 2004, p.268).

O catolicismo rústico também é expresso nos grandes centros, pois a cultura e a identidade acompanham aqueles que precisaram sair do interior para ganhar a vida em outras localidades. Eles conservam algumas das tradições religiosas mesmo nos espaços mais urbanizados, mas se reconhecem entre si e mantêm os cultos e os rituais com a premissa da solidariedade e da dádiva distribuída. No interior, especificamente em comunidades rurais, essas práticas estão mais consolidadas e ainda possuem especificidades que vão de encontro com o que é do interior, criando assim os laços de pertença com o lugar.

Nesse contexto, as festas penetram esses espaços e consagram as variadas interpretações que competem à identidade e o simbólico. Portanto, a partir dessa lógica adentram-se as festas religiosas que culminam as interconexões do sagrado e do profano.

1.4. Festas religiosas: as interfaces do sagrado e do profano

A festa possui diversos significados, pois é entendida, por alguns autores, como o “tempo de exceção” (Zaluar, 1983); “ação coletiva” (Guarinello, 2001); e “acontecimento social de efeito identificador” (Brandão, 1974). Nesse sentido, a festa também pode ser interpretada como umas das formas de expressar as práticas religiosas e, principalmente, como demonstração da vida social dos indivíduos. Ela reúne elementos que se mesclam e se transformam e um dos principais momentos que difere do cotidiano.

Por isso a festa é ritual, porque é sua realização repetitiva que permite reverenciar a memória do santo, por exemplo. Ela é celebração, porque é a exaltação coletiva dos sentimentos de liberdade das amarras da vida cotidiana. E é subversão porque é a possibilidade de fugir às regras impostas por um instrumento de poder (SOUZA, 2009, p.101)

As festas religiosas são espetáculos que proporcionam a exaltação de algumas dimensões simbólicas que se encontram com o sagrado, como também com o profano. Nelas, o que move as pessoas a estarem presentes nessa manifestação são a fé e o sentimento da crença em algo divino que possibilita a esperança e onde a religiosidade é intensamente exaltada.

A celebração e os momentos festivos são acontecimentos que possibilitam interpretar um traço cultural de um grupo. Os rituais religiosos e primitivos são importantes descritores da formação cultural e da identidade. Neles, são identificadas diversas possibilidades para se compreender a estrutura de uma comunidade e a relevância das práticas religiosas que estão presentes no cotidiano ou nos dias festivos em que ocorrem as maiores alterações demandando distintas formas de expressão.

A cultura é desenvolvida a partir das ações, de forma natural, ampliadas pelo sujeito em um contexto específico, ou seja, em um sistema não fechado, que é passível de alterações e (re) significações. Isso contribui para a formação e unificação dos grupos. Ela é composta por diversos elementos como os símbolos, as tradições e as heranças sociais. A religião também é uma forma de reafirmar culturas e identidades. Sendo assim, torna-se responsável por alcançar os mais diversos âmbitos, e possibilita “indicar um certo número de sinais exteriores, facilmente perceptíveis, que permitem reconhecer os fenômenos religiosos onde quer que se encontrem e, que impedem que os confundamos com outros” (DURKHEIM, 1996, p.4).

Existem alguns elementos constitutivos da religião, conforme elencado por Wilges (1994, p. 16). Eles podem estar compreendidos na doutrina (crença, dogma), nos ritos

(cerimônias), na ética (leis), na comunidade e na relação Eu- tu. Entende-se que toda religião tem sua doutrina a partir da origem de tudo, como, por exemplo, sobre o sentido da vida, a dor, o além. Os ritos são necessários, pois ocorre a união da comunidade. O homem precisa dos símbolos para viver. Já a ética é o controle do que é certo e errado, sagrado e profano. A religião tende a formar comunidade, sem isso, torna-se incomunicável. E o Eu- tu está associado ao relacionamento direto com o divino, sendo que a religião não é só a doutrina e o rito, nesse sentido o sagrado e o profano vai além dessas definições.

Durkheim (1996) expõe que “para aquele que vê na religião uma manifestação natural da atividade humana, todas as religiões são instrutivas, sem exceção, pois todas exprimem o homem à sua maneira e podem assim ajudar a compreender melhor esse aspecto de nossa natureza” (1996, p.4).

A religião, como aponta Durkheim, permite entender como se dão as celebrações, já que isso é proclamado no seu conjunto. Portanto,

[...] é a natureza da religião em seu conjunto que se tenta exprimir diretamente. Procede-se como se a religião formasse uma espécie de entidade indivisível, quando ela é um todo formado de partes; é um sistema indivisível, quando ela é um todo formado de partes; é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias. Ora, um todo não pode ser definido senão em relação às partes que o formam (DURKHEIM, 1996, p. 18).

Porém, o autor realiza uma ressalva colocando que inúmeros são os fenômenos religiosos no mundo e que não necessariamente seguem uma religião. Como, por exemplo, o folclore. Que são compreendidos como uma síntese de religiões desaparecidas. Mas existem também outros fenômenos religiosos que se constituíram de forma natural a partir de causas locais, como as festas de carnaval e crenças diversas relativas a gênios e demônios locais.

Na visão de Durkheim, os fenômenos religiosos podem ser classificados em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. “As primeiras são estados da opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre esses dois tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do motivo” (1996, p.19).

Para ele

Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas, notadamente das práticas morais, pela natureza especial de seu objeto [...]. Portanto, é o objeto do rito que precisaríamos caracterizar para podermos caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime. Assim, só se pode definir o rito após se ter definido a crença (DURKHEIM, 1996, p.19).

Portanto, os ritos são fenômenos que são criados a partir da crença em algo considerado divino por aqueles que os cultuam.

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem (DURKHEIM, 1996, p.19).

O oposto é apresentado a partir da contradição existente entre o sagrado e o profano. São duas dimensões diversas, mas que depende uma da outra para existir. O sagrado está presente em tudo que busca o religioso e que representa uma situação de conforto a aquele que procura segurança e estabilidade espiritual. Qualquer objeto pode ser considerado como sagrado e o homem busca fortalecer sua crença através dos ritos. O profano se distancia disso, já que ele é vivido fora do contexto do que é abençoado. Assim, “(...) não nos resta outra coisa para definir o sagrado em relação ao profano, a não ser sua heterogeneidade” (DURKHEIM, 1996, p.21).

Durkheim (1996) descreve que essa heterogeneidade aplica as duas categorias por serem profundamente díspares. Ele (Id.Ibd.) considera inclusive que o sagrado e o profano sempre em qualquer lugar do mundo foram interpretados e concebido pelos humanos como gêneros totalmente separados como dois universos que nada têm em comum.

Entretanto, no sentido da festa religiosa, o profano ocorre no sentido oposto ou acontece ao mesmo tempo da festa. Ele se mistura e traz novos significados, para o que antes era apenas sinônimo de consagrado. A coisa sagrada não pode ser tocada pelo profano, entretanto essa situação se tornaria impossível, uma vez que, se o que é considerado profano não pudesse se inter - relacionar com as práticas ditas sagradas, esta não existiria.

O profano atua de diferentes maneiras, principalmente no que tange aos novos usos e apropriação dos lugares festivos. Rosendahl (2005) constata, em sua interpretação sobre os territórios religiosos, que o sagrado e o profano

[...] contribuem para que o grupo religioso reforce o sentido de pertencimento à instituição religiosa. O exercício do poder religioso ocorre na vivência da fé. Cada comunidade religiosa se estabelece no mundo sagrado onde participa da memória histórica no tempo e no espaço. Dessa forma, a manutenção do lugar sagrado favorece a noção de que a comunidade partilha uma identidade comum, um sentimento de integração e de comunidade religiosa (2005, p.12.932).

O lugar sagrado também possibilita o adentramento de outros processos que, inserem-se nas diferentes dimensões que incluem o econômico e o político, como a espetacularização e a mercadificação dos eventos religiosos.

O profano também interatua, sendo consequência de mudanças advindas, muitas vezes, dos processos de reorganização e/ou (re) adaptação da sociedade aos fenômenos associados à contemporaneidade como os processos de mercadificação e espetacularização

das festas tradicionais e elas possibilitam a interação de todos esses processos e temáticas. Portanto, interpretar a festa na contemporaneidade possibilita entender esses processos e como eles são, atualmente, inegavelmente inseparáveis dos eventos festivos. O espetáculo das festas religiosas hoje toma outras projeções e se insere, quase que obrigatoriamente, aos processos de espetacularização. Na visão de Debord (1997, p.15)

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente na vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário – o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna.

Ainda, conforme Debord

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências organizadas socialmente, que devem elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral. Considerando segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação do visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível (1997, p.16).

Essa dinamicidade do espetáculo está presente em praticamente todos os eventos, já que, conforme Bezerra (2007), especificamente, nesse momento histórico de reprodução da sociedade e dos fenômenos da contemporaneidade a cultura adquiriu um valor de mercado. Entretanto, ao verificar as festas em comunidades rurais e do interior, o espetáculo sempre esteve presente, sendo ele o oposto do que é cotidiano. O espetáculo é o momento da reinvenção e transformação do lugar por um curto período. Mas, mesmo com a entrada desses processos mercadológicos nesses espaços, estes não conseguem retirar a sua essência como manifestação popular e enquanto rituais religiosos.

As festas religiosas populares têm essa força de manter suas especificidades e isso fica claro quando analisamos as festas no interior do Norte de Minas Gerais. Os distritos que formam o município de Montes Claros possuem inúmeras manifestações que abarcam o sentido da continuidade cultural e identitária das populações que ali habitam. Acontecem modificações, (re) estruturas, mas essas festas religiosas e populares não perdem o seu significado, muito pelo contrário, elas se fortalecem, mesmo diante dos processos da contemporaneidade.

CAPÍTULO 2 - MONTES CLAROS E AS SIGNIFICAÇÕES DAS FESTAS POPULARES RELIGIOSAS

Como é comum, na maioria dos municípios brasileiros, o município de Montes Claros tem suas raízes históricas de povoamento marcado pelos costumes e tradições associados à religião católica. Por isso, as festas tradicionais desse município são manifestações que envolvem os rituais de adoração aos santos padroeiros e cada localidade que o arranja vivencia a sua religiosidade associada às manifestações populares. Portanto, neste capítulo, o município de Montes Claros será apresentado a partir das suas festas religiosas, em específico, as que ocorrem nos dez distritos que o compõe.

Os santos padroeiros são festejados todos os anos pelos moradores e por aqueles que migraram para outros lugares, mas que sempre retornam no período dessas comemorações. As festas religiosas populares são o ápice do encontro e da sociabilidade nessas comunidades. É a data em que se vivencia a devoção ao santo de forma coletiva e que se festeja o reencontro dos familiares e amigos.

Montes Claros é constituído por distritos que formam um emaranhado cultural reconhecido, principalmente, por suas manifestações de cunho popular e religioso e por uma identidade específica do sertão brasileiro. Isto é visualizado nas festas que ocorrem nas comunidades rurais de seu entorno, elas apresentam a dinamicidade das populações e são uma das principais formas de reafirmação identitária por reunir tanto suas heranças culturais, quanto os novos hábitos e valores em que são inseridos ao longo do tempo.

As festas são acontecimentos que ultrapassam a esfera do cotidiano e também, proporcionam o renascer dos sentimentos que muitas vezes ficam adormecidos e que, no momento dos festejos, são despertados. Assim, para compreender a dinâmica das festas enquanto processo de formação cultural, é relevante entender como essa dimensão se torna responsável por organizar esse universo no município de Montes Claros, tendo como foco principal seus distritos.

Montes Claros pertence ao território do Norte de Minas Gerais e esse espaço foi considerado, desde o período colonial até a chegada da estrada de Ferro Central do Brasil, no início do século XIX e assentada no Norte de Minas Gerais na primeira metade do século XX, como um lugar de fronteira e passagem.

Este evento gerou mudanças no território norte mineiro, que se tornou espaço de passagem da ferrovia, favorecendo uma aceleração do fluxo de mercadorias e pessoas. Para o assentamento da ferrovia foi necessário à instalação de uma estrutura que ofertasse atendimento e condições de vida para os trabalhadores nela

envolvidos, desta maneira modificou a vida de lugarejos, povoados e cidades já existentes, este processo incentivou um aceleração no fluxo migratório (ALMEIDA, 2014, p.1).

Esse território também é marcado pela passagem de viajantes em busca de espaços habitados para realizarem a venda dos seus produtos, os chamados “tropeiros” que foram importantes desbravadores do sertão. Além deles, famílias nordestinas, povos indígenas encurralados pelas bandeiras e populações negras da escravidão foram definindo os traços culturais da população norte-mineira formando as populações tradicionais¹⁴ e os quilombos.

A história do sertão nortemineiro vincula-se à sua apropriação por grupos diferenciados que forjaram identidades que os vinculam ao meio físico em que se encontram. São, portanto, possuidores de conhecimentos tradicionais de práticas que envolvem o manejo dos ambientes de cerrados, caatingas e as faixas de transição em que está inserido (CUNHA, 2013, p. 96).

Todos esses grupos deixaram a sua expressividade, fazendo com que esse espaço apresente singularidades que dinamizam os seus lugares revelando como essa junção foi ocorrendo ao longo dos tempos e os traços que persistem de suas culturas os identificam.

Nesse contexto, o território, compreendido como conjunto dos lugares insere-se como importante componente de formação identitária dos indivíduos, ou seja, o território simbólico. Essa categoria traz reflexões sobre a sua relevância enquanto lócus das relações sociais.

Teixeira e Almeida (2014, p. 217) apontam que

A identidade territorial dá-se por uma construção de elementos simbólicos que se cumprem por relações de afetividades e de pertença. Reconhece-se, nessa construção, que a forma espacial pode ser variável e os processos que os grupos constroem, por meio de marcas ou raízes, conferem ao território o sentido maior, o qual se liga a esse pertencimento do sujeito com seu espaço. Os locais e as relações de vivência, de idealização das práticas sociais e culturais e os processos de enraizamento concedem ao espaço o caráter de território, em que se criam as territorialidades culturais [...].

Nessa conjuntura, Montes Claros se destaca por ser uma síntese dos símbolos da cultura norte-mineira que agrega um grande potencial no que diz respeito às expressões de cunho identitário, sendo uma delas as festas religiosas tradicionais. Ademais a cultura, o município, especificamente a cidade de Montes Claros, possui características que a releva enquanto pólo econômico dinâmico, com prestações de serviços de todas as áreas como saúde e educação. Porém, quando se interpreta a dinâmica social, vê-se que a cultura é um denso conceito e que a interpretação dessa dimensão vai além do que se pode propor.

¹⁴ Conforme Decreto nº 6.040, de 2007, os Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

A cultura e a identidade dessa população também podem ser apreendidas nos festejos religiosos que já existem desde o século XIX. Essas comemorações religiosas proporcionam as pessoas que delas participam encontrar uma maneira de expressar sua fé, seus agradecimentos pelas curas e graças alcançadas (SILVA, 2013, p.6).

Conforme abordagem de Silva (2013, p.6), sobre as manifestações do catolicismo norte-mineiro

Para integrar a confraternização popular e religiosa, percebe-se que os festejos religiosos da região eram coroados por rituais sagrados e profanos. Dentre os rituais santos estão a presença das missas, procissões, sermões, bênçãos, rezas e ladainhas. Do lado profano das festas observam-se as danças e os espetáculos dos fogos. Assim, a devoção dos fiéis nas comemorações é aquecida através dos fogos de artifícios e das fogueiras, coroada de balões, bandeiras e mastro. Ainda fazem parte desse ritual cristão os variados comes e bebes. Os festejos religiosos norte-mineiros têm suas origens nas tradições européias, ou seja, foram os colonizadores portugueses que trouxeram para o Brasil-colônia as tradicionais festas populares religiosas.

Essas características são rituais recorrentes nas festas dos distritos que compõem o município de Montes Claros.

Dentre as festividades populares religiosas destacadas no Norte de Minas estão as Folias de Reis, as Pastorinhas e as Festas do Boi de Reis, todas essas ocorrentes no mês de dezembro e janeiro; as Festas de Maria, realizadas no mês de maio, marcadas por coroação da Nossa Senhora, acompanhada de crianças vestidas de anjo; as Folias do Divino ou as Festas do Divino Espírito Santo, festejadas entre agosto e setembro; as Festas Juninas ou do mês de junho (Santo Antônio, São João e São Pedro); as Festas de Nossa Senhora do Rosário; as Festas de Santa Luzia, em dezembro, as Festas de São Gonçalo e as Festas de Santa Cruz (SILVA, 2013, p. 7).

Neste capítulo, buscou-se interpretar e apresentar as festas populares e religiosas de alguns distritos de Montes Claros, dando destaque ao distrito de Santa Rosa de Lima, em específico a festa religiosa popular. Essa comunidade foi escolhida como o principal lugar para o desenvolvimento deste estudo. Sendo o acontecer da festa a micro-escala desse trabalho.

2.1. Festas religiosas dos distritos de Montes Claros

Com já afirmado anteriormente, o município de Montes Claros é composto por festas tradicionais populares que tem como principal foco a religiosidade católica. Nas comunidades rurais, o momento dos festejos são os principais acontecimentos que diferem do cotidiano e que possibilitam o envolvimento de toda a comunidade, independente da religião

predominante, já que movimentam o comércio local e as pessoas que aproveitam o evento para vender artesanatos, comidas e bebidas.

As festas católicas são um convite à comemoração. As pessoas se deslocam das suas propriedades, distantes do núcleo central, para participarem das práticas religiosas e da festa, como também os habitantes que saíram e que retornam a sua comunidade nesses dias para reencontrar os familiares e amigos e celebrar a festa.

Essas manifestações da religiosidade acontecem em Montes Claros desde quando o município ainda era uma diocese, em 1910. Com o crescimento das comunidades e a expansão dos bairros urbanos, teve-se a necessidade da região de Montes Claros transformar em uma arquidiocese passando a abranger também outros municípios. Porém, mesmo com a divisão das dioceses em setores, a arquidiocese de Montes Claros ainda não consegue atender todas as localidades. De acordo com o atual Vigário Episcopal representante do bispo de Montes Claros

As arquidioceses não seguem um número de habitantes para ter uma diocese ou uma paróquia. Quando a comunidade desenvolve muito e o número de habitantes aumenta, a arquidiocese verifica a viabilidade em instalar uma paróquia para realizar a evangelização das pessoas desse lugar. A proximidade é o que define as comunidades que compõem a paróquia. Na cidade de Montes Claros os bairros estão associados a uma comunidade, mas cada um tem um (a) padroeiro (a) (Vigário Episcopal, maio de 2016).

As comunidades rurais são atendidas pelas paróquias. Essa divisão ocorre a partir de alguns fatores como a proximidade geográfica das dioceses e com a afinidade dos moradores com a paróquia sede.

Nas comunidades rurais de Montes Claros as paróquias responsáveis são definidas a partir da proximidade geográfica e da afinidade dos habitantes com a paróquia. A paróquia é uma região de comunidades próximas, o vínculo dos fiéis com o lugar influencia muito, mas o que é relevante é a proximidade geográfica. No interior, nas comunidades rurais, é mais complicado fazer essa divisão da diocese por bairros, porque não se tem uma organização administrativa para realizar essa divisão, já que não tem um pároco, ou um vigário, ou um diácono responsável pela paróquia (Vigário Episcopal, maio de 2016).

Os padres não residem na sede dos distritos, eles estão presentes apenas em celebrações em que são realizados os sacramentos como o batismo, a crisma, o casamento e as festas dos padroeiros. Às vezes, ocorrem celebrações mensais na igreja. Conforme o Vigário Episcopal, a igreja não possui um número suficiente de párocos para residir e atender todas as comunidades rurais. Outro entrave é que os distritos não têm estrutura administrativa para formar uma paróquia. Nessas localidades, existem os representantes do pároco que é uma

espécie de conselheiro ou coordenador que dialoga com os fiéis e contribui na organização da festa do santo.

Com relação às festas religiosas nos ambiente rurais, o vigário episcopal assegura que

As festas se diferem muito com relação ao lugar em que estão sendo realizadas. No interior a igreja e as pessoas não separam o sagrado e o profano. Enquanto a procissão está passando as pessoas continuam festejando nas portas das casas, nos bares. Em cidades maiores as práticas religiosas são mais metódicas. As festas no interior são mais livres. São muito mais voltadas para as devoções populares. Nela as comemorações misturam o sagrado e o profano. As pessoas para organizarem a festa não seguem tanto as estruturas da igreja, já que, pelo fato de não ter um representante como um pároco, acabam por rezar os terços e as novenas a seu modo, elaborarem o caminho das suas procissões por conta própria. O pároco fica apenas como um representante da igreja para celebrar e participar de algumas práticas, ele não dita as regras ou interfere na organização. Diferentemente das festas que ocorrem nas igrejas da cidade de Montes Claros em que os padres possuem maiores influencias e interferem na organização dos eventos de forma mais incisiva. No interior, as pessoas como os comerciantes e os vendedores se organizam para o tempo da festa. Realizam investimentos, compram mais mercadorias tudo isso para atender o público que virá para a festa, por isso que, quando o pároco ou conselheiro da comunidade modifica a data da festa, afeta diretamente não só os fiéis, ou os que vêm de fora, mas todas as pessoas que se organizam e esperam o público da festa. Por isso a importância de respeitar a organização que a comunidade realiza para a festa. Os párocos têm que perceber o poder dos santos, o poder da evangelização. O padre não pode interferir na maneira como as pessoas apreendem a sua fé (Vigário Episcopal, maio de 2016).

Desse modo, entende-se que o catolicismo popular é muito mais nítido no interior e a cultura popular e religiosa é muita mais respeitada e valorizada nesses espaços, já que é a principal maneira que as pessoas têm para manifestar suas crenças e devoções. Por isso, o valor dos festejos em homenagem aos padroeiros, pois, é nesse instante, que os habitantes dialogam e se reúnem para participar do evento religioso.

A festa popular religiosa contribui efetivamente no estabelecimento dos vínculos dos fiéis com o lugar e principalmente na sociabilidade que ocorrem nesses momentos. A religião está presente nesse período e ela se torna responsável pela ocorrência desses eventos. Os símbolos e os fenômenos religiosos associados aos ritos em homenagem ao (a) padroeiro (a) é o que mobiliza toda a comunidade e que traz o significado principal para a festa.

Os símbolos religiosos são compreendidos, tendo como base as observações de Geertz (1989, p.67) como uma congruência entre um estilo de vida e de maneira particular a um significado que vai à essência do sentido do ser humano em buscar no intangível a sua força e esperança, ou seja, “a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana”.

As festas são também essa subjetividade que tem diversos significados e reúne a mística da combinação do sagrado e do profano. Elas também têm esse caráter libertador,

sejam elas religiosas ou não. Elas possibilitam “os homens esquecerem o mundo real, transportando-os a um outro em que sua imaginação está mais à vontade. Elas distraem. Têm inclusive o aspecto exterior de uma recreação: os assistentes riem e se divertem abertamente” (DURKHEIM, 1996, p.414).

Nas festas que ocorrem nos distritos que compõem Montes Claros, é possível visualizar dois contextos, um em que as pessoas se dedicam às práticas religiosas até certa hora da noite e depois o momento da diversão sem amarras e clichês, ou seja, o profano, mas sempre tendo a religião como a principal justificativa para isso. Portanto, conforme Durkheim (1996, p.416)

Assim, a religião não seria o que é se não concedesse um lugar às livres combinações do pensamento e da atividade, ao jogo, à arte, a tudo o que diverte o espírito fatigado com o que há de sujeição excessiva no trabalho cotidiano: as próprias causas que a fizeram existir faz disso uma necessidade.

Esse simbolismo, intrínseco às manifestações de cunho popular e religioso, possuem diversos significados para os que estão envolvidos de forma atuante, como os organizadores ou daqueles que vão visualizar a festa, mas mesmo assim, participam da festa seja no momento religioso, sagrado ou profano, e nesse momento a memória torna-se fundamental para dar continuidade aos festejos.

Nesse sentido, as festas possuem esse dinamismo que envolve questões que vão de encontro com as tradições e os costumes de um dado grupo.

[...] a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem. O lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e, por isso mesmo, em silêncio não-festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa ao símbolo, posto em evidência de tempos em tempos, comemorando, celebrando. Aqui e ali, por causa dos mais diversos motivos, eis que a cultura de que somos ator-parte interrompe a seqüência do correr dos dias da vida cotidiana e demarca os momentos de festejar (BRANDÃO, 1989, p.8).

As comunidades têm, na festa religiosa, o momento das suas comemorações. A população se envolve nesse momento e a festa é esse tempo de criação e realização do humano. Ela é uma forma de (re) produção espacial e de perpetuar as tradições.

A festa apresenta essa dinamicidade em reunir as identidades e fazer desse momento o rompimento com o que está parado ou adormecido. Guarinello (2001) citado por Bezerra (2007, p.172) assenta que “festa não é um termo neutro, mas o centro de uma polêmica; sua definição mexe conosco, com nossos valores, com nossa visão de mundo. A própria visão de festa é assim, o palco no qual se defrontam diferentes interpretações do viver em sociedade”. Ela é a mistura do cotidiano com o que acontecem em momentos de deleite.

Uma outra grande função da festa é impressionar intensamente os sujeitos, seja como executante ou protagonista, seja como público presente e participante. Para tanto, a festa, como a interpretação musical ou teatral, há de ser experimentada, há de tirar os espectadores de suas casas, de transfigurá-los em vítimas espontâneas do entusiasmo coletivo (BEZERRA, 2007, p.175).

A busca em vivenciar esse espetáculo e praticar a fé são o que movem as pessoas a participarem e organizarem as festas no interior do município de Montes Claros, especificamente em Santa Rosa de Lima. A festa tem todo o simbolismo e possui diversos significados que além de contribuir para o encontro das pessoas, também é uma oportunidade da comunidade expressar sentimentos de vínculo através da solidariedade e das doações. Essa relação é estabelecida através dos habitantes com os de fora, os visitantes.

Cabe destacar que, além de toda essa integração que a festa proporciona, ela também se torna responsável pelo retorno daqueles que não habitam mais o seu lugar de origem, porém ainda possuem ligação afetiva com esse espaço, através dos familiares e/ou dos sentimentos que os fazem retornarem no período das festividades. Esse momento proporciona, a essas pessoas, reviver todo o contexto histórico-religioso, cultural e identitário como, também, o regressar às emoções que sempre sentiram nesses períodos.

As pessoas também retornam a essas comunidades rurais para recordar alguns aspectos que estão adormecidos na memória, mas que sempre vem à tona no pensamento.

Os costumes que não são mais vividos, a comida, o cheiro, a música, tudo isso são lembranças que fortalecem a vontade de estar nesses lugares. Isso pode ser compreendido como um movimento de (re) valorização do rural, das coisas do interior.

Essa (re) valorização do rural é uma discussão que vem tomando novos rumos, principalmente na Geografia. Para Wedig e Menasche (2010), esse movimento é recente e se consolidou a partir do contraponto da expansão da agricultura moderna.

Essa exaltação do rural, por moradores da cidade urbanizada, está pautada em diversos componentes que vão da alimentação, dos costumes, da tranquilidade experimentada nesses ambientes e das relações sociais.

Hoje, a valorização do rural é explicitada, através da busca por comidas caseiras, produtos artesanais, festas tradicionais, entre outros elementos associados a um passado agora admirado e desejado, que vem sendo demandado por turistas, visitantes e parentes, habitantes de espaços urbanos. Nesse processo, são revividas e reordenadas práticas e representações tradicionais que, em alguns contextos rurais, havia praticamente desaparecido (WEDIG; MENASCHE, 2010, p.5).

A festa é um importante acontecimento em que esses costumes são (re) valorizados e servem como ocasião para a realização dessa experiência. Ela possibilita o encontro com as emoções que outrora eram a inspiração para a organização do acontecimento maior, ou seja, a

festa e, se a mesma persiste é devido à importância dela para a formação histórica, cultural e social de uma comunidade. Essa manifestação possui aspectos que estruturam uma rede de relações que permite a sociabilidade no seu sentido mais amplo ou mais íntimo. “Compreendemos que as festas, enquanto rituais que ocorrem nas mais diversas sociedades, apresentam-se como espaços/tempos privilegiados de demonstração de valores dos grupos que as realizam, constituindo-se como atos simbólicos que falam da organização social e da sociabilidade desses grupos” (WEDIG e MENASCHE, 2010, p.5).

Desse modo, os ritos, o místico, o sagrado e o profano dividem e cooptam no mesmo lugar e cada um são exaltados de diferentes formas por aqueles que observam ou são sujeitos diretos da festa. A festa é responsável por dinamizar e formar os vínculos coletivos e fortalecer o sentimento de pertencimento com o lugar. Wedig e Menasche (2010, p.6) apontam que no momento da festa também é possível encontrar aquilo que está presente no dia a dia das pessoas, “já que no ritual expandem-se e ressaltam-se as representações e valores de uma sociedade, presentes em seu cotidiano em manifestações muitas vezes mais sutis”, como o encontro familiar e as conversas nas portas das casas, que é uma característica muito comum em pequenas cidades e nos espaços rurais, essas práticas fazem com que a memória seja intensificada. Mas, o contrário também pode acontecer, já que

É muito comum escutar pessoas referindo-se à saudade de um tempo no qual ainda nem viviam, mas que nos registros legados de geração para geração lhes foi apresentado como uma boa época, como um tempo de esperanças. Trata-se de imagens disseminadas e registradas pelo senso comum, por livros, por amigos, por familiares e, também, muitas vezes, pela própria história institucional (DELGADO, 2006, p.17).

Portanto, a festa é essa reunião que proporciona também o fortalecimento da memória e é através dela “como um gesto de solidariedade que transgride e reordena o tempo, eis que todos os tempos se fundem na memória de um só, no elo que a todos nos enlaça em um mesmo destino, comum apenas por um momento continuado em cada geração” (BRANDÃO, 1998, p.34).

Nos distritos de Montes Claros, as festas são as principais formas de celebração e afirmação da cultura, identidade e da sociabilidade. A organização do calendário festivo das localidades, que compõem o município, vai além das festas religiosas, como a dos padroeiros titulares das comunidades. Têm-se diversas outras formas de manifestações para ocasionar o encontro e a celebração.

As festas dos padroeiros são os principais acontecimentos nessas comunidades. As pessoas se referem à festa como o momento de maior movimento e agitação da vida calma dessas localidades. As pessoas vão para conhecer ou para retornar as origens.

Cada vez mais, as festas tradicionais estão sendo valorizadas. A população tenta realizar esse processo do resgate cultural e identitário em algumas manifestações, especificamente, nas festas populares religiosas, que têm esse aspecto de reviver os sentimentos.

As festas dos distritos de Montes Claros, já são bastante populares. Em alguns lugares o número de participantes muitas vezes supera o número de habitantes. E, cada vez mais, ocorre o aumento desse público devido a diversos fatores como maior divulgação dos eventos e valorização dos espetáculos em ambientes rurais. De acordo com informações concedidas pela Polícia Militar de Minas Gerais e Secretaria Municipal de Cultura, o número de participantes vem aumentando e isso se deve a diversos fatores como a maior divulgação dos eventos e o interesse das pessoas em participar de festas mais populares. O público é bastante diverso e o que se percebe é que o entretenimento, a diversão e as atrações musicais são o que movem o público a participar.

Normalmente, as festas que ocorrem nos distritos estão voltadas para as práticas religiosas e tem um santo ou uma santa da igreja católica como titular (quadro 1).

Quadro 1 - Estimativa do número de participantes nas Festividades Religiosas

FESTAS RELIGIOSAS TRADICIONAIS DOS DISTRITOS DE MONTES CLAROS								
Distrito	Estimativa de participantes/ Ano							Padroeiros (as)/Festa
	Mês	2010	2011	2012	2013	2014	2015	
Nova Esperança	Julho	4000	4300	4200	4300	4500	5000	Bom Jesus
Nova Esperança	Abril	500	1500	1500	1800	2200	3000	Semana Santa e M. Judas Escariotes
São Pedro da Garça	Julho	2500	2500	2500	3000	3200	4500	Divino Espírito Santo
Aparecida do Mundo Novo	Outubro	*	*	1500	1500	1700	1800	Nossa Sra. Aparecida
Panorâmica (Antiga Vista Alegre)	Julho	*	*	800	*	2500	4000	Nossa Sra. Das Graças
Santa Rosa de Lima	Julho	1200	1400	1700	500	2000	1500	Santa Rosa
Ermidinha	Junho	*	*	500	600	600	800	Santo Antônio

Fonte: PMMG e Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros-MG

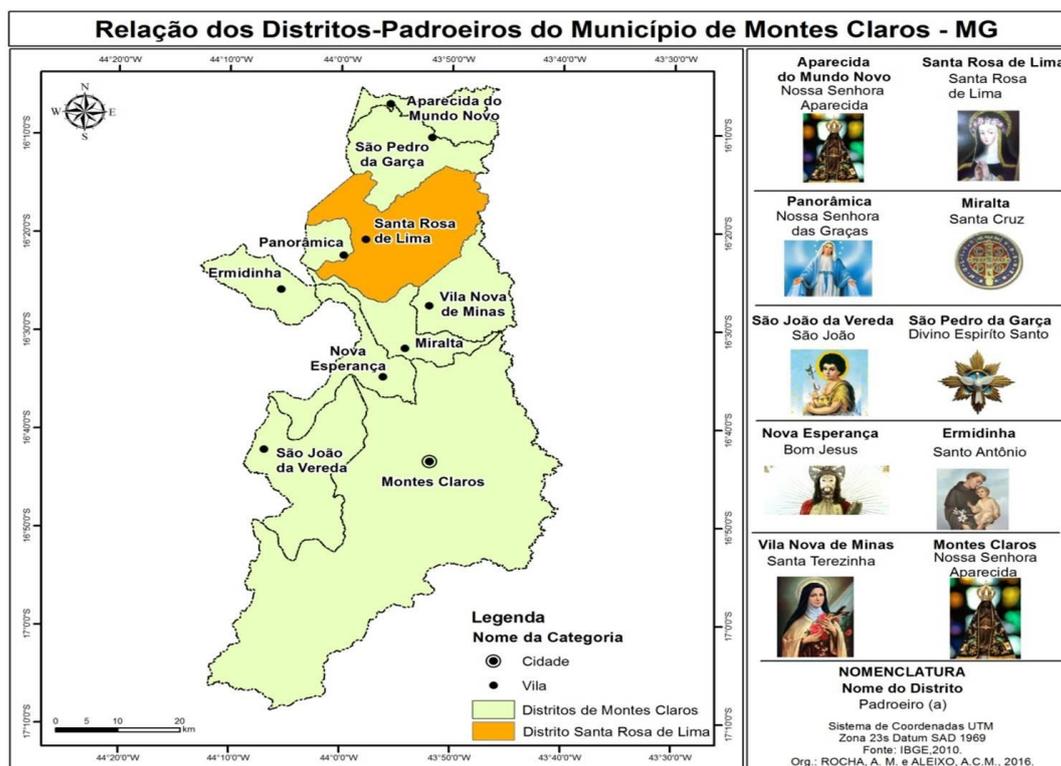
Org.: ALEIXO, 2015.

*Evento não informado pelos organizadores ou informado e não atendido pela PMMG.

Em algumas dessas localidades, as celebrações populares ocorrem seguindo uma comemoração aos santos venerados. Os eventos religiosos ocorrem em três dias. Iniciam na quinta-feira e termina no sábado. O sábado é escolhido como o principal dia, pois, nele, o (a) padroeiro (a) da comunidade é festejado (a) (mapa 2). Normalmente, o nome da comunidade é o mesmo do padroeiro, mas também pode acontecer o contrário. Como, por exemplo, em São Pedro da Garça, em que se comemora a festa do Divino Espírito Santo que não remete ao nome dessa localidade.

Conforme informações concedidas pela Arquidiocese de Montes Claros os (as) padroeiros (as) dos distritos de Montes Claros são escolhidos pelos próprios moradores. Todos os distritos têm uma paróquia responsável, localizada na cidade de Montes Claros, e o pároco que atende a essa paróquia também atende a igreja do distrito. Entretanto, o calendário religioso das missas, da realização dos sacramentos e das festas é organizado pela comunidade do distrito. As devoções são diversas e cada localidade tem uma história que específica a escolha do santo ou da santa padroeira.

Mapa 2: Padroeiros dos distritos de Montes Claros -MG



Org.: ROCHA, A. M.; ALEIXO, A.C.M., 2016.

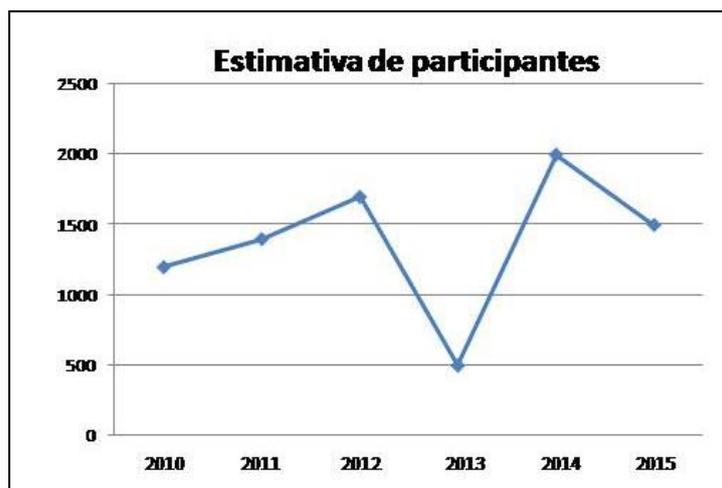
Em Santa Rosa de Lima, a data em que ocorre a festa em homenagem a padroeira é no dia 18 de julho, essa data não é a mesma do calendário religioso dos santos organizado pela igreja católica. Nesse calendário, a santa é celebrada em 23 de agosto, mas conforme informações concedidas pelo padre da Paróquia de São Norberto, responsável pela igreja do distrito de Santa Rosa de Lima, que celebrou missas e participou dos festejos em Santa Rosa de Lima por mais de quarenta anos, disse que *“as comunidades rurais são muito conservadoras, as pessoas não gostam que mudem o sistema da festa, inclusive as datas”*. O padre ainda completou informando que realizou a mudança da data da festa, mas que encontrou oposição.

Eu consegui mudar, por exemplo, não ter datas fixas como era antes. Em Santa Rosa, anos e anos as festas eram celebradas nos dias 17 a 21 de julho, mesmo que começasse na segunda-feira. Então eu mudei para que a festa de Santa Rosa terminasse no terceiro domingo. As festas rurais pegam hoje os finais de semana. As festas iniciavam na semana. Não só em Santa Rosa, mas em outros distritos. Encontrei resistência na época, mas depois todo mundo ficou satisfeito. O domingo é que marca o último dia¹⁵.

¹⁵ Conversa realizada com o padre representante da paróquia de São Norberto em Montes Claros - MG em maio de 2016.

Em pesquisa realizada junto a Polícia Militar de Minas Gerais com relação ao número de participantes nas festas tradicionais e populares dos distritos de Montes Claros, em Santa Rosa de Lima, o número de participantes teve uma variação entre os anos de 2010 a 2015, como demonstra o gráfico 1.

Gráfico 1- Estimativa de participantes na Festa de Santa Rosa de Lima, Montes Claros-MG



Fonte: Polícia Militar de Minas Gerais – PMMG.
Org.: ALEIXO, 2015.

Sendo que, em 2013, o número de pessoas, na festa, foi o menor dentre os seis anos considerados. Isso ocorreu devido à mudança da data da festa, pela coordenação religiosa do distrito que optou por iniciar o momento festivo na quarta-feira e finalizar na sexta-feira evitando assim, que ocorresse no final de semana. Alguns moradores afirmaram que devido ao aumento da violência a igreja optou por essa modificação, porém isso não foi um consenso entre os festeiros e moradores. No ano seguinte, a festa voltou a ocorrer normalmente no final de semana.

Outra modificação foi com relação à entrada de ônibus com um elevado número de participantes. A polícia militar, a pedido dos moradores e da coordenação da igreja local, impediu que os ônibus vindos de Montes Claros entrassem no distrito na época da festa. Essas situações estão se tornando cada vez mais comuns também em festas dos outros distritos¹⁶ de Montes Claros, já que devido ao avanço dos problemas gerados pela violência relacionados ao

¹⁶ Outra reivindicação dos moradores de Santa Rosa de Lima, São Pedro da Garça, Aparecida do Mundo Novo e adjacências foi o envio de um requerimento ao Comandante Geral da Polícia Militar de Minas Gerais, através de um vereador de Montes Claros, solicitando o aumento do efetivo policial (patrulha rural) ou a implantação de um destacamento para essas localidades, isso se deve à falta de segurança e o crescimento da marginalidade nessas comunidades, conforme informação desse documento (Anexo D).

uso de drogas, roubos e assaltos os organizadores das festas têm solicitado cada vez mais a presença da polícia militar¹⁷.

Na cidade de Montes Claros a padroeira é Nossa Senhora da Aparecida, entretanto a festa religiosa popular de maior visibilidade é a Festa de Agosto. Nela expressões como o congado são demonstrações de uma cultura de devoção aos santos católicos, “em que elementos religiosos, musicais, plásticos, cênicos e coreográficos de tradições populares luso-espanholas e indígenas são somados a aspectos característicos de cultos e ritos da cultura africana” (QUEIROZ, 2005, p. 28).

Pode-se afirmar que as festas brasileiras, ao consagrarem uma cultura que mescla diferentes manifestações, tornam-se a característica essencial de alguns lugares que tem, no momento da festa, a identificação com suas origens. De acordo com Lucas (2000), citado por Queiroz (2005, p. 28), essa festa de devoção “pode ser identificada como uma expressão da religiosidade negra que sobreviveu ao processo de imposição cultural, presente no sistema escravista brasileiro, pela reinterpretação e reelaboração de valores alheios à concepção de mundo dos negros”.

Portanto, os festejos afro-brasileiros tornam-se o encontro de diversos elementos simbólicos que são uma mistura com a cultura africana e ibérica, que, ao incorporarem os elementos que são intrínsecos, acabam constituindo outra formação cultural. Através dessa formação cultural é que os sujeitos formam a sua identidade. Cunha e Borges (2012, p. 12) ressaltam que “a identidade compreende as relações sociais e o sentimento de pertencimento, construídos e vivenciados no interior de um grupo”. Essa socialização também alcança aqueles que, mesmo não estando ligados diretamente aos preparativos da festa, sentem que pertencem àquela cultura e a partir disso, se identificam com os rituais e festejos que ali ocorrem. Portanto,

Como celebração, a festa é a exaltação coletiva dos sentimentos de liberdade das amarras da vida cotidiana. Como subversão, a festa é a manifestação do desregramento, da oposição à lógica do cálculo que preside o mundo do trabalho. Como ritual, ela é a consagração do princípio religioso da religere, isto é, da religação, do revigoramento, da reciprocidade, da reafirmação dos elos que unem o grupo social. Mas a festa é, sobretudo, paradoxo. Por um lado, ela é efervescência, exaltação dos sentidos, compartilhamento de sentimentos e emoções levados ao paroxismo. Essa efervescência é componente essencial da vida em sociedade e um dos principais elementos que dão força e renovam a vida do dia-a-dia (Souza, 2009, p.100).

¹⁷ Declaração realizada pelo representante do setor de comunicação da PMMG - Analista Criminal do 50º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais (09/2015).

Em localidades como Nova Esperança, por exemplo, a festa que acontece na semana santa, especificamente na madrugada da sexta-feira da paixão, homens e mulheres saem vestidos com fantasias coloridas, com máscaras e chicotes. Realizam um desfile em torno da praça e aquele que gritar “véio feio” os fantasiados batem com os seus chicotes. Ainda não tem nenhum estudo específico sobre a festa. Eles comparam essa manifestação com o evento de “malhação de Judas” que traiu Jesus. Em conversa com moradores locais e com os próprios organizadores da festa, não se sabe ao certo quando começou essa brincadeira, mas a mesma é mantida pela população e consegue atrair pessoas de cidades próximas que vão com o intuito apenas de assistir o evento. O que chama atenção é que são montadas algumas barracas que comercializam comidas e bebidas e a atração principal são apenas as pessoas vestidas de “véio feio”. Não se tem outro acontecimento além desse. No mesmo distrito, ocorre a festa religiosa tradicional em homenagem a Bom Jesus. Esta já possui especificidades voltadas para as práticas que envolvem os ritos e símbolos da religião católica como novenas, missas, procissões e levantamento do mastro.

A festa é ampla e a mesma consegue envolver todas as esferas da vida social, ela dá sentido à história, às lembranças e aqui, especificamente, a religiosidade se torna a grande responsável por fazer acontecer os rituais. A fé transforma as pessoas e, a partir disso, a crença se torna a responsável por trazer movimento e sentido para as manifestações.

A festa em homenagem a padroeira de Santa Rosa de Lima possui aspectos que remetem ao espaço vivido através do seu cotidiano e no momento de auge da festança. Essa manifestação é marcada pelo catolicismo popular e possui suas particularidades locais. É um evento de grande importância para a comunidade e o estudo de tal fenômeno e acontecimento contribui para a perpetuação e valorização dessa manifestação cultural para a sociedade em geral. Entender o significado e a importância desse evento para a sua população é o ponto chave desse trabalho. Compreender o intangível, ou seja, apenas o que pode ser sentido só se torna possível pelas observações que incluem os arranjos socioespaciais, as formações socioculturais e o lugar enquanto receptáculo das informações e dos acontecimentos.

A festa em homenagem a padroeira Santa Rosa de Lima está na reminiscência das pessoas e isso é revivido todos os anos a partir da devoção e a constante vontade dos fiéis em realizar esse festejo. O sagrado é transcendental e o mesmo dialoga cotidianamente com o profano.

Assim, interpretar as práticas religiosas, a partir do olhar geográfico, é compreender a dinâmica do espaço vivido, bem como outras dimensões de apreciação como a cultura e no que concerne a formação da identidade.

A religião também se destaca principalmente na sua importância enquanto valorização dos símbolos, do sagrado e de toda a referência histórica que as práticas religiosas remetem a um lugar.

2.2. O lugar: Santa Rosa de Lima

O lugar é esse receptáculo do convívio, dos afetos, das emoções. As pessoas se identificam com ele e ele só ganha significado de lugar, enquanto conceito espacial, porque existe essa apropriação dos indivíduos. As relações estabelecidas e a integração entre as pessoas se desenrolam nos processos da vida cotidiana, dos valores sociais e de todos os significados que estão culminados nesse espaço. Santa Rosa de Lima, enquanto comunidade rural é um lugar no Norte de Minas Gerais que tem a sua importância para as pessoas que convivem diariamente nesse lugar ou que se encontram apenas nos momentos de festejo.

A localidade de Santa Rosa de Lima fica no município de Montes Claros entre as coordenadas geográficas: 43°57'0"W de longitude e na latitude 16°18'0"S. Está a 50 km da sede do então município e tem como principal rota a BR 135. É uma área rodeada por serras e declividades no vale do rio Verde Grande. A sua área é composta por grandes porções de relevo cárstico o que contribui para a sua paisagem ser composta por cavernas, grutas e sumidouros. A sua vegetação encontra-se em uma área de transição entre o cerrado e a mata seca (figura 2).

Figura 2: Distrito de Santa Rosa de Lima, Montes Claros- MG



Autora: ALEIXO, 2015.

Figura 3: Imagem de Santa Rosa de Lima, Montes Caros – MG



Fonte: Google Earth, 2005.

Conforme o censo do IBGE (2010), o distrito possui uma população de 2.568 habitantes, sendo que, no núcleo da comunidade, o número de moradores residentes é de 488 e na zona rural 2.080. Isso demonstra que essa comunidade ainda apresenta muitos traços e características do rural.

De acordo com informações concedidas pela EMATER-MG (2015), o distrito de Santa Rosa de Lima tem um total de 16 povoados e o número de famílias, que compõem essas localidades são de 505 e elas têm como principais atividades a pecuária extensiva, bezerro de corte, pastagem, lavoura de sequeiro, plantação de sorgo, feijão, cana e mandioca. Para a subsistência prevalece a criação de suínos e avícolas. Alguns dos povoados possuem associação de moradores o que contribui no acesso a políticas públicas voltadas para as atividades agrícolas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar-PRONAF e o Programa Estadual de Apoio ao Pequeno Produtor Rural - PRORURAL (quadro 2).

Quadro 2 - Povoados que pertencem ao distrito de Santa Rosa de Lima, Montes Claros-MG

Número	POVOADOS	Famílias residentes	Associação	Distância da Sede - km
01	São João	15	0	60
02	Morro Agudo	10	0	45
03	Olhos d'água (SR)	25	1	60
04	Patrona	15	0	80
05	Olaria	10	0	45
06	Camela	60	1	45
07	Brejão	25	1	50
08	São Domingos	15	0	60
09	Vaca Morta	40	1	42
10	Campos	15	0	40
11	Crispim	40	1	45
12	Santa Rosa de Lima	85	1	50
13	Furadinho	40	1	48
14	Matos	30	1	58
15	Capivara	30	1	58
16	Santo Inácio	20	1	62
17	Manganage	30	1	70
TOTAL	17	505	11	

Fonte: EMATER-MG, 2015.

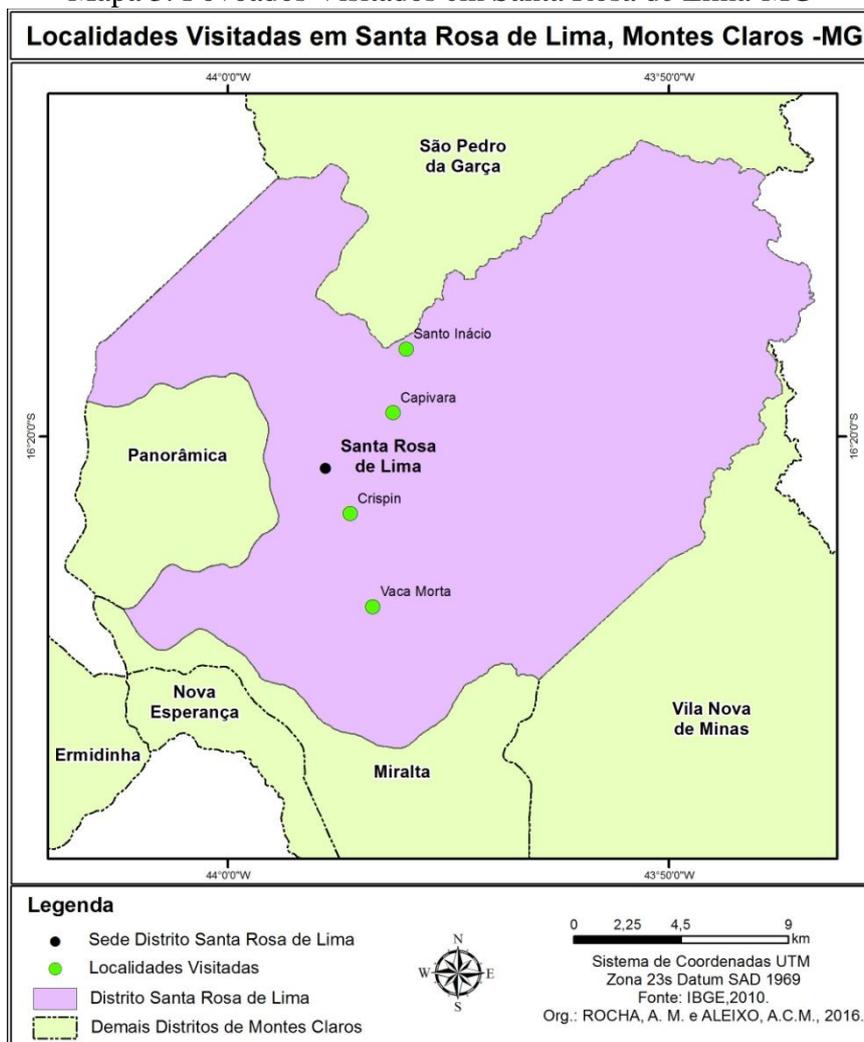
Org.: ALEIXO, 2016.

Conforme lideranças locais a maioria das pessoas possui casa nos povoados, mas exercem atividades e buscam sua renda em fontes de emprego em outras localidades, como Nova Esperança e principalmente na cidade de Montes Claros, por ser essa cidade a maior no interior do Norte de Minas Gerais e por oferecer serviços diversos como os de saúde e

educação. A população do distrito também é composta por um grande número de pessoas aposentadas.

Dos povoados visitados (mapa 3) como Crispim, Vaca Morta, Capivara e Santo Inácio existe uma média de 130 famílias que residem nessas localidades e que utilizam a propriedade e tem a mesma como principal fonte de renda.

Mapa 3: Povoados Visitados em Santa Rosa de Lima-MG



Org.: ROCHA, A. M.; ALEIXO, A.C.M. , 2016.

No povoado de Vaca Morta, existe cerca de 40 famílias que moram na comunidade, entretanto oito residem em Montes Claros ou em Nova Esperança. A liderança local do povoado informou que a produção de subsistência está voltada para a produção leiteira, cultivo de hortaliças, milho, mandioca e feijão. Mas, devido à forte seca que atinge o distrito desde 2014, muitas famílias plantaram, mas não conseguiram colher e isso ocasionou a saída de muitas pessoas em busca de trabalho.

A formação populacional, histórica e cultural desse distrito, assim como em outras localidades do Norte de Minas Gerais, ocorreu a partir da entrada dos indígenas, negros e nômades, que como em outras partes do estado de Minas Gerais, muitos dos indígenas que habitavam essa comunidade foram escravizados e marginalizados e muitos negros, fugidos, iniciaram a formação de quilombos nesse mesmo espaço. Queiroz (2005, p.29) discorre sobre a ocupação do território mineiro.

A vinda de negros para Minas Gerais e, conseqüentemente, a constituição de elementos da cultura africana nesse Estado, se deu numa época em que os portugueses, exauridos com a guerra em Palmares e com a desestruturação da produção de açúcar na Capitania, imigraram para Minas Gerais, atrás das minas de ouro.

Assim, de acordo com Luz (2000, p.345) apud Queiroz (2005), “muitos escravos que imigraram para as minas eram ex-quilombolas aprisionados, vindos de Pernambuco e Bahia”.

No território norte-mineiro, as nações que o ocupavam eram basicamente formadas por indígenas, nômades e, posteriormente, por africanos escravizados que tinham como cultura cultivar a terra e viver de caça e pesca. A área do vale do Rio Verde Grande foi extensamente ocupada por possuir uma extensa floresta de caatinga arbórea e por ter lagoas que circundavam toda a região. Ribeiro (1987), ao descrever as formações iniciais das comunidades que compõem o Norte de Minas, aponta que as fazendas de criação foram às principais localidades a se estabelecerem e buscavam as terras próximas aos rios e nas terras férteis.

Santa Rosa de Lima foi uma dessas localidades que especificamente arranjava com “a unidade negra de Jahyba, Vale do Gurutuba e Verde Grande” (COSTA, 1999, p.). De acordo com Lopes (2006, p. 28) os primeiros habitantes que povoaram a região vieram da região do vale do Gurutuba.

Vários negros ex-escravos que viviam na penúria nessas regiões, migraram para a margem esquerda do rio Verde Grande onde procuraram estabelecer-se, a fim de assegurarem alimentos para si mesmos e suas famílias. Como a região possuía terras férteis e uma fauna rica, pode-se afirmar que esses mesmos negros percorreram as planícies do vale do rio Verde Grande à procura de lugares onde pudessem se proteger das enchentes que eram freqüentes às margens do mesmo rio.

O mesmo autor aponta que

Inicialmente a comunidade de Santa Rosa de Lima recebeu os nomes de Vila do Bengo e Barreiro do Bengo. (...) os significados destes primeiros nomes informam ter sido o local habitado inicialmente por negros. O nome Barreiro evidencia que a dedicação da população à criação de gado, de forma extensiva, ou como dizem as povoações norte mineira, criado na larga, na solta. Nessa forma de criação de gado não há necessidade de cercas para estabelecer limites territoriais. Dessa forma, assim como a agricultura, o gado sem dúvida era a atividade que os primeiros habitantes encontraram para a subsistência das famílias que ocuparam o local. O nome Bengo

evidencia que o local era um recôndito, escondido no boqueirão da serra geral e constituído por planícies com a presença de várias lagoas, propícias as sementeiras do capim bengô, utilizada para sustento do gado (...) (LOPES, 2006, p.29).

Os negros que habitaram essa região estabeleceram relações e foram construindo casas, produzindo alimentos, trocando mantimentos formando assim, relações de reciprocidade não só com as pessoas que ali habitavam, mas com habitantes de localidades próximas. Também, não só os negros habitaram essa região, mas fazendeiros também se interessaram em obter propriedade nesse local, já que a mesma apresentava terras férteis com rios próximos.

Pelo fato da maior parte da população ter sido formada por negros, alguns traços da cultura local demonstram essa herança através das práticas religiosas. O festejo em homenagem a Bom Jesus é uma dessas características.

Inicialmente cultuado por negros que o elegeram como o seu guia religioso. A tradição de se festejá-lo é herança dos primeiros habitantes, pois os mesmos costumavam depositar neste santo toda a sua fé e também a esperança de dias melhores. A fé era um dos instrumentos que os mesmos portavam para suportar as penúrias impostas por uma sociedade onde os brancos mandavam e os pretos tinham que obedecer (LOPES, 2008, p.6).

No Norte de Minas Gerais, assim como outras locais do sertão brasileiro, o coronelismo¹⁸ é um fenômeno que prevaleceu em muitos ambientes rurais e até hoje ainda se houve falar dos resquícios do mandonismo por parte dos grandes fazendeiros. Em Santa Rosa, não foi diferente. Com a entrada dos fazendeiros, ocorreu uma imposição e uma espécie de dominação dos negros que já tinham estabelecido pouso nesse lugar. Esse período foi marcado pela imposição do poder dos que eram mais fortes econômica e politicamente. De acordo com Lopes (2006, p. 31).

Durante esse período foi que se constituiu a grande propriedade na região, pois se aproveitando do não aparelhamento do Estado, vários fazendeiros estabeleciam limites para suas propriedades de forma tão ampla “que dá medo de ver”, ou como se pode ouvir nas rodas de conversas “era terra a perder de vista”. Hodiernamente, a população local em sua maioria é descendente de famílias negras que inicialmente ocuparam a região. A grande propriedade, com o passar dos anos foi fragmentando-se, restando poucos latifúndios na região e seus proprietários ainda exercem uma forte influência sobre as camadas inferiores que habitam a comunidade, oferecendo empregos e prestando alguma assistência social às famílias.

Essa separação por classes sociais entre negros e fazendeiros, por muitos anos influenciou as comemorações religiosas. As festas em homenagem aos santos estavam divididas entre Bom Jesus, Santo Antônio e São João e ainda não tinha a festa em

¹⁸Nos anos de 1889 a 1930 o Brasil viveu o período oligárquico, nessa época predominou o domínio dos grandes fazendeiros que receberam a denominação de coronéis, surgindo então o fenômeno conhecido como coronelismo.

homenagem a Santa Rosa, que teve seu início após a chegada da imagem da santa na localidade. Entende-se que a festa de Santo Antônio era celebrada pelos fazendeiros e seria voltada para o agradecimento com relação à boa colheita e para agradecer a fartura, já à festa do Bom Jesus era celebrada apenas pelos negros e por pessoas de baixa renda, em outra data.

Antigamente, a chegada a essas comunidades rurais era muito difícil, devido à estrutura das estradas e os meios de transporte. Os padres não tinham condições de ir mais de uma vez ao mês na mesma comunidade. Diante disso, os padres decidiram modificar as datas das festas, optando por unir as três celebrações. Assim, negros, brancos, fazendeiros e os menos favorecidos começaram a participar das festas de forma coletiva.

A festa em homenagem a padroeira de Santa Rosa de Lima iniciou em meados da década de 1940. De acordo com relatos dos moradores a santa chegou à região com o fazendeiro Felinto José Pereira. A esposa dele, Sra. Jovina Pereira Gusmão, devota de Santa Rosa, realizou uma viagem a Lima, no Peru e trouxe a santa para a fazenda (SOARES, 2002, p.20). O fazendeiro, conhecido também por Filó, solicitou ao então prefeito de Montes Claros, Sr. Alpheu de Quadros, que, em homenagem a sua esposa e a santa, trocasse o nome do distrito Vila do Barreiro por Santa Rosa de Lima.

Com essa nova denominação, os moradores viram também a importância de homenagear Santa Rosa. Assim, a festa, nessa comunidade rural, passou a exaltar Santa Rosa e continuaram a homenagear Bom Jesus e Santo Antônio

Nesse sentido, o distrito de Santa Rosa de Lima formou-se com essa constituição de misturas culturais que deram origem aos costumes e valores que fortalecem a cultura dessa população principalmente no que tange a sua religião e a suas manifestações festivas.

A maior parte dos habitantes do distrito tem como doutrina religiosa o catolicismo. Devido a essa tradição a entrada de outro segmento religioso causou uma verdadeira “guerra santa” entre os moradores. Conforme Soares (2002, p. 20) esse acontecimento ocorreu no ano de 1969 sendo registrado pela revista “O Cruzeiro”, tendo como título da reportagem: “A fé que desune: em Santa Rosa, a religião separou casais e amigos”.

De acordo com Soares (2002, p.21), em 1969 “instalou-se em Santa Rosa de Lima através do missionário José Gonçalves de Freitas, o Deo, natural de Montes Claros, a Igreja do Movimento Livre”.

Naquela época, houve um grande desentendimento com a população, devido à mesma ter sido criada sob a orientação e costumes da Igreja Católica, motivo pelo qual não queriam, de maneira alguma, outros segmentos religiosos. Houve ainda alguns atritos e vários conflitos de repercussão nacional que ficaram conhecidos, pela imprensa, como a “guerra santa”, sendo necessária a intervenção da força de pacificação da Polícia Federal.

O então conhecido, Deo, frequentou o vilarejo por algum tempo com o intuito de conhecer e ganhar a confiança dos moradores. Após um longo período de visita a Santa Rosa de Lima, com outros seguidores, iniciaram as pregações religiosas na praça e posteriormente na casa das pessoas.

Lugar de vida mansa, onde poucos possuem um rádio de pilha e, quase ninguém tem contato com as cidades grandes, aquele acontecimento causou a maior surpresa. Tanto mais que era provocado pelo Deo, freqüentador da vila, mas que nunca tinha falado de religião. Ele aparecia nos finais de semana, trazia consigo um rádio de pilha ou um gravador, conversava com todos. Fizeram amizades, mas nunca falaram em Deus ou Satanás, e ninguém sabia que ele era pastor. E agora, o espanto: o mesmo Deo ali estava, acompanhado de outros crentes, trazendo a guerra, falando de um Cristo diferente e condenado ao fogo eterno os bobos dos católicos, que “vivem adorando imagens de barro” (SOARES, 2002, p.23).

Isso foi o estopim para a guerra começar entre os católicos e os evangélicos, já que havia um descontentamento entre as pessoas e isso chegou as casas, separando familiares e amigos.

O aprofundamento da ruptura entre os membros da comunidade estava baseado em um etnocentrismo religioso, já que para cada um dos lados o Deus verdadeiro estava de seu lado, enquanto o Diabo se encontrava no lado oposto. Durante os cultos evangélicos, diversas pessoas cercavam o barracão que servia de templo e jogavam pedras no telhado enquanto os fiéis lá dentro oravam. Cada vez mais o clima foi ficando mais tenso, além de se acusarem em qualquer lugar por qualquer ação, a partir de um determinado momento começaram as agressões pessoais. Isto se agravou quando os evangélicos decidiram construir o seu templo. A aquisição de um terreno para a construção do mesmo foi o estopim que acendeu, ainda mais, a ira dos católicos [...] (LOPES, 2008, p.10).

Muitas pessoas foram processadas e investigadas pela DOPS (Departamento da Ordem Política e Social). “O tempo, porém, favoreceu a aceitação e seguimento desse movimento religioso, inédito para aquele momento da religiosidade santa-rosense” (SOARES, 2002, p.25). Hoje o que se vê é uma convivência harmoniosa e o respeito mútuo entre os católicos e evangélicos, entretanto, isso demorou a acontecer.

Atualmente, a comunidade possui, além da igreja católica, mais quatro igrejas evangélicas com segmentos diferentes como a Assembléia de Deus, o Avivamento Bíblico, Congregação Cristão do Brasil e Deus é Amor.

Nas conversas informais com os moradores, muitos afirmaram que a convivência hoje, acontece de forma pacífica. Mesmo nos dias dos festejos, dedicados aos santos católicos, os evangélicos assistem algumas práticas religiosas e consomem e comercializam comidas nas barraquinhas.

Todos esses acontecimentos estão na memória dos moradores do distrito. Quando surge a questão sobre a “guerra” entre os católicos e evangélicos, poucas pessoas comentam e

preferem se referir ao presente, onde tudo está bem resolvido. Algumas lembranças trazem alegria, outras nem tanto. Mas, quando se volta o assunto para a festa religiosa, todos se sentem a vontade para comentar e descrever a festa de antigamente e como se sentem felizes em poder retornar a esse lugar nesse momento.

Portanto, através da memória, todas essas recordações são intensificadas, já que a mesma vem do resgate que valoriza as tradições, as histórias e o que foi existido. Tradições estas que identificam uma cultura e dinamizam o seu espaço. Espaço vivido, espaço das lembranças, espaço de alegria, de permanência e partida.

O Norte de Minas, assim como o nordeste brasileiro possui características peculiares e ao mesmo tempo semelhantes já que mostram a realidade da seca e a necessidade que as suas populações têm de migrar à procura de melhoria de vida, mas que sempre retornam ao seu local de origem. O que ocorre com a população de Santa Rosa de Lima é o que acontece com a população dos demais distritos e municípios desse território, nesse sentido Paula e Brandão (2008, p.3) expressam que

A população migrante retorna para sua região, o que não quer dizer retornar para os seus municípios de origem, mas sim para as cidades de porte médio que oferecem melhores condições de saúde, educação e trabalho. O processo de desruralização persiste na virada do milênio em todo Brasil, embora concentrem na região Nordeste e Norte de Minas Gerais suas maiores taxas.

A migração sazonal é uma característica da maioria dos trabalhadores. De acordo com Paula e Brandão (2008), essa migração não pertence mais a eles, já que de acordo com o Censo de 2000, do IBGE, “os trabalhadores rurais em suas idas e vindas começam a fazer a opção de migrar dentro da própria região”.

Santa Rosa de Lima é um lugar caracterizado pela saída e também pelo retorno da população. Esta busca em sair para melhorar as condições de vida, seja a procura de emprego ou estudo, mas sempre retornam com o intuito de reviver sentimentos e feições que só são encontradas ali.

A festa religiosa popular é o principal atrativo para o retorno da população, entretanto dentro do contexto festivo, existem outras nuances que ocasionam a chegada das pessoas nesse período. Desse modo, torna-se importante apreender a importância da religiosidade para explicar o fenômeno festivo com todos os seus elementos.

Ao tratar sobre as festas no sertão mineiro, é necessário compreender a sua formação através das manifestações culturais principalmente ligadas à religião católica, fator inerente à formação da identidade e da fé dos sertanejos.

A seca, fenômeno climático predominante no território norte-mineiro, sempre foi um elemento que caracterizou as expressões culturais da população que compõem esse panorama. As manifestações de cunho religioso corroboram com essa afirmação, já que muitas práticas religiosas como os ritos e os cânticos se voltam para os santos para pedir chuva e obter uma boa plantação e uma boa colheita. Cunha (2013, p. 60) assinala que no Norte de Minas, “(...) a natureza é considerada um dom, envolvendo relações com o sagrado. A retribuição de uma dádiva – como a chuva que favorece a colheita – ocorre nas orações, nos ritos e nas festas realizadas em agradecimento a uma divindade”.

A fé no santo reforça a capacidade dessas populações de adaptação ao ambiente seco do sertão. Apesar de todas as intempéries, elas conseguem sobreviver dando sentido a suas vidas através da fé. Dessa forma, forjam uma cultura do sagrado que as identifica com o ambiente que habitam, e é transformado em lugar no cotidiano de suas vidas sertanejas. Nesse sentido, o sertão é compreendido como um espaço que, ao contrário do litoral, é inóspito e desconhecido. Ou seja, o interior do país primeiramente habitado por povos indígenas, que serviu de morada e refúgio da escravidão para as populações no período colonial (CUNHA, 2013).

Ao longo da história de sua formação, o sertão tem contornos de espaço de permanência e também de passagem, travessia e mobilidade. Esse território sempre foi marcado por processos migratórios, da busca de novas perspectivas de vida. O sertanejo sempre se viu nessa dualidade de ir embora, à procura de emprego e deixar alguns dos seus para assegurar a terra e retornar algum dia. “Sertão é um lugar de errância. Obriga as pessoas a ir e vir de um lugar para o outro na busca de uma vida melhor. Cria-se assim a identidade migrante do sertanejo que, em constante estado de viagem, reproduz sua errância em todas as dimensões de sua vida” (BORGES, 2010, p.111). E isso ocorre a partir das necessidades materiais que forçam essas pessoas a saírem do seu lugar, do seu sertão, nesse sentido “as condições em que vivem seus moradores os obrigam à “travessia”, carregam com eles os seus modos de ser e viver, sua cultura, e vão estabelecendo novas estratégias de se relacionar com o espaço e criar/recriar os lugares” (BORGES, 2010, p.112).

Mesmo com essas necessidades, que os obrigam a sair, o sertanejo carrega consigo a vontade do retorno, mesmo que não definitivo, mas sempre deseja reencontrar o seu lugar e os que ficaram ou encontrar com os que também retornam.

E as expressões culturais e religiosas são fortes elementos que fortalecem esse sentimento do retorno às origens. As festas abarcam esse momento.

Ao mesmo tempo em que libertam, os ritos comemorativos também celebram a unidade, pois conforme Durkheim através deles, ‘o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade; ao mesmo tempo, os indivíduos são revigorados em sua natureza de seres sociais’. As gloriosas lembranças que fazem reviver diante de seus olhos e das quais eles se sentem solidários, doam-lhes uma impressão de forma e de confiança (BEZERRA, 2007, p.174).

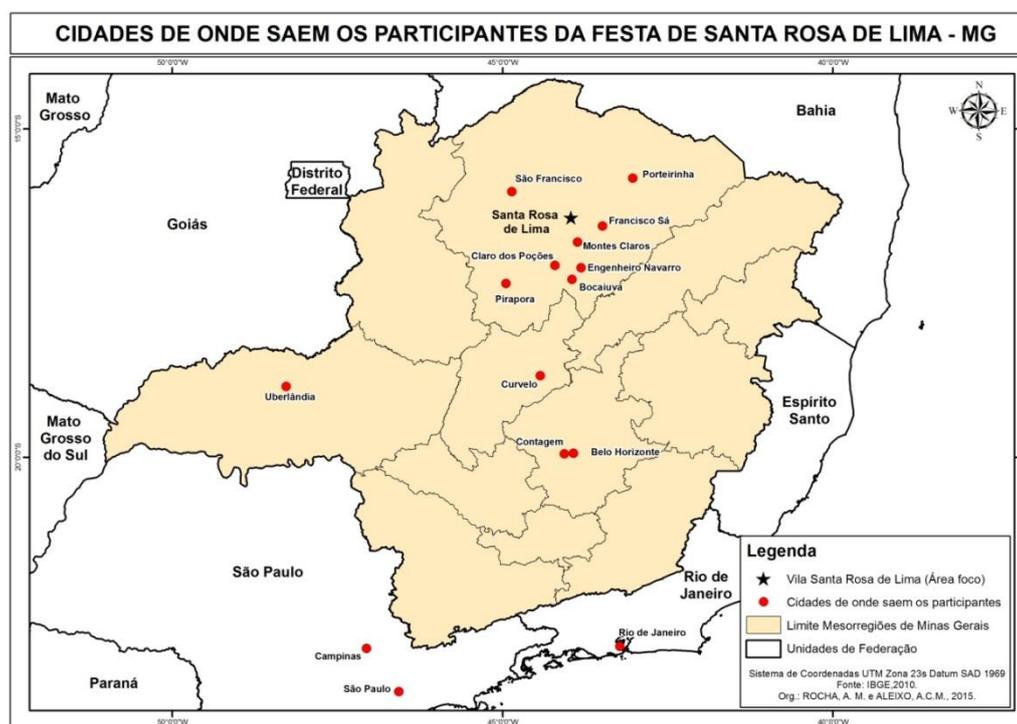
Cabe destacar que, além de toda essa integração que a festa proporciona, ela também se torna responsável pelo retorno daqueles que não habitam mais o seu lugar de origem, porém ainda possuem ligação afetiva com esse espaço, através dos familiares, dos amigos e/ou dos sentimentos que os fazem retornarem no período das festividades.

As pessoas retornam a Santa Rosa de Lima para participarem da festa, pois, é no tempo da festa, que as pessoas que saíram encontram o momento ideal para reviverem as emoções, e a memória tem então o seu ápice. As lembranças voltam à tona e o que antes, era passado, agora se faz presente. Conforme Elias (1994) citado por Augusto

Pessoas e grupos tendem a memorizar os momentos significativos de seu processo vital, distinguindo entre eles as passagens mais marcantes. No caso individual, a existência de um passado compartilhado que possa ser rememorado constitui importante elemento de “asseguramento”, além de possuir destacada função social: “dá a cada indivíduo um passado que se estende muito além de seu passado pessoal e permite que alguma coisa das pessoas de outrora continue a viver no presente” (AUGUSTO, 2011, p.43).

Isso corre com as pessoas que frequentam esse lugar e com aquelas que não moram mais ali, mas fazem questão de estar presente seja para o encontro com os seus familiares e amigos ou para praticar a sua religiosidade, no intuito de fortalecer a sua identidade social e cultural.

Mapa 4: Cidades de onde saem os participantes da Festa de Santa Rosa de Lima – MG



Org.: ROCHA, A. M.; ALEIXO, A.C.M., 2015.

No levantamento realizado junto aos moradores, representantes e visitantes da festa, pode-se constatar que muitos participantes da festa de Santa Rosa de Lima moram em espaços diversos. Conforme identifica o mapa 4, é possível visualizar que muitos deles se deslocam de outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, para participarem desse momento ritualístico.

Esse retorno ocorre por diversos motivos, sendo o principal deles o anseio por estar presente no dia da festa e de estabelecer o reencontro, como também para sentir-se útil nos dias dos rituais participando como festeiro. Esse retorno ao lugar reafirma as tradições, a pausa e a errância e fortalece ainda mais os sentimentos de que aportam a vivência, a identidade e a cultura.

Justamente porque reproduz de modo simbólico e simplificado a sociedade que a produziu, a festa oferece mensagens de uma pedagogia social necessária e oportuna. Um dos aspectos mais importantes dentro de uma observação e análise atentas do que se passa em cada evento, ou em vários eventos combinados, é o modo como a sociedade não só reproduz os símbolos de seus valores e sua identidade, mas o modo como recria codificadamente a sua própria ordem ao mesmo tempo a ideologia por que se legitima e através da qual legitima também quem a faz e como se faz, dentro das relações previstas nos rituais da festa (BRANDÃO, 1974, p.7).

Outra forma de celebração e de sociabilidade que está começando a fazer parte do calendário das festividades em Santa Rosa de Lima é a cavalgada. Ela é organizada pelos

moradores e por grupos de amigos e tem como principal intuito a sociabilidade das pessoas. Essa prática também é uma forma de resgatar o rural e muitas vezes ela está voltada para a religiosidade ou apenas para a realização do encontro entre as pessoas. Essa prática também pode ser considerada como esportiva. De acordo com Colferai (2013, p.6)

As cavalgadas são um evento comum no interior do Brasil, que parecem remontar às manifestações medievais européias, ligadas à nobreza e à religiosidade. São disseminadas principalmente em regiões com forte ligação com o meio rural, e acontecem especialmente em ocasiões festivas, sendo disseminadas desde o sul do país até o Norte e Nordeste. No entanto, mesmo tal presença, ainda não recebeu – a nosso ver – a devida atenção por parte da pesquisa acadêmica, de maneira a buscar sua penetração social e mesmo os processos que a introduziram no cotidiano e no imaginário social brasileiro, principalmente no interior do país.

Esses acontecimentos, principalmente no Norte de Minas Gerais, ocorrem associados às festas tradicionais religiosas ou em outros momentos de sociabilidade. Nesse sentido, essa manifestação é uma das formas de festejar o reencontro e a união, esse dinamismo envolve questões que vão de encontro com as tradições e os costumes de um dado grupo social.

Portanto, a festa tem sua continuidade porque é nela que os valores se fazem presentes e são exaltados, mas também são reestruturados com o intuito de permitir a sua existência. O fenômeno religioso é o que move o acontecer da festa, mas além da religiosidade, o sentimento mais forte que mobiliza as pessoas a se dirigirem até Santa Rosa de Lima é a sociabilidade, o encontro com a família, com os amigos, ou seja, toda a mística que envolve o sentimento de levar a vida em comum, em viver em companhia com as outras pessoas, isso foi constatado no decorrer da pesquisa de campo.

CAPÍTULO 3 - A FESTA EM HOMENAGEM A PADROEIRA SANTA ROSA DE LIMA: TROCAS E VIVÊNCIAS

Chega-se então à microescala da pesquisa que está relacionada a festa em homenagem a padroeira Santa Rosa de Lima. A mesma, como já citado anteriormente, ocorre no mês de julho, todos os anos no distrito que recebe o seu nome. A festa é marcada por uma sequência de rituais que tem início na quinta-feira¹⁹ e termina no domingo com a celebração da Santa Missa.

Em linhas gerais, o momento festivo, na comunidade de Santa Rosa de Lima, vai além da dimensão religiosa, culminando em uma celebração do lugar vivido dotado de sentimentos, arranjos sociais que se disseminam e conseguem dar sentido a processos de unicidade, bem como aos princípios da religiosidade. Dessa forma apreende-se que a festa se configura por práticas religiosas que se entrelaçam as confraternizações familiares, os laços afetivos e o compromisso, dos moradores que foram para fora, e retornam a Santa Rosa de Lima para participarem dessa ocasião. Esta experiência tem como fio condutor a dimensão religiosa, é ela que impulsiona e dá movimento a todo o acontecer festivo.

Portanto, esse capítulo foi construído a partir das narrativas dos sujeitos locais que descrevem a festa e conseguem através das suas memórias estabelecerem elos afetivos de um tempo que remete a lembranças da infância e que refletem a importância desse evento para suas vidas, entre passado e presente.

Observando a festa, na semana do seu acontecimento, percebe-se um movimento tímido dos participantes e dos visitantes. Alguns festeiros já iniciam a preparação da praça e da igreja, bem como o leilão. O leilão é o momento que antecede o marco inicial da festa. Ele estimula o início da movimentação e nele são arrendados diversos produtos como galinha, porco, bolo, doces e até pedaços de cana. O principal intuito do leilão é arrecadar dinheiro para contribuir com a igreja e com o pároco que se dirige até o distrito para celebrar as missas.

Os sujeitos começam a se reunir, ocupar as casas dos familiares e contribuir com os preparativos para a festa. Existe muita união, solidariedade e afeto entre os participantes. É possível observar os laços comunitários daqueles que aguardam essa data festiva para retornar a Santa Rosa de Lima e reencontrar com seus entes queridos.

O acontecer da festa se dá por alguns elementos que intercalam períodos entre o sagrado - investido na presença simbólica dos santos festejados e da padroeira do distrito; e o

¹⁹No ano de 2015, a quinta-feira que marcou o início da festa foi no dia 16 de julho.

profano - que são os momentos de ocorrência de shows com bandas populares regados com muita alegria, dança e diversão pelos participantes.

Através do fortalecimento da memória dos festeiros e da população, o festejo inicia-se e tem continuidade até os dias atuais devido a sua relevância para todos que estão envolvidos direto ou indiretamente. O evento é sempre valorizado pelas pessoas que contribuem para a sua ocorrência e para aqueles que são espectadores. Porém, a condução dos festejos e de todo o seu acontecimento e apogeu é realizada pelos festeiros que doam seu tempo e dedicação em prol de sua condução. Eles organizam toda a cronologia da festa e a programação tanto dos ritos religiosos quanto dos shows que se iniciam após o levantar do mastro e o ascender da fogueira. Cabe destacar que os festeiros é uma tradição muito importante social e culturalmente. São em grande medida os mais abastados e de famílias tradicionais do distrito. Isso ocasiona uma forma de segregação na festa, já que as famílias menos providas economicamente costumam não participar da festividade, no papel de festeiros.

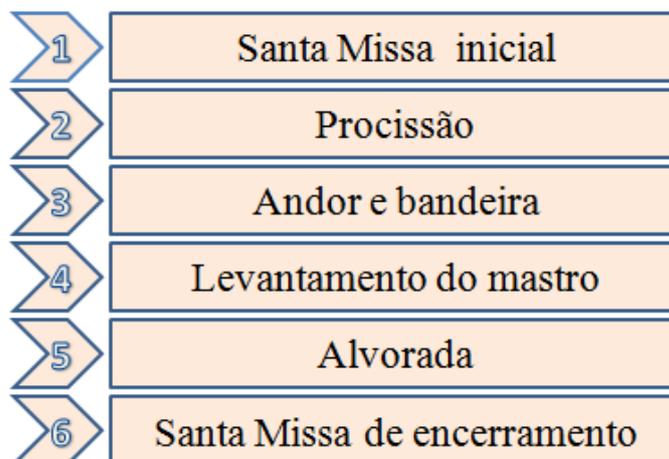
Todos os rituais que culminam na festividade têm como princípio a devoção e a fé. Sem esse envolvimento e dedicação nada aconteceria. Os indivíduos precisam viver esse tempo para confirmar seus vínculos com o outro, com o lugar e com a sua fé.

Eis que a festa restabelece laços. Sou eu que se festeja, porque eu sou daqueles ou daquilo que me faz a festa. Estou sólida e afetivamente ligado a uma comunidade de eus-outros que cruzam comigo a viagem do peso da vida e da realíssima fantasia exata das festas que nos fazemos, para não esquecer isto (BRANDÃO, 1989, p.9).

Diante disso, a manifestação em Santa Rosa de Lima possibilita a sociabilidade entre as pessoas, mas também o reviver da fé através da homenagem aos três santos que são o fio condutor para a realização desse evento. Estes representam o motivo maior da festa e os mesmos serão apresentados no decorrer do primeiro item desse capítulo.

A festa segue uma cronologia de rituais religiosos que tem início na quinta-feira com a santa missa e finaliza com a mesma prática religiosa no domingo. Durante os três dias os rituais se repetem, entretanto os participantes complementam a comemoração a sua maneira e isso difere o acontecimento de cada dia do festejo. No fluxograma 1 é apresentada a sequência das práticas religiosas na comunidade.

Figura 4: Cronologia das práticas religiosas da festa



Org.: ALEIXO, 2016.

3.1. A crença aos santos venerados

A crença e a fé são fenômenos de interpretações complexas e necessita de densa dedicação, especialmente ao debruçar-se sobre uma população rural na busca do significado e importância das dimensões social, cultural e histórica que lhes dão sentido.

A veneração aos santos da igreja católica proporciona o entendimento de acontecimentos associados principalmente às manifestações sociais coletivas. Assim, crença pode ser compreendida, segundo frei Poel como um “sistema integrado de conhecimentos e valores de uma religião” (2013, p.267). Esses valores estão relacionados às doutrinas e os preceitos mantidos pela igreja católica, aos quais os fiéis têm suas crenças em santos canonizados por essa instituição religiosa.

Os santos são os principais representantes do catolicismo. São eles que as pessoas buscam para interceder junto a Deus a fim de auxiliá-las na concretização de algum pedido, promessa, realização ou para sair de uma situação de crise individual ou coletiva.

Em Santa Rosa de Lima muitas pessoas participam da festa com o intuito de realizar algum pagamento de promessa por uma graça alcançada.

[...] a ajuda dos santos era invocada para todos os acontecimentos em que existissem elementos de incerteza e que escapassem ao controle humano. Para obter a ajuda dos santos, os homens ligavam-se socialmente com eles, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade, isto é, uma relação que havia uma série de prestações e contraprestações socialmente estipuladas. A categoria promessa denotava ao mesmo tempo o pedido feito aos santos, à dívida a saldar e a efetivação do pagamento ao santo, especialmente quando se tratava de ex-votos, também chamados de promessa (ZALUAR, 1983, p.88).

Conforme o relato do pároco da Paróquia São Norberto²⁰, antigamente, em meados da década de 1960 era maior o índice de mortalidade das crianças. Frequentemente os pais realizavam promessas a Santa Rosa de Lima em prol da saúde das crianças. Promessas também a Bom Jesus e Santo Antônio.

Em diálogo com moradores e festeiros é recorrente a confirmação que muitos participantes da festa realizam promessas para um dos santos homenageados com o intuito principal de obter a cura de alguma enfermidade ou pela recuperação da saúde dos filhos e dos parentes e, uma das formas de retribuição as graças alcançadas está o custeio de despesas da festa no dia de homenagem ao santo a quem foi recorrido.

Fiz uma promessa para ela (sua neta). Ela deu um problema de convulsão, pegou uma febre muito alta, né, e ficou sentindo aquele negócio...aquela convulsão. E piorava, chorava para tomar o medicamento. Aí eu pedi Santa Rosa que intercedesse por ela pra que ela fosse liberta daquele medicamento, fosse curada, que eu colocaria ela pra ser festeira. Aí Deus abençoou que ela foi curada e aí ela foi festeira de Santa Rosa (M.M.F.G, 65 anos).

Minha filha, ela teve um acidente de bicicleta e cortou o pé e o médico achou que ela num caminhava mais, achou que cortou o tendão do pé, do calcanhar . Eu pedi Bom Jesus para curar ela, né. E eu colocaria ela para ser festeira. E aí ela foi curada, hoje não tem problema nenhuma graças a Deus. Rapidinho ela melhorou. Tudo é a fé, né. Pedi a Bom Jesus. Fiz promessa para Bom Jesus e ela assistiu a missa segurando uma vela e de joelhos na igreja (M.M.F.G, 65 anos).

Os filhos, junto com os pais, muitas vezes, participam como festeiros ou como ajudantes para pagar uma promessa atendida por um dos santos homenageados.

O ato de requerer ao santo através da promessa é de suma importância para a manutenção da fé e da manifestação cultural festiva. Nos ritos religiosos, os pais de modo inconsciente ou não, procuram manter viva uma cultura associada ao lugar e o envolvimento dos filhos possibilita uma perspectiva de continuidade dessa prática cultural.

O primeiro santo homenageado na festa é Bom Jesus, que também é muito recorrido pelos fieis para solicitar algum pedido ou para pagar as promessas realizadas no ano anterior.

3.1.1. Festejo a Bom Jesus

Na quinta-feira, primeiro dia do festejo, na comunidade de Santa Rosa de Lima, a comemoração está voltada para Bom Jesus. Esse santo é considerado o protetor dos negros e dos mais necessitados. Poel (2013, p.129) afirma que

²⁰Diálogo com o representante da paróquia de São Norberto em Montes Claros – MG, em maio de 2016.

Bom Jesus o mesmo que Senhor Bom Jesus. Nome popular do Jesus Cristo sofredor, seja amarrado à coluna, seja carregando a cruz ou crucificado. Desde o século XIII, os frades franciscanos divulgam o culto do Bom Jesus, o Senhor crucificado. Mais tarde, os jesuítas começam a celebrar a festa de Bom Jesus em primeiro de janeiro, dia da circuncisão e do nome de Jesus.

Bom Jesus tem outras designações no Brasil como Bom Jesus dos Navegantes, Bom Jesus da Cana Verde, Bom Jesus de Pirapora dentre outros. Cada local celebra o santo a sua maneira. Em Santa Rosa de Lima, os festeiros²¹, responsáveis pela festa de Bom Jesus, iniciam os preparativos logo nas primeiras horas do dia.

Cada dia há um grupo responsável pela ornamentação da praça (mosaico de fotos 1). Enquanto os mordomos²² organizam a fogueira, enfeita e colore o mastro²³, as feiteiras adornam a igreja e penduram as bandeirolas nas proximidades.

Mosaico de fotos 1: Praça Bom Jesus em Santa Rosa de Lima.



Autora: ALEIXO, 2015.

Outros ficam nas casas preparando as comidas, bebidas e o lanche (mosaico de fotos 2) que serão distribuídos em algumas ocasiões da festa como após o levantamento do mastro e na alvorada. Os festeiros recebem os fiéis de frente as suas casas e nesse local é servido um lanche com biscoitos, doces, farofa de carne (paçoca) e bebidas para todos que vão até a porta da casa da família que realiza essa doação.

²¹Normalmente os festeiros são formados por grupos de família e amigos que se reúnem para organizar e preparar a festa.

²² Os mordomos ficam encarregados de organizar a fogueira e enfeitar o mastro. “O encarregado, o chefe, p.ex., o mordomo do mastro (POEL, 2013, p.664).

²³ Estrutura de madeira a qual é erguida a bandeira do santo venerado.

Mosaico de fotos 2: Preparação das refeições



Autora: ALEIXO, 2015.

Na ornamentação os festeiros também aproveitam as árvores da praça colocando flores artificiais, tudo com o intuito de deixar o local bastante enfeitado para receber os fiéis e os visitantes. Além dessa ornamentação também são organizados os fogos de artifício com foguetes e girândolas para embelezar mais a festa. A praça então é toda transformada para o acontecimento da festa. Dessa forma, esse lugar, torna-se, temporariamente um palco místico enredado pela espiritualidade, acolhimento e confraternização. É uma manifestação que remete as tradições rurais no Norte de Minas Gerais, conforme relatado por Dias (2015, p. 91).

As festas populares no Sertão norte - mineiro podem ser vistas como uma rede de solidariedade onde todos se reúnem, ajudam uns aos outros quebrando as barreiras das classes sociais. Assim, vivem em comunhão, unidos, mais fortes e resistentes. Apresenta-se como uma religiosidade de pessoas simples, é através desta religião do povo que ascende vela para o santo devotado, de procissões e romaria entre outras práticas do povo, que o sertanejo firma-se como um homem crédulo.

A primeira prática religiosa que dá início a festa é a Santa Missa²⁴. Nesse primeiro dia da manifestação o movimento de pessoas nas ruas junto às barraquinhas ainda é tímido. Após a celebração eucarística, os fiéis seguem a procissão em direção a casa de um dos festeiros para buscar a bandeira e o andor.

As bandeiras dos santos, no Brasil, são consideradas como uma espécie de marco temporal das festas. Em algumas comunidades rurais, ocorre a saída da procissão com a bandeira do santo padroeiro acompanhada pelos festeiros. Eles percorrem as casas da comunidade recolhendo contribuições para a igreja e quando a bandeira retorna é que se inicia

²⁴ A primeira missa a dar início ao festejo em Santa Rosa de Lima no ano de 2015 foi sertaneja esse estilo preza pelas melodias das canções religiosas em ritmo sertanejo e os fiéis utilizam vestimentas características desse estilo musical como blusas de botão xadrez e utilizando botas como calçado.

a festa. Em Santa Rosa de Lima a bandeira e o andor ficam na casa de um dos festeiros aguardando a chegada da procissão. O padre adentra a residência e, com a bandeira em punho, passeia pelos cômodos ritualizando a benção e a proteção ao lar do festeiro guardião.

Antes de seguir a procissão, que retorna para a igreja, os fiéis entoam cânticos e tocam instrumentos musicais como sanfonas, violão, pandeiros e triângulo. Nas casas que abrigam a bandeira e o andor, são distribuídas “tochas” para abrigar as velas durante a procissão (mosaico de fotos 3). As tochas são estruturas com arame envoltas por papel colorido. Combinada a chama das velas, elas embelezam o entorno da igreja e iluminam as ruas ao longo da procissão.

Mosaico de fotos 3 : Procissão com as bandeiras e os andores





Autora: ALEIXO, 2015.

A parte ritualística finda com o hasteamento da bandeira no mastro localizado em frente à Igreja, acompanhado da queima de fogos. Esse ritual católico segue as tradições do catolicismo dito oficial, mas adapta-se aos costumes locais, portanto, ele tem significados distintos e em cada comunidade a cerimônia é (re) configurada e reflete os costumes da localidade.

A bandeira tem significado importante no ritual religioso e principalmente para os fiéis que utilizam esse símbolo com o intuito de cultivar sua devoção e crença. “A chegada da bandeira constitui uma bênção para a casa do devoto” (POEL, 2013, p.96). Ela representa a visita do santo vivo²⁵ na casa.

O andor também tem o seu valor simbólico por ser o suporte que transporta a imagem do santo. Geralmente ele é todo enfeitado com as flores de mesma tonalidade da bandeira. O andor é o instrumento que sustenta a imagem do santo venerado ao longo da procissão. Situado sempre a frente dos fiéis, o andor também tem importante representatividade simbólica. Junto a bandeira é guia das procissões católicas, de outras manifestações religiosas e festejos populares como maracatus, folias, congado e escolas de samba. Essas imagens, dos santos de barro, do andor e das bandeiras, dentro do contexto religioso, extraem um significado singular para os devotos. Existe uma variedade de manifestações culturais e religiosas que, por meio desses símbolos, abarcam conteúdo e sentido diverso para os modos de apreensão e concepção de cada símbolo utilizado. Para os católicos, a imagem representa uma materialização da fé que, ao agregar significado, representa a sua crença e alimenta a sua devoção. Esses signos têm sua expressão simbólica e são importantes mecanismos de manutenção das devoções.

²⁵Na religiosidade popular, constata-se a fé na viva presença de santos e almas; Inúmeros são os fiéis que têm um trato muito familiar com os santos. Falam com o santo em alta voz, pedem sua ajuda, deixam bilhetes aos pés dele, agradecem, fazem promessas e buscam o recado do santo (POEL, 2013, p. 967).

Em Santa Rosa de Lima os fiéis com o pároco costumam realizar três voltas ao redor do templo antes do levantamento do mastro. Nesse momento a procissão prossegue ao som de instrumentos musicais, com cânticos e fogos de artifício que anunciam esse ritual. Em seus estudos sobre procissões em ambientes rurais, Alba Zaluar ilustra a mística nas festas de folia e contribui ao relatar sobre as procissões em comunidade rurais, ou ainda como a mesma denomina, por “áreas tradicionais”

[...] O tempo gasto, o espaço percorrido e a presença ou não da folia, bem como o número de seus participantes, variavam de acordo com a popularidade do santo ou a importância da localidade ou grupo que este representava. Após a chegada da bandeira, tinha início a festa propriamente dita, quando de toda a área de influência do santo, acorriam pessoas para a cidade ou povoado de onde a bandeira havia saído (1983, p.66).

Finalizado o cortejo, o mastro é erguido com a bandeira. Nesse momento o padre incentiva as palmas e verbaliza o “viva” aos santos que são homenageados na festa. O mastro é outro elemento que representa a ligação transversal do homem com o céu, com o santificado. Conforme Poel (2013, p. 620)

O uso do mastro em festas religiosas é conhecido em todo o território nacional. O corte, o transporte, o enfeitar e o levantamento do mastro são acompanhados de cerimônias religiosas e alegres. Alguns cantos louvam o santo da bandeira hasteada. O mastro levantado mostra o santo e aponta para o céu infinito, tornando-se assim um importante símbolo do sagrado. Em dias de festa, o mastro representa o eixo da terra e o centro do mundo. Nas festas religiosas populares de Santo Antônio, São João, santa cruz, São Sebastião, padroeiros paroquiais e santos de devoção, é costume levantar um mastro com a bandeira do santo ou santa, na véspera da festa. O mastro é alto por natureza. Um mordomo do mastro é encarregado de enfeitá-lo com papel colorido. A alegre cerimônia do levantamento de um mastro é feita com muito respeito, pois o mastro e a bandeira simbolizam a fé do povo.

Após o hasteamento, inicia-se a queima dos fogos de artifício, que também é uma maneira de homenagear o santo do dia. Esse acontecimento é considerado uma cerimônia espetacular de encerramento ritualístico. Os participantes ficam aguardando os fogos que impressionam pela quantidade, algo que sinaliza uma disputa acanhada entre os grupos de festeiro, uma vez que a apresentação pirotécnica em cada noite sinaliza os gastos com a festa.

Essa disputa é considerada como a causadora da beleza vivenciada no ápice do tempo festivo, pois os grupos têm a preocupação em manter viva essa tradição e a cada ano buscam maneiras de torná-la mais atraente e alegre. Verifica-se que os elementos “profanos”, que envolvem a festa como os shows e danças, que ocorrem após o encerramento dos ritos católicos são apenas ingredientes que comungam com a religiosidade. E assim, “a fé comum reanima-se naturalmente no seio da coletividade reconstituída; renasce, porque volta a se

encontrar nas condições mesmas em que nasceu primitivamente” (DURKHEIM, 1996, p.373). Portanto, é o que incita esse acontecimento e o que o preserva.

A razão de ser verdadeira dos cultos, mesmo os aparentemente mais materialistas, não deve ser buscada nos gestos que prescrevem, mas na renovação interior e moral que esses gestos contribuem a determinar. O que o fiel oferece realmente a seu deus não é o alimento que deposita no altar, nem o sangue que faz correr de suas veias: é seu pensamento (1996, p. 373).

A fogueira também é outro importante símbolo da festa. “Acender fogueiras festivas para espantar maus espíritos é costume que já existia antes da era cristã” (POEL, 2013, p.433). A fogueira é sempre encontrada nas festas dos santos do mês de junho, principalmente as dedicadas a São João e a São Pedro. “A data da festa de São João coincide com o solstício do hemisfério sul” (2013, p.433), sendo assim, a fogueira ajuda a esquentar as noites frias do inverno e ela também representa um ato de purificação, pois o fogo tem essa conotação e é também uma forma de agradecimento ao santo protetor.

Muitos santa-rosenses afirmam que a fogueira (figura 5), antigamente, era muito mais bonita, maior e mais alta. Cabe destacar que a fogueira também servia como iluminação para a praça já que na comunidade, até meados da década de 1970 não tinha luz elétrica. “A fogueira ficava queimando a noite inteira. Os festeiros gostavam de fazer uma fogueira bem grande para ela ficar queimando a noite inteira para o povo ficar esquentando nela depois do baile. Hoje não se faz mais a fogueira. Ela era o símbolo da festa” (A.F.S, 90 anos).

Figura 5: A fogueira de antigamente



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. José Rodrigues.

Conforme relatado por festeiros, nos anos de 2013 e 2014, a administração pública proibiu a existência da fogueira durante o festejo por medidas de segurança e por terem realizado o asfaltamento da praça. Entretanto, em 2015, no ano da realização da pesquisa a fogueira foi novamente montada na festa.

Os festeiros afirmaram que antigamente a fogueira era disponibilizada no meio da praça, mas por questões de segurança eles optaram por dispô-la as margens deste espaço, já que o movimento de pessoas de frente a igreja é muito grande e corre o risco de acidentes no decorrer da noite. As chamas são acessas após a queima de fogos.

Porém, ainda a véspera das apresentações musicais de palco já se observa a coexistência entre o sagrado e o profano, em que por um lado existem os sujeitos concentrados nos ritos religiosos e por outro, pessoas realizando outras práticas, consumindo a festa de maneiras diversas, dançando, bebendo, comendo e enfim socializando.

A festa é religiosa e possui modos diferentes de reprodução e uso. Ela é dinâmica e fluida. Os sujeitos participam dela e fazem parte de todo esse contexto independente se atua direta ou indiretamente na preparação do festejo ou nos rituais católicos. Todos coexistem intimamente no mesmo espírito comunitário e solidário. “Em comum entre os autores que interpretam a temática está à constatação de que ela tem um caráter regenerador, o que faz

dela, sobretudo da festa religiosa, os instrumentos por excelência de ligação entre os humanos e entre ele e o mundo que habitam” (SOUZA, 2009, p.105).

As apresentações musicais de palco são normalmente realizadas por bandas de artistas regionais e locais que tocam estilos diversos, sendo o forró o principal deles. A estrutura do palco, bem como o som da festa é cedida pela Prefeitura Municipal de Montes Claros. O poder público também apropria desses momentos disponibilizando faixas indicando o apoio da administração pública na realização do evento. Também é possível verificar algumas figuras políticas distribuindo apertos de mãos e sorrisos para os participantes, essa também é uma oportunidade para eles se promoverem politicamente.

A festa tem essa dualidade e promove a interpolação de contextos. Ela é uma manifestação religiosa popular tradicional, e como em todas elas, paralelo ao acontecimento, existe uma gama variada de grupos que aguardam a festa para desfrutar do lazer e da recreação e outros que a utilizam para a promoção do seu cargo político ou do seu comércio. Os usos da festividade são variados, mas mesmo aqueles que não participam ativamente da parte religiosa da festa, de alguma maneira, é nela que se fortalecem os laços afetivos com o lugar e com os outros. E, é por isso que as pessoas retornam para participarem dela. É a “esfera” religiosa que a festa representa a qual permite a sua continuidade. Ela está em todas as partes do festejo, na partilha, nos encontros, na solidariedade, na alegria que a investe. Mesmo aqueles que mudaram de religião permanecem “respeitando” os rituais. Todos participam com um sentido único de saborear e vivenciar a festa.

Após a apresentação das bandas, por volta das cinco horas da manhã, inicia-se a alvorada (mosaico de fotos 4). Esse é outro momento de intensa participação que une espectadores e festeiros. De um lado os festeiros que proporcionam o lanche da madrugada, e de outro os participantes que permanecem até o amanhecer para compartilharem do alvorecer festivo e nele está embutida a permanência de suas tradições católicas.

Mosaico de fotos 4: Alvorada festiva



Autora: ALEIXO, 2015.

Esse momento de doação e partilha também é acompanhada de muita animação, já que alguns instrumentistas se fazem presentes e agitam a alvorada com músicas de estilos variados. Após essa prática encerra-se o dia de festejo para os foliões, porém o rito católico considera a missa ao santo venerado, que acontece às dez horas da manhã da sexta-feira, como o momento de desfecho. Ao final da missa os festeiros distribuem lembrancinhas com a imagem de Bom Jesus para os fiéis, ritualizando a passagem e a dedicação desse grupo à manifestação.

Após a cerimônia, as pessoas retornam para suas casas e os festeiros desse dia saem com um sentimento de missão cumprida. *“É muito bom ouvir as pessoas falando da festa de Bom Jesus e como a praça ficou bonita. É um orgulho pra todos nós. Acho que vou tornar a participar ano que vem. Dá muito trabalho organizar tudo, mas a gente gosta”* (V.FS., 56 anos).

Assim que acaba a missa em homenagem a Bom Jesus, os festeiros do dia dedicado a Santo Antônio já iniciam a preparação do ambiente para a festividade. São visualizados os mesmos rituais, que aconteceram no dia anterior, mas com um grupo diferente, com outros sujeitos e com outras intenções.

3.1.2. Festejo a Santo Antônio

Santo Antônio é um dos santos mais populares no Brasil, principalmente em comunidades rurais. Poel (2013, p. 959) descreve que “de fato, tornou-se um santo muito popular: Santo Antônio é grande santo/ é de todos o primeiro/foi nascido português/ hoje em dia é brasileiro//. Brasileiro ele é deveras. Virou santo caboclo da roça, da fogueira, da batata assada”.

Muitas festas populares, principalmente a do mês de junho, são dedicadas a ele, já que a data da sua festa é demarcada no dia treze desse mesmo mês.

Entre as inúmeras representações do santo, em geral com o menino Jesus no colo e trajando o hábito franciscano, ele abençoa com a mão esquerda e traz, na direita, a Bíblia e um lírio. Também é muito representado com o menino Jesus, sentado ou em pé sobre o livro sagrado, que o taumaturgo tanto estudou em sua vida para tornar-se o grande pregador de que a sua Ordem necessitava ao tempo em que foi fundada. Outras representações de Santo Antônio: trazendo na mão uma flor-de-lis ou uma açucena ou uma custódia ou um ramo de videira ou um crucifixo. Quando traz nas costas um saco de pães, é chamado de Santo Antônio dos pobres ou do picuá. O seu rosto, nas imagens, é geralmente a de um moço sem barba. Mostra na cabeça o corte próprio de cabelo dos clérigos e monges: a coroa ou tonsura. Fernando de Bulhões e Taveira nasceu em Lisboa. Dos seus 36 anos de vida, 25 ele viveu em Portugal, e 11 na Itália e na França. Apenas 11 meses após sua morte, foi declarado santo pelo papa Gregório IX. Tornou-se popular como pregador militante, merecendo os nomes de “trombeta do Evangelho” e “martelo dos heréticos”. Segundo o franciscano José Clemente Müller²⁶, “seu público era o mais variado possível, abrangendo todas as classes sociais, desde o sumo pontífice com seu sacro colégio, passando pelos governantes e magistrados até o rústico camponês. O santo da devoção popular era um tipo prático. Mais do que um pensador dogmático, era um mestre intuitivo. O seu culto é um dos mais populares da história. Os portugueses o chamam de Santo Antônio de Lisboa (onde nasceu) (POEL, 2013, p. 959).

Além do seu reconhecimento no Brasil, Santo Antônio também é considerado um dos santos que mais realiza milagres. Devido a sua popularidade, não só as festas religiosas do Norte de Minas Gerais homenageiam esse santo, mas também as festas e os lugares de romaria que ocorre em diversas localidades no Brasil que têm devoção a Santo Antônio, sendo que ele, assim como Bom Jesus, recebe diferentes denominações como Santo Antônio da Mouraria, Santo Antônio da Barra, Santo Antônio de Arguím, dentre outras.

As festas religiosas populares são as principais homenagens a esses santos. Os fiéis acreditam que o festejo às santidades é uma maneira de demonstrar a sua gratidão, fé e devoção e se sentem satisfeitos aos realizarem esses eventos, pois é o momento que se diferencia do cotidiano, ocorrendo à imersão no tempo sagrado.

²⁶MÜLLER, José Clemente. Santo Antônio e as Sagradas Escrituras. In: Oitavo Centenário do Nascimento de Santo Antônio. São Paulo, Nov./1995.p.22.

Seja qual for a complexidades de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente, tornado presente. Os participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico. Em outras palavras, “saem” de seu tempo histórico – quer dizer, do Tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e interpessoais – e reúnem-se ao Tempo primordial, que é sempre o mesmo, que pertence à Eternidade. O homem religioso desemboca periodicamente no Tempo mítico e sagrado e reencontra o Tempo de origem, aquele que “não decorre”, pois não participa da duração temporal profana e é constituído por um eterno presente indefinidamente recuperável (ELIADE, 1992, p.47).

Ademais, existe a consonância entre esses dois tempos, o sagrado e o profano, uma vez que um é a complementação do outro, e é sempre o ritual sagrado que impulsiona esse acontecimento. O autor Eliade (1992) faz essa alusão ao colocar que

O homem religioso sente necessidade de mergulhar por vezes nesse Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana. É o eterno presente do acontecimento mítico que torna possível a duração profana dos eventos históricos (1996, p.47).

A festa em devoção a Santo Antônio é revivida todo ano, pois ela corrobora o encontro do homem a sua cultura religiosa e possibilita os devaneios da fé dos devotos nessa figura divina.

Mesmo aqueles que não participam diretamente dos rituais sagrados, assistem nas portas das casas, dos bares, nos bancos da praça, todo o cortejo. As pessoas têm dedicação a essa festa durante um ano inteiro e essa maneira de homenagear os santos padroeiros é transmitida através da convivência entre as gerações. Nessa comunidade, isso fica visível quando se tem noção do tempo de existência da festa e a participação considerável de crianças e adolescentes nas práticas religiosas e festivas.

A organização da festa em homenagem a Santo Antônio inicia com a preparação do templo utilizando de objetos como toalhas, flores e arranjos com as cores definidas para esse dia de festa. Enquanto um grupo realiza essa função, outros preparam a praça colocando mais bandeirolas, outros enfeitam o mastro e organizam os fogos de artifício. A fogueira também é montada durante o dia.

Observa-se que, no grupo de festeiros, existe uma divisão de gênero entre as atividades delegadas. Essa organização é delimitada nas reuniões dos festeiros que ocorrem meses antes da festa.

Essa divisão sexual do trabalho é apresentada por Zaluar (1983, p. 108) ao explicar sobre a cultura festiva em comunidades rurais, a autora afirma que os papéis conjugais são segregados, isto é, existem tarefas exclusivamente masculinas e tarefas exclusivamente femininas, que não se limitam às tarefas domésticas tradicionais e que esse padrão de

segregação nos papéis sexuais reflete-se em certas práticas religiosas e é por elas reforçado. Essa divisão é muito comum no âmbito festivo e também nos mutirões de plantação²⁷.

Tassinari (2003) legitima essa segregação, destacando que o trabalho para organização dos mutirões, seja no plantio ou ainda nas festas dedicadas aos seres sobrenaturais, como retribuição de favores concedidos, quando “em família”, menos se tem a necessidade de oferecer alimento e bebida e existe menos separação entre homens e mulheres, mas quanto mais à comunidade se amplia, aglutinando “a família extensa” ou os “grupos locais”, maior é a postura de serviço que o anfitrião assume, tendo o costume de sempre oferecer.

Entende-se que, em Santa Rosa de Lima, como em outras localidades rurais, ocorre uma transposição dos serviços domésticos para a organização da festa, já que as mulheres se responsabilizam pela parte interna da igreja, limpeza, ornamentação, preparação das comidas e os homens ficam responsáveis pela parte externa como a arrumação da fogueira, do mastro e a disposição dos fogos de artifício. São os devotos e os festeiros que têm o cuidado de organizar a festa, desde a parte religiosa até a considerada profana.

E isso institui laços de solidariedade entre os grupos, principalmente nas diversas práticas que tem como intuito homenagear os santos católicos e toda essa realização está sob o controle das pessoas leigas e não dos coordenadores da igreja ou do padre responsável pelas celebrações.

A festa em devoção a Santo Antônio tem o marco inicial com a celebração da Santa Missa no início da noite de sexta-feira. Parte dos assentos, na igreja, são reservados para o grupo dos festeiros, assim ocorre também na missa de Bom Jesus (mosaico de fotos 5).

Mosaico de fotos 5: Ocupação dos bancos na igreja



Autora: ALEIXO, 2016.

Com camisetas personalizadas, os festeiros adentram a igreja providos de artefatos como uma cruz de madeira e castiçais que são disponibilizados no altar.

²⁷ A autora Zaluar (1983) privilegia a categoria camponês e as práticas de mutirões em seu estudo, mas estes elementos não serão tratados neste trabalho.

Após a missa, inicia-se a procissão em destino a casa do festeiro em busca do andor e da bandeira. As tochas são distribuídas para os fiéis colocarem as velas e seguir a procissão que retorna para a igreja com os elementos sacros. A imagem de Bom Jesus se junta à imagem de Santo Antônio no cortejo, juntamente com o pároco.

Apreende-se que os santos, para os fiéis, são exemplos de uma vida cristã e um estímulo para a busca da santidade. Mesmo com as homenagens aos santos, os cultos da igreja católica mantêm a centralidade em Jesus Cristo, sendo que, o que de fato existe é uma mediação da fé tendo a espiritualidade como o princípio.

Os santos católicos são, assim, os santos da ordem social: são os santos da doença legitimada e da cura legitimada. São os santos que representam as diversas redes, categorias ou grupos de pessoas organizadas na vida cotidiana. São eles que abençoam as passagens importantes no ciclo da vida dos indivíduos e no ciclo de reprodução agrícola (ZALUAR, 1983, p.114).

Essa mediação sempre existiu, pois as pessoas também acreditam que recorrer ao santo é uma forma da sua prece ser atendida mais prontamente. Essa dimensão sagrada é abarcada no festar, pois nela o indivíduo acredita conseguir chegar mais próximo a divindade, aos seres semi-divinos.

[...] O que nos importa em primeiro lugar é compreender o significado religioso da repetição dos gestos divinos. Ora, parece evidente que, se o homem religioso sente necessidade de reproduzir indefinidamente os mesmos gestos exemplares, é porque deseja e se esforça por viver muito perto de seus deuses (ELIADE, 1992, p.48).

Os fiéis que participam da festa religiosa em Santa Rosa de Lima se sentem envolvidos com o festejo e fazem questão de organizar esse momento todos os anos no intuito de reviver os sentimentos que envolvem a sua crença. A festa também vai além dessa perspectiva e todos os rituais que a envolve possibilitam estabelecer os vínculos simbólicos e sagrados com o lugar, como também as relações tanto individuais como coletivas dos sujeitos com as divindades e suas diferentes formas de manifestação da fé.

A fé festejada pode ser abarcada, conforme Brandão (1974), como um “acontecimento de ritualizações”.

Uso este conceito, acontecimento, para dar uma idéia situacional de alguma coisa incluída dentro de uma continuidade que, por um tempo determinado, modifica e altera. Chamo acontecimento de ritualizações porque a festa é em si mesma um ritual complexo, na mesma medida em que se realiza através de rituais como sistemas de comportamentos de oposição aos comportamentos produtivos da rotina (1979, p.9).

Esse tempo se difere da rotina porque são preenchidos de celebrações. Quando o cortejo retorna para a igreja com o andor e a bandeira, todo o espaço está preparado para recebê-lo. Nesse momento, é concretizada a ligação dos fiéis com o santo protetor, quando é

simbolizado no hasteamento da bandeira no mastro, na queima dos fogos e no ascender da fogueira, finaliza-se então, o rito religioso. A partir daí inicia-se o outro momento da festa, a profana, com os shows de bandas de forró e de sertanejo. Tudo se une para rememorar esse momento e reviver os laços sociais, pois conseguem nessa ocasião de recreação reencontrar os familiares e amigos que ficam até um ano inteiro distantes.

A alvorada que ocorre na madrugada de sexta para sábado, após os shows, é um ritual de envolvimento das pessoas que une a configuração religiosa e a social. Os festeiros oferecem um lanche como uma maneira de finalizar o dia dedicado a Santo Antônio. Contudo, assim como na festa a Bom Jesus, a homenagem ao santo finaliza na missa de encerramento que ocorre no sábado de manhã em que também são distribuídas lembrancinhas do santo homenageado. Encerrada a festa a Santo Antônio, têm início os preparativos para a celebração a Santa Rosa de Lima.

3.1.3. Festejo a Santa Rosa de Lima

O último dia do festejo é o ápice de todo o evento religioso, dia no qual ocorre a homenagem a padroeira da localidade. Concomitantemente, é o dia de maior número de participantes. Aumenta-se a quantidade de barracas que comercializam bebidas e comidas. As ruas no entorno da praça são fechadas com cavaletes para evitar a passagem de veículos automotores.

Os festeiros já se posicionam para iniciar a arrumação da praça com as bandeirolas e com as fitas coloridas. De frente a igreja, a fogueira já começa a ser arquitetada. A disposição dos fogos de artifício também é elaborada nesse mesmo tempo, já que existe o auxílio entre os grupos, todos ajudam, mesmo que já tenham a sua obrigação pré-determinada já concluída. Esse tempo é constituído de muita reciprocidade, pois representa a união das pessoas, elas exercem a solidariedade e compartilham tempo e trabalho. Isso fortalece a comunhão do grupo e proporciona o interesse em dar continuidade a esse festejo. Ao observar os preparativos, veem-se o envolvimento de muitas crianças e da juventude que demonstra interesse em ajudar e os pais são os maiores incentivadores dessa participação.

Entretanto, é notório que as atrações musicais de palco despertem mais interesse de grande parte da juventude. No que diz respeito aos atrativos e a sociabilidade em festas religiosas, Brandão (1989) descreve a festa que ocorre na Semana Santa em Ouro Preto e cita a posição dos jovens nesses momentos religiosos.

Um número maior deles poderá desejar viver o “cultural” da “Semana Santa em Ouro Preto”, como os turistas confessam. Mas quase todos apenas aproveitarão o “Feriado da Semana Santa” para conhecer e “curtir” Ouro Preto. Atraídos momentaneamente por esta ou aquela cerimônia religiosa mais vivível, preferirão criar e viver seus próprios ritos, que, indiferentes ao calendário, cabem tanto na Páscoa quanto nos intervalos dos festivais de julho (BRANDÃO, 1989, p. 59-60).

Cabe destacar que essa manifestação religiosa e cultural, em Ouro Preto, difere-se em diversos aspectos da festa que ocorre em Santa Rosa de Lima, uma vez que os jovens citados por Brandão são turistas que não têm vínculo com o lugar, mas colabora como referência para demonstrar o comportamento dos jovens e também dos turistas diante das práticas religiosas que acontecem nessa cidade e que também servem como parâmetro para interpretar o comportamento dos jovens na festa de Santa Rosa de Lima. Além disso, Brandão (1989) interpreta como uma mesma festa religiosa pode ser desigualmente conotada e vivida de diferentes formas por um variado número de sujeitos. Isso ocorre porque existe um festejo religioso que embasa todas as manifestações sagradas ou não.

A relação com a festa e com o lugar demonstra como as pessoas vão tecendo a sua vida, as suas relações de trabalho, de vizinhança, juntamente com as celebrações e com a convivência. Essas experiências são múltiplas e é o que mantém também as relações simbólicas e os laços de afetividade. Muitas pessoas retornam para Santa Rosa de Lima no intuito de contribuir com a festa.

As famílias de festeiros mobilizam amigos e parentes que vêm de longe para participar desse dia. As pessoas organizam a sua agenda de compromissos pessoais para garantir a presença no festejo.

Na comunidade de Santa Rosa de Lima a festa em homenagem a sua padroeira teve início a partir da chegada da imagem da santa. Santa Rosa de Lima é bastante popular entre os religiosos, já que foi a primeira a ser canonizada na América Latina. Conforme Poel (2013) a festa em homenagem a santa geralmente é comemorada no dia 23 de agosto, data do calendário oficial da Igreja Católica.

Isabella de Oliva nasceu em Lima (Peru), filha de Gaspar Flores e Maria d’Oliva. Era a décima primeira a nascer numa humilde família de migrantes espanhóis. Desde pequena criava flores para vender. (...) Por ter as faces rosadas era chamada Rosa. Fazia jejum e penitência. Debaixo do véu, ela carregava na cabeça uma coroa com 33 espinhos para constantemente imaginar o sofrimento de Jesus. Aos 20 anos, entrou na ordem terceira dos dominicanos. Vivendo no meio do mundo, alcançava na oração suas experiências místicas. Santa Rosa de Lima morreu jovem (31 anos), após uma vida de caridade heróica, especialmente dedicada aos índios e negros. Primeira santa canonizada (1671) da América Latina é a sua principal padroeira (2013, p. 952).

O fato de levar o nome da comunidade, a expectativa sobre os preparos da festa são ainda maiores no dia de homenagear a Santa Rosa de Lima. Os festeiros que ficam responsáveis por esse dia sentem a obrigação de fazer a festa mais colorida, com maior número de fogos e ter um maior número de festeiros e pessoas participando da procissão.

As casas, os bares e calçadas ficam mais movimentados, em clima de festa. A festa tem de tudo um pouco, como sons de automóveis ligados junto ao som eletrônico do palco, pessoas dançando ao som dessas músicas, mesmo antes da festa de fato iniciar.

Ao acompanhar a reunião²⁸ do grupo de festeiros responsável pela festividade do sábado, foi possível compreender a dimensão da festa no que diz respeito à organização, os gastos e as obrigações dessas pessoas. O grupo se reúne diversas vezes, no decorrer do ano, em datas que antecedem a festa para poder organizar as despesas e definir as atribuições dos organizadores, tais como preparativo do lanche e das comidas, pela confecção das tochas, arrumação do andor, da bandeira, do mastro e da fogueira. Nessa divisão, também existe os responsáveis pela organização da parte interna da igreja e pela refeição do padre que celebrará a missa. Normalmente, os festeiros oferecem as refeições para o pároco e para o seu ajudante, embora seja destinada uma casa ao pároco, construída pela comunidade, as famílias geralmente recebem o representante da igreja para partilhar o alimento.

No dia de homenagem a Santa Rosa de Lima, observa-se nas ruas e igreja maior riqueza decorativa, quando comparada aos dias anteriores. Como nos outros dias, o que dá início a festa é a Santa Missa, às dezenove horas. Algumas famílias aproveitam esta data para realizar o sacramento do batismo. Coincidentemente no período da pesquisa tal prática foi testemunhada. Isso é comum nos dias de festa, pois nem sempre as missas ocorrem com frequência na comunidade e devido a isso, as pessoas aproveitam este momento para realizar algum tipo de sacramento da igreja católica.

Após a missa, os fiéis saem em procissão para buscar a bandeira e o andor na casa de um dos festeiros (mosaico de fotos 6). Ao retornarem a igreja, a procissão realiza três voltas ao redor do templo. No sábado a procissão é composta com os três andores dos santos homenageados.

²⁸ No decorrer da pesquisa acompanhei três reuniões do grupo de festeiros responsáveis pela festa em homenagem a padroeira em Santa Rosa de Lima.

Mosaico de fotos 6: Os três andores



Autora: ALEIXO, 2015.

De acordo com Lopes (2006), que realizou um estudo da comunidade santa-rosense e da festa na localidade, o momento da chegada da procissão à igreja é um costume antigo onde os fiéis dão três voltas ao redor do templo, isso é um ritual que significa a representação da santíssima trindade que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou seja, cada volta é dedicada a um dessas pessoas.

Como ato de magia, circular algo por três vezes e no sentido anti-horário pretende-se desfazer maldades, energias ruins e feitiços. Nunca é demais lembrar que a população inicial da Vila do Bengo era negra, de ascendência bantu e esse costume de realizar atos mágicos girando no sentido anti-horário é recorrente entre populações vinculadas a essa etnia (LOPES, 2006, p.78).

Posteriormente a esse ritual, a bandeira (mosaico de fotos 7) é levantada no mastro e os fogos de artifício são estourados e enfeitam o céu do distrito.

Mosaico de fotos 7: As bandeiras e os mastros



Autora: ALEIXO, 2015.

A fogueira também é acesa, confirmando os atos e práticas da religiosidade e dedicação a Santa Rosa de Lima. Os festeiros organizam o “lanche do mastro” logo após esses acontecimentos.

A praça, que antes estava sendo utilizada apenas para a cerimônia religiosa, torna-se *locus* do divertimento, da dança e da interação, com o início dos shows. As pessoas que não participam das práticas religiosas, dirigem-se até a praça para participarem desse outro momento de festividade e sociabilidade. Os habitantes locais e os de fora se encontram, nesse período, para restabelecer a convivência, mesmo que por uma noite, acompanhando a programação dos shows e no final da madrugada também participam da alvorada festiva.

A festança em homenagem a padroeira Santa Rosa de Lima também tem o seu marco final na missa celebrada às dez horas da manhã no domingo. Nesse ano de 2015, o pároco solicitou que na saída da celebração fosse entregue, para os fiéis, botões de rosas brancas que simbolicamente remete a padroeira da comunidade.

No final da festa em homenagem a Bom Jesus, Santo Antônio e Santa Rosa de Lima, as pessoas já começam a se organizar para a festa do próximo ano. Normalmente, são os familiares e amigos que optam por ficarem responsáveis por um dia da festa e assim, formar o

grupo de festeiros do próximo ano. Alguns já se apresentam para o pároco e para a comunidade na missa do domingo, os outros grupos são formados no decorrer do ano.

Os sujeitos que participam como festeiros ou como espectadores, sempre que indagados sobre a importância e o valor da festa, reportam-se a ela com muita emoção e com um sentimento de sempre querer estar presente nesse momento de confraternização espiritual. Isto está nas lembranças das pessoas e todos os anos o acontecer da festa possibilita essa experiência de reviver esse acontecimento fortalecendo-o cada vez mais.

3.2. Memórias da fé

Sabemos todos que é de um presente e de suas condições em nós, em nossos outros, nos outros “eus” à nossa volta, que recordamos. Que relembramos um passado. Mas não devemos esquecer que a lembrança não reconstrói apenas um passado ou uma fração do passado. Ela funda a cada vez um presente ao reestabelecer as suas origens (BRANDÃO, 1998, p. 11).

A memória e a fé são elementos imateriais e intangíveis. Compreender o elo das pessoas com o seu lugar e com as suas crenças associadas aos seres divinos e aos santos é, portanto, imensurável. Assim sendo, o que auxiliou a descrição dessa parte do trabalho está apreendido nas falas dos santa-rosenses presentes e dos migrantes que não moram mais na comunidade, mas sempre retornam a esse lugar. Eles conseguem através da conservação da memória descrever como percebiam a festa e como ela é constituída hodiernamente. Mesmo com as alterações ocorridas nos processos religiosos e sociais, as pessoas concebem a festa como um dos melhores momentos da sua vivência. Isso se dá principalmente com os mais velhos que aguardam a festa para rever as pessoas e para poder celebrar.

É um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, o tempo dos relógios é suspenso, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos. Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural (JURKEVICS, 2005, p.74).²⁹

E para manter viva essa celebração, os costumes e as tradições, que a memória tem que ser revisitada e, esse ato é o que possibilita a continuidade das práticas culturais típicas de uma população. Brandão (1998, p.28), ao interpretar Walter Benjamin, traz à tona a consciência de “submeter o imaginário sobre o futuro ao compromisso do presente para com o

²⁹JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: a materialidade da fé.

passado, submetendo-se, por consequência, o projeto à lembrança”. Retornar as pessoas que, a partir das suas narrativas apresentam o passado da sua experiência, o ato de rememorar o que foi vivido possibilita o paralelo com o presente e apresenta expectativas para o futuro. “É também verdadeiro que devemos ser solidariamente responsáveis pelas gerações que nos antecederam” (BRANDÃO, 1998, p.28), pois são elas que possuem o conhecimento das informações que contribuem na compreensão do presente.

A festa da padroeira em Santa Rosa de Lima está na essência das pessoas desse lugar. As conversas informais nas casas, nos bares ou na praça da igreja, quando remete à festa, são sempre demonstrações de muita afeição, satisfação e alegria.

A festa acontece há mais de setenta anos e passou por alterações que são relatadas por pessoas mais velhas que participam desde o início do festejo na localidade. Em suas falas, eles deixam transparecer o que os identifica com a festa e com o distrito e o que modificou.

Vou começar pelo princípio da festa. A festa de Santa Rosa de Lima. Aí só tinha quatro casas. Aí continuou fazendo a festa. Era três mastro. Não tinha mastro de Santa Rosa não, sabe. Tinha de Bom Jesus, Santo Antônio e São Pedro, porque nessa época não tinha essa santa não, que tem agora, não tinha não. Aí o que aconteceu, tava no mês de julho, acho que é no mês de julho que é a festa, né. Aí o povo vinha pra cá com carro de boi. Num tinha casa, só tinha as quatro casa que eu falei pro cê. Num tinha casa pra ficar. Cada um que vinha com a mudança fazia a barraca, fazia barraca de bagaço de cana e fundava dentro. E...aí tinha à noite tinha levantamento do mastro, tinha a fogueira, tinha o forró e isso aí continuou. Todo ano a festa, todo ano uma festa, mas aconteceu que Filó veio pra'qui. Filó veio de Gorutuba para cá e comprou a fazenda aí e comprou a santa, ela é desse tamanho. E pôs o nome dela de Santa Rosa de Lima. E aqui chamava Morro. Quando eles falava: - Vamo lá no Morro, eu falava vamo lá no Barrero. Era os nomes que tinha aí. Aí esse Filó colocou o nome de Santa Rosa e ficou Santa Rosa de Lima. Nunca mais falou Barrero e Morro (J.R.O, 88 anos).

A festa antigamente tinha de tudo, tudo, tudo... O povo amanhecia o dia sem dormir. Na época de forró, né. E agora não. Tem umas música deferente, quase gente velho num dança. Essa época o veio dançava adoidado...aí continuou a festa. Só que num é como era, deferençou demais. Tinha barraca, carro de boi, não tinha carro de gasolina para os festeiros transportar a mudança, era carro de boi e trazia tudo amuntado. Já ouviu falar de carro de boi já?Trazia as mudança e fazia a barraca. Agora não...cada um vem trazendo cama, trazendo biscoito, trazendo doce. (J.R.O, 88 anos).

Na fazenda de Filó trouxe a imagem de Santa Rosa do Peru e colocaram o nome do povoado de Santa Rosa. Acho que foi depois que trouxeram a Santa iniciou a festa. Tinha mordomo e festeiro, tudo separado, hoje é tudo misturado os mordomos e os festeiros. Os mordomos faziam a festa da noite e os festeiros faziam a festa do dia e arrumavam a igreja.Participo da festa desde quando me entendo por gente. Sou festeira há 15 anos (M.R.F., 61 anos).

Eu participei da primeira festa quando eu fiz a primeira comunhão. A festa já era uma missão. Participava na igreja, só ia na igreja e só participava das coisas da igreja. Eu nasci em Paud'óleo. Aí eu casei com o meu primo que morava em Santa Rosa e vim morar aqui.Nunca perdi a festa, mesmo depois que eu fiquei viúva.A festa é boa demais. A tradição da festa tem mudado. As coisas da igreja mudou tudo. Mudou muito. Olha, tinha a fogueira, aquela fogueira era a maravilha da festa. Hoje

não tem mais a fogueira. As pessoas ficavam esquentando naquele fogo. Participava da alvorada quando estava mais nova, eu participava, nós era festeiro. Nós fazia as bandeja de biscoito. Ano passado (2014) fui festeira esse ano não (A.F.S., 90 anos).

Lá na festa nós fazia almoço para dar aquele povo e depois do almoço dava doce. Olha, nós não tinha carro, nós tinha carro de boi...nem casa, nós fazia barraca de bagaço com as coisas, fazia com adobe.. e nós tinha carro de boi. O dia que falava assim: É dia de nós ir pra Santa Rosa, nós enchia o carro cheim de tudo de biscoito, doce, de carne de gado, de linguiça, de porco, de frango, nós enchia o carro pra comer na festa...Comer na festa e ver o povo (A.F.S., 90 anos).

Lembro da festa que a gente fazia as barracas de bagaço de cana. A festa durava o mês todo, fazíamos mudança, nessa época, 47 anos atrás. A festa acabava na segunda. O povo fazia barraca. Era pouca roupa, não trazia essa trenhera que as pessoas usa hoje. Cozinhava no chão, na pedra. Nessa época não tinha muita casa pro povo chegar, todo mundo tinha uma barraca para ficar. Antigamente só tinha famílias. Tinha pouca coisa, só o necessário (V.F.S., 61 anos).

Através das falas dos moradores, é possível identificar que o ritmo que guiava a festa pertencia a outro tempo em que o deslocamento das pessoas e dos objetos para compor o ambiente festivo era trazido em carros de boi. Outro destaque é com relação às pessoas que participavam da festa, sendo a comunidade, ainda hoje, com características tradicionalmente rurais. Os moradores, mesmo os mais velhos, não sabem ao certo identificar em qual ano iniciou-se a festa na comunidade. Mas, de acordo com Soares (2002)

Em se tratando de religião, em Santa Rosa de Lima prevalece o catolicismo, sendo a capela pertencente à Paróquia São Norberto, desde 1982. Conta-se que o primeiro templo foi construído em 1902 e a 1ª missa foi celebrada na primeira festa da padroeira, em 1904, pelo padre Augusto Vieira. As atividades pastorais iniciaram-se com bastante fervor em 1948, com a construção do primeiro cemitério e em 1950, quando o padre Marcos Van Im Opraem, então administrador da Paróquia de Nossa Senhora e São José, incentivou a comunidade e coordenou a construção da Igreja de Santa Rosa de Lima. Porém, em 1961, o Pe. Hermano José (Pe. Dudu), coordenou a derrubada da velha igreja de adobe e telha comum, e a construção da Igreja atual, que foi inaugurada em 29/04/1962 (2002, p.20).

A igreja de antigamente também é relembrada pelos moradores como algo diferente do que eles estavam acostumados a ver nas suas moradias. Para estes, os dias que compõem a festa tinham todo um encantamento principalmente quando a lembrança remete à infância. *“Quando eu era criança gostava de ficar dentro da igreja para ficar olhando o piso cheio de ladrilhos diferente. Pra gente era tudo diferente e muito bonito. Meu pai mandava fazer roupa nova pra gente poder ir pra festa de Santa Rosa”* (V.F.S., 56 anos).

Nesse sentido, pode-se inferir que essa transmissão do que é tradicional e costumeiro, através da memória, contribui para produzir os sentidos no processo dinâmico atual. “Destarte, a atividade psicologicamente criadora da memória submete-se aos princípios da socialização *de quem* recorda e da sociabilidade *do que* se recorda. Uma quase diferença entre “eu lembro os outros em mim” e “os outros se lembram em mim” (BRANDÃO, 1998, p.56).

Quando se trata da transmissão dos sentidos e dos valores, através das gerações, soma-se o que foi experimentado pelos antepassados e o que o presente apresenta de novo. Isso se fortalece quando ocorre o ajuntamento do que foi vivido e do que é existido entre os indivíduos.

Tudo o que nós percebemos è vivenciado como um momento de presente. Um instante “virgem” de relação entre eu-e-o-mundo. Mas ele próprio nos surge já misturado com “milhares de pormenores da nossa experiência passada”. A infinidade de lembranças e de conjuntos sistemáticos de memórias guardadas em nós como percepções e reações vividas no passado têm mais do que o poder de tão somente impregnar as percepções do momento presente (BRANDÃO, 1998, p.56).

Outra recordação trazida pela memorização dos moradores de Santa Rosa e que marcou os acontecimentos da fé e da religião na localidade, foi à confusão entre os católicos e evangélicos, como já aludido no segundo capítulo. Esse fenômeno ficou impregnado nas lembranças das pessoas mais velhas, como também dos filhos e netos que já ouviram narrações sobre esse fato. Sempre, quando a conversa é sobre a festa, os católicos citam a presença dos evangélicos nas comemorações festivas dos santos. É como se ainda houvesse uma espécie de segregação velada entre os católicos e as pessoas das outras religiões. Esse fato da chegada dos evangélicos também foi contado em uma conversa.

Agora ...o que ... o que surgiu. Só tinha nós que era católico. Aí surgiu um tal de Déo, que nós chama ele de Zé Gonçalves, chegou aí um dia, juntou uns menino aí, dava eles bala. E a cantiga, o hino que ele cantava colocava os menino pra cantar: “ Só o senhor é Deus, só o senhor é Deus..” toma bala menino.... toma bala menino (risos). Aí acabou esse dia...acabou esse negócio de senhor é Deus . E ele foi embora. Aí juntou eu, que é Cabiúna, Serafim, João de Moura, Rick e Rock e ...quem é mais gente. Tem mais dois. Aquele homem tá querendo entrar aqui com a lei crente, nós num deixa.Vamo fazer um grupo aqui de homem pra não deixar ele entrar aqui. Aí nós juntou eu, Serafim e Henrique tomou conta. Cum pouco no primeiro dia ele chegou, chegou e juntou lá mais uns três e começou a orar lá na rua e nós falou: - Ô aquele cara vai tomar conta daqui mesmo. Aí ele foi embora, no outro dia ele veio com mais seis e aí entrou e entrou mesmo. Aí veio Serafim e falou: - Ô Cabiúna, ocê tá mais nós firme e se eles inventar qualquer coisa, nós até te damo um terno de roupa pro cê ajudar nós. Que que eles fez, ele preparou lá e veio com as pessoas, que era até batizado, né. Pra fazer um batismo lá no rio, aí o que que aconteceu. Serafim chegou e falou: - Vamo descer tudo pro rio que eles vai pro rio fazer o batizado duas horas da tarde. Quando eles desceu, nós desceu antes dele levando vidro de pinga, foguete, chegando lá, tacou dentro d’água e muntou o porrete lá dentro d’água, sujamo a água pra não fazer o batismo e o que que aconteceu . Uma dona falou: - Ô Jesus manda uma chuva de canivete. Aí eu falei: - É pra que que é. Porque se ela vim pega ocê também...o meu Deus é mesmo, pega eu também (risos). Aí nós tava jogando bomba e foguete no rio pra eles não entrar, mas ele atravessou o rio e batizou lá embaixo. Tinha um pastor que quando ele subiu no barranco, Du Pereira jogou uma pedra no espinhaço dele e derrubou ele de riba do barranco, uma pedra. A polícia até colocou o nome de guerra de pedra na ...nesse negócio de batismo, eles pôs de guerra de pedra. Aí eles foi e fez o batismo lá embaixo. Quando chegou...aí o Déo entrou dentro do ônibus sabe, e João de Moura foi dentro do ônibus e foi na cara dele e soltou a mão, dentro do ônibus. Aí que, que ele fez, num falou nada com eles né, Aí foi embora quando passou oito dias amanheceu uma barraca, aí a polícia do DOPS veio, veio os dez soldados e um carro e apousou. Aí eles foi atrás de nós. Veio o marido de Dona Terezinha e me chamou:

- Vem cá, ocê é católico? Falei, eu sô. Ocê conhece os crentes aqui? Conheço. Eles trabaia? Trabaia. E os católicos? Trabaia. E porque que vocês fizeram uma briga aí, um negócio aí de guerra de pedra. Falei, não é porque era um batismo que tinha aí, a gente não queria que batizasse ninguém, aí numa briga aí jogou a pedra no pastor. Aí eles foram embora e terminou (J.R.O., 88 anos).

Poucos moradores, e, principalmente os mais velhos, relembram esse acontecimento, já que a expansão das igrejas evangélicas no distrito ocorreu de forma intensa e muitas pessoas da mesma família que se consideravam católicos mudaram de religião, ocorrendo assim o cisma religioso entre a população santa-rosense.

Lembrar da festa em Santa Rosa de Lima é também realizar uma associação do que acontecia no seu passado com o que continua na atualidade e com o que se perdeu. *“Oito carro de boi para levar a comida. Era uma maravilha e hoje ninguém vê um carro de boi mais. O carro de boi ia cantando da fazenda até no local da festa”* (A.F.S., 90 anos).

Quando minha mãe casou, já tinha a festa, minha mãe morreu com 78 anos. Acredito que essa festa tem quase 100 anos. Depois o povo foi aumentando, pai arrumou casa pra ficar. Pai alugava uma casa com dois cômodos. Punha lona para gente dormir. Os meninos começaram a crescer e foram pra Montes Claros. Na casa de meu pai até o ano passado, já tinha a geração de bisnetos. Foi mudando tudo, foi diminuindo o povo da festa, foi aparecendo carro de gasolina, foi desaparecendo os carros de boi. O povo foi ficando mais velho, morrendo e desaparecendo, foi ficando velho e parou de vir. Pouca gente tem a tradição de vir aqui (V.F.S., 56 anos).

Eu gostava de participar da festa. Ficava dia e noite...participava da alovarada e pegava a sanfona e ia chamando gente pra porta da casa do festeiro, era uma multidão de gente, comendo biscoito até o dia amanhecer. Nós ficava na rua...era bom demais. Hoje não... o povo leva um saco de biscoito para a porta da igreja e um garrafa de café...agora ficou sem graça. O bom era ir pra porta da casa do festeiro. Nós pelejou muito com essa festa. Era boa demais. Agora esse povo mais novo não é igual os antigo, porque os antigo era chegado na festa. É mais deferente, né (J.R.O., 88 anos).

Na maior parte das conversas realizadas com os moradores e festeiros, além do sentimento saudoso da festa, muitos descreveram a religiosidade e a fé como impulso da festa, mas também além dessa questão religiosa ocorre outra exaltação que é a do encontro entre os seus e tudo isso é possibilitado pela festa. A homenagem aos santos e a santa titular é o fio condutor da existência dessa manifestação. Os grupos de homens e mulheres dedicados a periodicamente se reunirem e realizar esse evento é o que mantém viva essa expressão cultural.

3.2.1. Festeiros: a dádiva do festar

A festa religiosa e popular em Santa Rosa de Lima sempre teve a frente da sua organização alguém que incentivava a manifestação da religiosidade e do encontro das

peessoas nessa localidade. Como colocado por alguns moradores, o fazendeiro Filó foi quem deu início a realização do festejo, porém, a população sempre se empenhava em contribuir participando como festeiros, formando grupos nos povoados próximos e se deslocando para participarem da festa no distrito. Os festeiros³⁰ e mordomos se tornaram os mantenedores dessa festa. Esses grupos, ainda hoje, são formados por grupos de amigos e por familiares e dessa união surgem os responsáveis pelo tempo extraordinário na comunidade, a festa.

A figura do fazendeiro Filó ficou marcada na memória das pessoas por ser ele o responsável em iniciar a festa em homenagem a padroeira. O convite, transporte e pouso para o pároco celebrante ficavam sobre sua responsabilidade, até a arrumação da fogueira tinha que ter o consenso dele. *“Filó veio com a mudança da fogueira né. Aí ela era montoadá assim ô. E punha fogo debaixo, aí Filó foi e mandou levantar ela em pé colocar o pau em cruzado em cruzado, eu até tenho uma foto dele aí. Da fogueira”* (J.R.O., 88 anos).

Retornando a autora Zaluar (1983), ela delinea o comportamento do festeiro nas festas interioranas.

Enquanto durava a festa, o festeiro era tradicionalmente a autoridade a quem todos deviam obediência. Quando uma casa não era especialmente construída para receber seus convidados, oferecendo-lhes comida e guarida, sua própria casa tornava-se o centro da reunião e o cenário para as principais atividades “populares”. Ao festeiro cabia controlar a multidão que acorresse às festas, tendo o direito de censurar, admoestar quem não mantivesse um comportamento adequado para a ocasião e resolver as questões surgidas entre os devotos (1983, p.72).

Aos festeiros também incumbe agradecer ao santo homenageado para alcançar ou agradecer algum benefício alcançado. Entretanto, não só os festeiros se sentem nessa obrigação de agradecer ou pedir ao santo, mas também os devotos tomam parte desse tempo de graça.

Com relação a essa autoridade do festeiro, que se tornava o representante do santo e, portanto, da comunidade moral de seus devotos, os participantes da festa eram igualizados. Isso é evidenciado pelas idéias correntes que definiam a situação social específica que era a festa: “a festa é do povo”, categoria que ressalta a indiferenciação entre as pessoas nela incluídas, por oposição à Igreja e à elite urbana. A festa era vista como um tempo de exceção: de alegria, de fartura, de “movimento”, de pagar promessa ao santo e ajustar as contas com ele (ZALUAR, 1983, p.72).

³⁰A figura de festeiro nas festas religiosas populares brasileiras tem diferentes funções. Ele é quem cuida da realização da festa ajudado pela comunidade: contrata músicos, procura a rezadeira para as novenas, organiza leilões, providencia comida para todos, faz a divulgação e combina com o padre a celebração da missa. Ele também pode ser escolhido por eleição, sorteio ou oferta espontânea do candidato. Há lugares onde o candidato, para tornar-se festeiro, precisa roubar a bandeira do santo (POEL, 2013, p. 424).

Como ressaltado pela autora, todos os participantes sentem que a festa não é de um ou de outro, mas da união daqueles que ali estão presentes para reverenciar uma santidade. Os festeiros oportunizam a dádiva da festividade, mas são os convivas que dão o movimento a todo o seu acontecimento.

O sujeito, ao fazer o compromisso para se tornar festeiro da festa, sente-se na responsabilidade de organizá-la da melhor maneira possível. A reciprocidade e a solidariedade são elementos intrínsecos a essa função e eles ficam encarregados de oferecer a refeição para todos os participantes. *“Levamos as comidas no carro de boi para a praça da igreja. Fazíamos biscoitos, potes de doce, matava porco e tirava a carne para fazer linguiça. Fazia almoço para dar para o povo que participava da festa”* (A.F.S., 90 anos).

Outro elemento de caracterização dos festeiros é o compromisso da retribuição. Essa retribuição decorre para o santo homenageado como para as pessoas que ali se encontram para festejar. O alimento distribuído pode ser compreendido como a dádiva, no que concerne ao pagamento da promessa ao santo e a retribuição que também emana para aqueles que ali se fazem presentes. O alimento é um componente de interação e agregação. Ele tem variadas funções e está presente nos diferentes ritos e crenças.

O momento da dádiva intercala, nesses dois universos da festa, com aqueles que seguem a religiosidade e daqueles que buscam o divertimento. O ato de ofertar o alimento em uma festa religiosa e popular tem como intuito a busca da coletividade e da sociabilidade, ou seja, o “dar - e - receber” citado por Mauss (2003), nessa perspectiva é interpretado como um ato de doação e retribuição que se difere do sistema econômico operante da atualidade.

Ao ofertar o alimento às pessoas, estão também buscando (re) estabelecer o convívio com os outros. Os alimentos doados nas festividades religiosas populares é uma maneira de solidarizar com o próximo. Os festeiros têm esse costume de proporcionar essa dádiva da alimentação.

A festa é um vasto mutirão. Em sua organização, nas contribuições dos devotos, na preparação da casa da festa e da comida, colaboravam todos os que se identificavam com aquela comunidade simbolizada pelo santo que a todos abençoaria. Na festa, portanto, estavam representadas, nas figuras dos festeiros e de seus convivas, categorias sociais de mais ampla significação (ZALUAR, 1989, p.75).

Essa tradição está associada aos costumes trazidos desde o período colonial em que os mais ricos em bens materiais, ofertavam alimentos para a população mais carente em dia de festa. E mesmo aqueles que não tinham condições se preocupavam em oferecer o melhor alimento para a festa do santo de devoção. E isso tem continuidade até os dias atuais, mas

com outra feição. Mesmo nas “diferentes culturas e religiões os alimentos são considerados sagrados, ou um dom das divindades, ou uma oferenda aos deuses” (ELIADE, 1992, p.82).

Brandão (1989) entende que o tempo da festa centraliza todos os elementos de expressividade social e coletiva.

Porque, cheia de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria, ela afinal não é mais do que uma seqüência cerimonialmente obrigatória de atos codificados de dar, receber, retribuir, obedecer e cumprir. Troca-se o trabalho por honrarias, bens de consumo por bênçãos, danças por olhares cativos, o investimento do esforço pelo reconhecimento do poder, a fidelidade da devoção pela esperança da bênção celestial. Obedece-se ao mestre, ao festeiro, ao padre, ao chefe da torcida, ao maestro da banda. Cumprem-se promessa, votos feitos (BRANDÃO, 1989, p.11).

Em Santa Rosa de Lima, além dos festeiros ofertarem o lanche noturno e o lanche do amanhecer, que acontece na alvorada, eles também proporcionam os shows musicais para os participantes, ou seja, a função que eles exercem enquanto mobilizadores da festa está associada diretamente a religiosidade, mas coexiste com o que se entende por profano. Um momento não se desvencilha do outro, estão interligados e coexistindo em um mesmo ambiente e, é resultado das manifestações coletivas que emergem nesse momento tênue dentre os variados acontecimentos da festividade.

3.3. O entremear do não religioso com a festa religiosa

Tem um fundo de religiosidade popular que está na nossa alma de sertanejo, mas o principal é o lado social. O lado social da festa, baile, procissões. Esse lado é mais forte do que o lado do interior da fé. Tem muita gente que vai para a festa, mas nem entra na igreja. Têm pessoas que têm esse sentimento da festa religiosa, mas não que seja aquela fé pura (Representante da paróquia de São Norberto em Montes Claros - MG, maio de 2016).

As festas nas comunidades rurais que compõem o município de Montes Claros têm como eixo condutor a religiosidade embasada na homenagem aos padroeiros. Isso movimenta e diferencia o cotidiano pacato desses lugares, mas esses festejos vão além do que é considerado sagrado, dentro da ótica do religioso. O que as pessoas destacam como o mais singular e admirável na festa é o encontro e a união das pessoas. A festa então é esse arcabouço de humanidades entremeadas por aspectos que possibilita a união, o encontro e principalmente a sociabilidade.

Em Santa Rosa de Lima, o terceiro dia da festa é o maior tempo de exceção e efervescência da comunidade. Nesse dia, o aumento da população é significativo e isso traz o rompimento com a ordem local cotidiana. As casas dos festeiros e dos moradores tornam-se

um espaço aberto, as pessoas adentram o seu interior, comem do alimento que ali está disposto e se sentem parte daquele espaço, em outro momento, íntimo. Os santa-rosenses são receptivos, gostam dessa liberdade e sempre destacam a importância das práticas religiosas e da continuidade delas para a sua manutenção.

As pessoas são atraídas a retornarem por motivos diversos, já que a festa atende aos seus participantes, que a organizam e a todo o público que está à procura do entretenimento e do lazer. A festa atual apresenta outras feições que se tornam atrativas para o público de fora.

Assim, hora a festa tende para o espetáculo e hora tende para a tradição e afirmação do mito. Isso é possível porque ela não se separa do modo de vida da população. Se há diferentes práticas culturais no cotidiano de cada indivíduo, haverá diferentes respostas frente a uma manifestação cultural (MARQUES, 2011, p.158).

E toda essa miscelânea de sentidos dos usos e da apropriação da festa demonstra como a mesma é uma manifestação popular e que a cultura, dimensão regente do festar é flexível e em constate (re) significações. O popular acompanha o novo, o que vem da cultura de massa, mas ao mesmo tempo, buscam preservar o que é tradicional, o que sempre existiu e o que dá significado ao que hoje se entende pela festa em Santa Rosa de Lima.

É importante destacar que o popular não se caracteriza por um tipo de cultura simplificada. Ao contrário, as riquezas observadas nas nuances, falas e comportamentos assumidos pelo povo são infinitos. E isso é garantido pela fluidez que se refaz a cada dia e movimenta todo o processo de (re) construção cultural (MARQUES e BRANDÃO, 2015, p.12).

A festa muda e os sujeitos acompanham essas mudanças e o mais relevante, não deixam de estarem presentes nessa comemoração mantendo os seus vínculos e seus costumes. A partir das conversas realizadas com os moradores de Santa Rosa de Lima e com os visitantes, ficou perceptível que a manifestação tem o seu valor pela ligação das pessoas com o lugar e com quem reencontram por lá. A festa tem a religião e o sagrado como eixo norteador, mas esses reencontros, das pessoas com suas famílias e com os amigos, também são considerados sagrados para esses sujeitos.

Só se eu tiver doente para não ir a festa. A motivação maior de tudo, primeiro a missa, a igreja, depois a família, os amigos, vem tudo. Não falta praticamente nenhum. Amigos que ficam juntos, a farra e a comilança é muito boa. Os amigos que vem de fora. Pessoas que moram em outro país e vem. Coisa de sangue, todo mundo participa (V.S.F., 61 anos).

Participo da festa porque tenho fé, porque é uma tradição familiar, acho bonita, rever os familiares e gosto de participar da festa. Adoro a festa. Tenho muita fé. Peço a Deus para ter saúde ano que vem para continuar participando da festa. Em agosto já começamos a programar a festa do ano que vem. Faço doações para a festa. Aprecio tudo, desde a farra de fazer biscoitos, a união em casa, o forró. Antigamente ficava até mais tarde no forró, hoje não consigo ficar até mais tarde (M.R.F., 61 anos).

Acho uma coisa muito importante nas festas rurais é a volta das pessoas as suas raízes e a alegria que eles ficam e também o encontro de família. Como é bom ver os irmãos estarem juntos. Esses momentos são formidáveis. Esses valores são muito importantes (Representante da paróquia de São Norberto em Montes Claros - MG, maio de 2016).

Interpretar essa dinamicidade da festa implica em um olhar que não se fixa apenas em observá-la, mas tentar transmitir o que as pessoas sentem e como se dedicam a essa participação coletiva. O que se vê também é que não ocorre uma dissociação entre aqueles que organizam e preparam a festa, para aqueles que vão com o intuito de consumir o lazer dessa manifestação. Existe uma junção entre esses dois aspectos coexistindo em um mesmo espaço-tempo festivo.

Ainda aqueles que se dedicam aos ritos religiosos e a organização da festa, aguardam pelo momento de festejar com os seus familiares e amigos. Depois das práticas religiosas, todas se encontram na praça para aproveitar o festejo e conviver de forma mútua.

O embate entre devoção e diversão é característica inerente à sociedade. De certa forma, a diversão tem sido justificada pela devoção. Nas festas de santos, por exemplo, os excessos profanos são permitidos, pois se justificam pelo culto ao sagrado. A festa se estabelece, portanto, como um conjunto de práticas devocionais e recreativas que conservam um interior dual. Essa dualidade coexiste na festa. Ao mesmo tempo em que os sujeitos sociais criam o evento e convivem com as rezas, as ofertas, as promessas, o culto, enfim, o coração da festa, há o espaço do comércio, do público espectador, das trocas artificiais, da teatralização cultural e da mídia de massa. Não se deve pensar que esses elementos se negam, mas que seus objetivos são diferentes e se encontram num só lugar: a festa (MARQUES, 2011, p. 159- 160).

O divertimento, a “farra”, os entretenimentos são incorporados à religião. Alguns não gostam dessa mistura, outros acham que isso é inevitável à festa. Os mais religiosos desejam que a manifestação fique no formato só religioso. Já os vendedores e comerciantes colocam que ela tinha que ter mais atrações para atrair um público maior e os visitantes e espectadores querem apenas a sua continuidade mantendo o seu formato religioso, mas tendo o seu lazer e o entretenimento.

Essa dualidade é normal em uma comunidade que viu e sentiu os efeitos da contemporaneidade tão presentes no seu lugar de convívio. A festa também se apresenta com mudanças, ganhou novos formatos, mas persiste e resiste na sua identidade e tradição e o que a faz ser acontecimento até hoje.

No desdobrar da condição pós-moderna, defendida por alguns autores, as tradições são retomadas e conseqüentemente são (re) significadas. Elas se ligam ao momento técnico da contemporaneidade e se instalam no tempo atual, reproduzindo uma característica de ação que estava posta como tradicional. O destaque dado aos aspectos modernizantes, no sentido de estabelecer novas ordenações espaciais temporárias promovidas pelas festas e sua disseminação perante uma condição social que está posta, gera, na sociedade “construtora” das tradições, uma ênfase na

identidade, ou seja, um resgate dos elementos essenciais que dê coesão ao grupo social (D'ABADIA e ALMEIDA, 2009, p.64).

A coesão social é o que dá sentido a toda essa manifestação. Existem variados vínculos sociais, que se formam no espaço e que se relacionam com “o prazer, à gratidão, ao regozijo, à alegria, sentidos e vividos pelo homem, enquanto ser festivo e vivente, no espaço festivo” (D'ABADIA e ALMEIDA, 2009, p.63).

A festa em homenagem a padroeira Santa Rosa de Lima possibilita a essa comunidade rural viver um tempo único e que todo ano é reforçado. Os santa-rosenses retornam por alguns dias para o seu local de origem a fim de reviver o que só é possível levar na recordação. Essa vontade em realizar a festa e estar presente torna-se singular para esses sujeitos.

Ela existe porque está na essência, na emoção de cada um que ali se faz presente. Ela é dinâmica, possui fluxos e tem suas redes que se (re) afirmam todos os anos. Esse festejo é popular e isso talvez seja o que o torna mais autêntico e verdadeiro. A sociedade acompanha as mudanças do mundo e a festa também, e isso a torna cada vez mais simbólica, pois, mesmo diante de tantas transformações e imposições do que vem de fora, ela coexiste e permanece na sua imaterialidade e nos seus significados que são únicos para aqueles que a conhecem e contribui para reafirmar a cultura e os modos de ser e viver como, também, a constituição desse tempo simbólico.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No início desse estudo muitos questionamentos foram surgindo com relação ao objetivo principal do trabalho, já que existia a ideia de compreender a festividade em homenagem a padroeira do distrito de Santa Rosa de Lima tendo como finalidade, conseguir apreender a importância dessa festividade para os sujeitos da comunidade. O extraordinário desse estudo se constituiu a partir dessa compreensão dos sentimentos das pessoas para com essa manifestação cultural.

As festividades religiosas no sertão demonstram como se compôs o que hoje se entende por cultura e identidade do Norte de Minas Gerais. A religiosidade teve um importante papel nessa formação, e na atualidade as festas são momentos destinados a sua expressão, ou melhor, é o evento que representa a afirmação da forma como o catolicismo popular se disseminou e se reproduz em cada local. É neste momento que as pessoas dinamizam práticas e ritos fortalecendo as suas raízes com o seu espaço e com os outros em uma troca constante na qual se exaltam a sociabilidade e a dedicação as divindades. A fé torna-se o principal sentimento de estímulo e possibilita a continuidade das práticas culturais tradicionais e religiosas.

Em Santa Rosa de Lima a festa (co) existe e (re) existe porque os devotos de Bom Jesus, Santo Antônio e Santa Rosa de Lima dão continuidade a ela através dos rituais da fé e crença a essas santidades. Eles se tornam festeiros e organizam o evento para que a tradição permaneça ocorrendo. Seja por retribuição de promessa alcançada, seja pela essência religiosa e/ou apego ao lugar. Desta forma, vivenciam a sua religiosidade desde a preparação da festa, até a sua vivência, propriamente.

Os santa-rosenses continuam a praticar a sua fé, através dos ritos religiosos, mas, mesmo com todo o viés sagrado, a festa possui sua transitividade profana e isso ocorre desde que a festa teve início na comunidade. As pessoas também precisam experienciar esse outro lado. Sentem necessidade de estar nesses dois momentos que são indissociáveis, a festa religiosa e a não religiosa.

E assim, as práticas religiosas como as missas, as procissões e os cortejos ocorrem todos os anos de forma a perpetuar a sacralidade do evento. Porém, na festa se embaralham momentos distintos por possuir outras dinâmicas. Os participantes vivenciam a festa por sentimentos diversos como a sociabilidade e com a intenção de se estar presente para rever o seu lugar, os familiares, os amigos e todos os elementos que os aproxima dessa manifestação.

E desta forma, os festeiros também organizam as questões que envolvem estes momentos não ritualísticos, momentos destinados aos encontros e aos excessos dos shows, das danças e da finalização de cada noite com a oferta do café da manhã nas alvoradas para aqueles que passaram a noite dançando a alegria do festar juntos.

Isto porque, a festa possui sua transitividade profana e isso ocorre desde que a festa teve início na comunidade. As pessoas também precisam experienciar esse outro lado. Sentem necessidade de estar nesses dois momentos que são indissociáveis, a festa religiosa e a não religiosa.

As pessoas se identificam com a festa porque nela a religiosidade popular se transverte a maneira dos sujeitos de festejar e agradecer aos santos. A preocupação dos festeiros em preparar uma festa bonita com muitas cores, com grande número de fogos de artifício e fartura na distribuição dos alimentos, acontece uma vez por ano e isso é tão singular, pois eles se esforçam para ser um dos maiores acontecimentos nessa localidade.

A distribuição dos alimentos é uma prática antiga e que traz à tona uma reprodução simbólica do compartilhamento, da dádiva e da solidariedade. Esse é um tema que foi apenas iniciado e não concluído porque seria necessária a realização de um estudo mais denso e específico e esse não é o foco desse trabalho, mas merece destaque por sua relevância e por fazer parte da festa.

Esse lugar possui significados para os seus moradores e para aqueles que moram em outras localidades que conservam os seus vínculos afetivos e sempre retornam a Santa Rosa de Lima, principalmente no período que corresponde a sua festividade. Isso fortalece as relações emocionais, os laços familiares e a espiritualidade. Mesmo aqueles que não participam da organização direta da festa religiosa, compartilham-na ao vivenciar esse momento de comemoração que ocorre nos dias destinados ao festejo.

A vida em comunidade também é entendida como uma expressão cultural; os laços de parentesco, as amizades, o compadrio, os ritos, os mitos, as manifestações culturais, as expressões simbólicas, os fazeres, a perpetuação dos fazeres, as formas de pertencimento, os enraizamentos, tudo isso é reconhecido no lugar de vivência das pessoas.

As manifestações culturais, mesmo as mais tradicionais, passam por diversas modificações que ocorrem através da inserção de outros costumes, mas o que as torna mais instigante é que, mesmo com os processos advindos da contemporaneidade, intrínsecos a sociedade e aos espaços, alguns lugares persistem nas suas tradições. Entretanto, entende-se que, por ser uma manifestação do povo ela é cultural e a cultura é dinâmica. Ela transforma-se

na medida em que o movimento dos sujeitos altera os lugares, as práticas culturais e o cotidiano. A festa também acompanha essa dinâmica, ela também é fluida.

A extensão de toda essa dinamicidade é versada através das falas dos moradores, principalmente dos que moram a mais tempo no distrito. O resgate da memória dos participantes mais antigos da festa possibilitou conhecer quais foram às mudanças, o que persistiu e o que, na visão deles, piorou ou melhorou na festa dedicada à padroeira. E mesmo a memória, que é o resgate do passado, entremeia-se no presente, no que é atual e consegue também ser lembrança do passado no futuro.

Nesse trabalho, o ato de rememorar, através das falas dos moradores, os aspectos sociais e festivos de Santa Rosa de Lima foi imprescindível para conhecer como a comunidade foi formada e quando se deu o início a festividade. Em todas as falas a referência a festa é sempre com muita emoção e satisfação. Todos gostam de lembrar esse momento e sentem orgulho de participar ou de ter participado em algum período do festejo. A memória, nesse sentido, é um importante registro das experiências e isso contribui na permanência das tradições e colabora com as gerações futuras que ao ouvirem falar e participarem da festa tem o entusiasmo de dar continuidade a essa prática tradicional e religiosa que é tão relevante para essa comunidade.

Sendo assim, a festa contribui na constituição da história cultural de um lugar e muito embora seus elementos passem por modificações, ela continua com sua essência. Os sujeitos também se apropriam da festa de diferentes formas, seja para reviver o tempo festivo enquanto organizador ou como participante. As pessoas em Santa Rosa de Lima aproveitam esse momento para vivenciar os sentimentos de união e o compromisso do encontro com os seus familiares. A valorização desse encontro é o que a torna mais espontânea e única.

Como mencionado nesse texto a busca em conseguir interpretar esse momento na comunidade de Santa Rosa de Lima exigiu mais do que a participação na festa, foi preciso conhecer os santa-rosenses e os visitantes, adentrar aos grupos dos festeiros para conhecer a preparação, as demarcações das obrigações de cada um e principalmente tentar aproximar do sentimento que leva essas pessoas a participarem e promover essa festividade todos os anos. Foi possível perceber que os sentimentos são diversos e que cada um absorve a festa de uma maneira muito particular. Mesmo com a observação direta e participante, ainda assim, a incompletude desse tema é ampla. Desse modo, compreender os princípios e a mística que rege o festejo dedicado aos santos protetores e a sua santa padroeira e os significados e a

importância que essa festa tem para essa comunidade que a realiza foi essencial para a construção desse estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. ; CHAVEIRO, Eguimar (Org.). **Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia, 2008.

_____ Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de.; RATTS, Alex. (org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

_____ **Festas rurais e turismo em territórios emergentes**. In: Biblio 3W.Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XV, nº918, 15 de abril de 2011. < <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-919.htm>> .[ISSN 1138-9796]. Acesso em: Agosto de 2015.

ALMEIDA, Maria Natividade de Maia e. **A instalação da ferrovia Central do Brasil no Norte de Minas Gerais: modificações espacial e populacional no século XX**. IV Congresso em Desenvolvimento Social: Mobilidades e Desenvolvimentos, 2014. < http://www.congressods.com.br/quarto/anais/GT10/10_GT_10.pdf>. Acesso em: Maio de 2016.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Tempo, memória e identidade: algumas considerações. **Revista de Ciências Sociais: Política & Trabalho**, nº34, p. 41-72, 2011. < <http://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/viewFile/12183/7048>> . Acesso em: Janeiro de 2016.

BEZERRA, Amélia C. A; Cidade, festa e identidade em tempo de espetáculo. In: BEZERRA, Amélia C. A; GONÇALVES, Cláudio U.; NASCIMENTO, Flávio R. do.; ARRAIS, Tadeu A. (Org).**Itinerários geográficos**. Niterói: Eduff, 2007.

BORGES, Maristela Corrêa. **Os Errantes do Sagrado: Uma geoantropologia dos tempos e espaços de criadores populares de cultura em São Romão, Norte de Minas Gerais**. Uberlândia: PPG-IG/UFU, 2010. Dissertação de Mestrado. 243 f.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**. Goiânia: Oriente, 1974.

_____ **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.

_____ **Memória Sertão; cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. São Paulo: Editorial Cone Sul; Uberaba: Editora da Universidade de Uberaba, 1998.

_____ **Fronteira da fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 261-288, 2004.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm> . Acesso em: Maio de 2016.

CAETANO, Jessica Neto; BEZZI, Meri Lourdes. Reflexões na Geografia Cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura. **Revista Soc. & Nat.** Uberlândia, ano 23 n.3, p. 453-466, 2011. <
<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadnatureza/article/view/13321/pdf>>. Acesso em: Setembro de 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. 1º ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: Marandola, Eduardo Jr.; OLIVEIRA, Lívia de; OLZER, Werther (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. **Revista Mercator**, nº. 01, 2002.

COLFERAI, Sandro Adalberto. Entre cavalos, colheitadeiras e abadas: a cavalgada como celebração da colonização agrícola da Amazônia. **Revista Eletrônica Mutações**, dezembro, 2013. < <http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/download/.../pdf> >. Acesso em: 20 de outubro de 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSTA, João Batista de Almeida. **Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo de penúria dos morenos. Identidade através de rito em Brejo dos Crioulos (MG)**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999 (Dissertação de mestrado).

_____ Cultura, Natureza e Populações Tradicionais: O Norte de Minas como Síntese da Nação Brasileira. **Revista Verde Grande**, Vol. 1, nº 3. Montes Claros: UNIMONTES, 2005.

_____ Populações tradicionais do sertão norte mineiro e as interfaces socioambientais vividas. **Revista Cerrados**, vol. 4 - nº 1, Montes Claros: 2006.

CUNHA, Maria das Graças Campolina. **Gameleira, sertão Norte de Minas Gerais: um olhar feminino sobre o feminino camponês**. 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

CUNHA, Maria das Graças Campolina; BORGES, Maristela Corrêa. **Razão e identidade: um estudo sobre a história e a reprodução ideológica da cultura popular**. In: Revista de Educação Popular- v.11 n.2, 2012. Disponível em: <
<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20276>>. Acesso em: 12 set.2014.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas religiosas e pós-modernidade. **Revista Geonordeste**, Ano XX, nº 2, 2009. <

<http://www.seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/viewFile/2456/2138>>. Acesso em: Julho de 2015.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, Jânio Marques. **Em busca da religiosidade sertaneja: Fé e cultura no Sertão dos Gerais**. Montes Claros: UNIMONTES, 2015.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 109 p.

ESPINDOLA, H.S. **Um olhar sobre a paisagem mineira do século XIX** : os sertões são vários. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/CMS/ccms17.htm> . Acesso em: 10 outubro 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In. JANCSÓ, I ; KANTOR, I (orgs). **Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. Volume II.11.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. Tese (Doutorado) Faculdade e de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: Maio de 2016.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas Religiosas: a materialidade da fé**. Curitiba: UFRP, 2005, p. 73-86.<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/historia/artigo/materialidadedafe.pdf> . Acesso em: Maio de 2016.

LINTON, Ralph. **Cultura e personalidade**. 3ªed.São Paulo: Mestre Jou, 1979.

LOPES, Camilo Antônio da Silva. **Os Sertões Nortemineiros: fronteiras e identidades politizadas que afirmam a diversidade sociocultural do Norte de Minas**. Montes Claros: Unimontes - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2010. Dissertação de Mestrado.

Relações interétnicas e cisma religioso em uma comunidade rural nortemineira. 26ª **Reunião Brasileira de Antropologia**, 2008. < http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalho/s/GT%2024/camilo%20antonio%20silva%20lopes.pdf>. Acesso em: Outubro de 2014.

Territorializações, religiosidade, clivagens sociais e coesão social no simbolismo ritual. Montes Claros: UNIMONTES - Graduação em Ciências Sociais, 2006. Monografia.

MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **As festas populares como objeto de estudo:** contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. In: Revista Ateliê Geográfico, Goiânia, Vol. 9, nº 3, 2015. < <https://revistas.ufg.br/atelie/article/viewFile/33822/19928>>. [ISSN: 1982-1956]. Acesso em: Maio de 2016.

MARQUES, Luana Moreira. **A festa em nós:** fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no distrito de Martinésia – Uberlândia/MG. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003. (p. 183-315).

PAULA, A. M.N.R; BRANDÃO, C.R. Errâncias sertanejas: as migrações campo-cidade em Montes Claros no Norte de Minas Gerais. XLVI **Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 2008.< <https://ideas.repec.org/p/ags/sbrfsr/113973.html>>. Acesso em: Dezembro de 2015.

POEL, Francisco van der. **Dicionário da Religiosidade Popular – Cultura e Religião no Brasil.** Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

POMPA, Cristina. As muitas línguas da conversação: Missionários, Tupi e Tapuias no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: **Revista Tempo**, V.6, nº11, p.27-44, 2001.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Catopês, marujos e caboclinhos no contexto social de Montes Claros:** uma história de música, festa, devoção e fé. Revista Verde Grande. Montes Claros, MG: Unimontes. v. 1, n.2, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Catolicismo Rústico no Brasil.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: Universidade, 1968.

RIBEIRO, Áureo Eduardo, et all. **A pequena produção rural na região de Montes Claros.** Montes Claros: CTA, 1987.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e religião: dimensões de análise. CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: **Encontro de Geógrafos da América Latina**, 10., 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: 20 a 26 mar. 2005. p. 12928 – 12942.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 2002.

SILVA, Franscino Oliveira. Sincretismo religiosos nos festejos do catolicismo nortemineiro. Uma abordagem. XXVII **Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo**, 2013, Natal: RN. <
http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364846835_ARQUIVO_Sincretismoreligiosonosfestejosdocatolicismonort1.pdf>. Acesso em: Março 2016.

SOARES, Evaldo A. **Santa Rosa de Lima do meu sonho.** Montes Claros: Ed do autor, 2002.

SOUZA, João Valdir Alves. A festa e o calendário religiosos na demarcação dos tempos da vida social. Montes Claros: **Revista Desenvolvimento Social**, nº 4, p. 99-111, 2009.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karíputa do Amapá.** São Paulo: EDUSP, 2003.

TEIXEIRA, Maisa França; ALMEIDA, Maria Geralda de. A catira e a produção de uma identidade territorial no estado de Goiás. In: MARQUES, Luana Moreira (Org.). **Geografias do cerrado: sociedade, espaço e tempo no Brasil central.** Uberlândia : Edibrás, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

WEDIG, Josiane Carine ; MENASCHE, Renata. Celebrando festas rurais: diálogo entre campo e cidade. 27^a **Reunião Brasileira de Antropologia**, 2010. Disponível em: <
<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/757.pdf>> Acesso em: Abril de 2015.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa: as religiões no mundo.** Petrópolis, Rj: Vozes, 1994.

WOORTMANN, Klaas. 1990. “**Com parente não se neguceia**”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Brasília/Rio de Janeiro, EDUNB/Tempo Brasileiro, n. 87, p. 11-73, 1990.

ZALUAR, Alba. **Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular.** Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1983.

ANEXOS

ANEXO A

Informações da festa de Santa Rosa de Lima no site da Prefeitura Municipal de Montes Claros

FESTA SACRA

Distrito de Santa Rosa de Lima celebra padroeira



O distrito de Santa Rosa de Lima, zona rural de Montes Claros, celebrou no sábado (18) sua festa mais tradicional em devoção a sua padroeira, Santa Rosa de Lima. O evento ocorreu na Praça Bom Jesus.

A Prefeitura, através da Secretaria de Cultura, está oferecendo amplo apoio material para que as festas sacras do município de Montes Claros sejam preservadas. Assim, é oferecida toda a infraestrutura como palco, som, além de uma ajuda financeira para que os festeiros possam organizar melhor os eventos.

As Festas de Santa Rosa de Lima, como já foi feito em Montes Claros, que reuniu seus três eventos religiosos, de meses diferentes, em três dias, também são comemorados três santos em dias subsequentes. São eles, Bom Jesus, Santo Antônio e Santa Rosa de Lima. Os festejos foram encerrados ao meio dia do último domingo (19).

ANEXO B

Igreja da comunidade de Santa Rosa de Lima, distrito de Montes Claros - MG



ANEXO E

Projeto de lei para delimitação das áreas urbanas e suburbanas da Vila de Patis, São Pedro da Garça e Santa Rosa de Lima

Mod. 9

**PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS**

N.º 106
Assunto Enviando projeto-lei
Serviço Gabinete do Prefeito.

Em 12 de junho de 1950.

Projeto de Lei nº 210

Exmo. Sr. Presidente da Câmara,

Tenho a honra de enviar a essa ilustre Câmara o projeto de lei incluso, delimitando as áreas urbanas e suburbanas das Vilas de Patis, São Pedro da Garça e Santa Rosa de Lima, deste Município, para estudo e aprovação desse Legislativo.

Cumpra-me informar a V. Excia. que em virtude da premência de tempo, foi necessário que esta administração baixasse um decreto administrativo, ad-referendum dessa Câmara, sobre a mesma matéria, afim de atender a importantes trabalhos preliminares estritamente ligados aos serviços censitários, para não prejudicar as tarefas do Recenseamento Geral de 1950 já iniciados. Com a aprovação do projeto de lei que ora envio a essa Câmara e depois de sancionado por esta administração, o decreto administrativo a que refiro acima, ficará automaticamente cancelado.

Esperando, portanto, a necessária aprovação do projeto de lei em referência, antecipo os melhores agradecimentos, subscrevendo-me com elevada estima e distinta consideração.

Saudações cordiais
O Prefeito Municipal

Alfeu Gonçalves de Quadros

(Alfeu Gonçalves de Quadros)

Exmo. Sr.
Cel. João Lopes Martins
D.D. Presidente da Câmara.
MONTES CLAROS



Projeto de lei nº....

N.º

Assunto

Serviço

Delimita as áreas urbanas e suburbanas das Vilas de Patis, São Pedro da Garça e Santa Rosa de Lima, do Município de Montes Claros.

A Câmara Municipal de Montes Claros decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º- A zona urbana da Vila de Patis, fica compreendida dentro dos seguintes limites: Parte do M-1, cravado junto a uma árvore na estrada de São João da Ponte, rumo 22ºS.O. por uma extensão de 614 ms foi colocado o M-2, deste com o rumo de 89º12'N.O. segue por uma extensão de 361,30 ms ponto do M-3, daí com o rumo de 15º03'N.E. segue 527 ms. onde foi colocado o M-4 e daí com o rumo de 41º03'N.E. segue numa extensão de 98 ms., encontra-se o M-5 cravado junto a uma pequena árvore, na beira da estrada cavaleira e deste rumo 87º27'S.E. e extensão de 390 ms ponto inicial.

Art. 2º- A zona suburbana da Vila de Patis fica compreendida dentro dos seguintes limites: Parte do M-1, cravado junto a uma árvore de jatobá na margem do correço onde atravessa a estrada cavaleira de São João da Ponte, rumo 32º30'S.O. numa extensão de 920 ms. onde foi colocado o M-2, daí continua com o rumo de 89º30'N.O. até o M-3, com uma extensão de 760 ms junto a uma árvore de pau preto, no alto de uma serra e daí com rumo 33º30' N O numa extensão de 250 ms. ponto de cruzamento da estrada cavaleira com o leito do rio, dizo de um correço seco e daí por este abeiro até o marco inicial com 890 ms. de extensão.

Art. 3º- A zona urbana da Vila de São Pedro da Garça, fica compreendida dentro dos seguintes limites: Parte do M-1 na margem do rio Canabrava abeira da cerca do sr. Antonio Lopes daSilva, com o rumo de 52ºN.E. e extensão de 304,30 ms. onde se acha colocado o M-2- na margem da estrada que vai a Patis, daí segue margeando a cerca de divisa do sr. Antonio Lopes daSilva, por uma extensão de 582,30, até o M-3, cravado na beira da cerca a esquerda da estrada que vai a Santa Rosa de Lima, daí rumo 44º09'S.O. numa extensão de 580 ms. M-4 e daí rumo 17º51'S.E. numa extensão de 285 ms. ponto inicial.

Art. 4º- A zona suburbana de São Pedro da Garça fica compreendida dentro dos seguintes limites: Parte do M-1 cravado na margem do rio Canabrava rumo 50º30'N.E. por uma extensão de 508 ms. onde foi cravado o M-2, referencia em uma árvore de arceira seca, daí com o rumo de 3º45' N.E. e numa extensão de 632 ms. onde foi cravado o M-3 no pé de uma arceira, deste com o rumo de 76º45'N.O. contornando o cemitério e muda o rumo para 58º S.O. em linha réta até o M-4 com 830 ms de extensão e deste rumo 23º 45'S.E. va ao marco inicial com 690 ms.

Art. 5º- A zona urbana da Vila Santa Rosa de Lima, fica compreendida dentro dos seguintes limites: Parte de um M-1 rumo 64º N.O. com extensão de 305,10 para chegar ao M-2 cravado a margem da estrada de Montes Claros, daí rumo 33º20' N.E. e extensão de 100 quebra o rumo para 42º54' N.E. e segue pela estrada que vai a São Pedro da Garça, mais 217,70 ms para encontrar o M-4 e deste rumo 12º30'S.O. e numa extensão de 300 ms. chega ao ponto inicial.

Art. 6º- A zona suburbana de Vila de Santa Rosa de Lima, fica compreendida dentro dos seguintes limites: Parte do M-1 colocado junto a um coqueiro próximo ao correço que banha o local, com o rumo de 38º45'N.E. com a extensão de 410 ms foi colocado o M-2 junto a uma árvore de pau preto, no alto da serra e daí rumo 65º15' S.E. com a extensão de 338 ms. foi colocado o M-3 (na margem esquerda do correço



PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS

Mod. 9

N.º
Assunto
Serviço

e por este acima até o ponto inicial com aproximadamente 1.300 ms de extensão, havendo um marco nas imediações da fés de um afluente do correço.

Art. 72- Revogadas as disposições em contrário, esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta Lei pertencer que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém e declara.

Prefeitura Municipal de Montes Claros, de de 1950.

Agilberto Mendes de L.
Prefeito Municipal.

Francisco ...
Secretário.

A COMISSÃO DE Obras Públicas

Sala das Sessões, 3 Junho 1950

João Lopes ...
Presidente da Câmara Municipal

A comissão de obras publicas e de parecer que se o presente projecto, do sup. Conselho Municipal, aprovado como se acha redigido -

A comissão.
Mauro de Souza ...
Heil de Brito Alves de Freitas
João ... da Silva

Presidente da Câmara Municipal
Sala das Sessões, / 19
por
APROVADO
DISCUSSÃO